

Semanário
Director:
António Dias Lourenço

Ano 59 - Série VII - N.º 813
27 de Julho de 1989
Preço: 60\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 22 / 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

DEMOCRATAS ESTABELECEM ACORDO



Por Lisboa

**PCP, PS, MDP e «Os Verdes»
concorrem coligados ao Município e
Freguesias do concelho de Lisboa**

Editorial

Textos integrais dos acordos
Págs. 4 e 5/Semana

Reportagem da assinatura
Págs. 1 e 2/Semana

Entrevista com Luís Sá
Págs. 1, 2 e 3/Em Foco

REUNIÃO DO COMITÉ CENTRAL

Texto da Resolução aprovada na pág. 3/Semana

SORTEIO DAS EPs

 **Avante!**
Director:
António Dias Lourenço
SUPLEMENTO N.º 4
27 de Julho de 1989
Não pode ser vendido
separadamente

*O sorteio das EPs
é já no próximo dia 6*



VERÃO DE LUTA

Bancários avançam para a greve; **barcos da CP** parados; **docentes universitários** prosseguem paralizações; **trabalhadores das indústrias de chocolates e bolachas** param duas horas; na **Rodoviária** mantém-se a recusa às horas extraordinárias; **trabalhadores hospitalares** concentram-se hoje em frente ao Ministério da Saúde; **Automática Eléctrica Portuguesa** prepara formas de luta pelo pagamento do subsídio de férias

Págs. 8 e 9/Semana

Editorial

Avante!

Ano 59 — Série VII
N.º 813
27 de Julho de 1989
1.º Caderno
Não pode ser vendido
separadamente

Determinados e confiantes ao trabalho camaradas!

Que a coligação democrática «Por Lisboa» conseguiu um êxito notável com o simples facto da sua criação e formalização política e com isso dar um passo audacioso na prossecução do objectivo central que se propõe atingir — desalojar a direita da gestão autárquica da primeira cidade do País — é já uma questão incontestável e um dado adquirido quando se toma conhecimento das raiosas reacções imediatas dos próceres do cavaquismo.

Na verdade, propor-se dotar Lisboa de uma gestão democrática e anular os efeitos desastrosos dos 9 anos de gestão Abecasis/«AD», encarar um arrojado projecto já em elaboração de transformar a nossa capital numa cidade limpa, descongestionada de tráfego e ligada ao Tejo, de reabilitar o património social, cultural e económico das zonas históricas, de revitalizar o espaço público e o ambiente urbano, de devolver à população de Lisboa a sua bela cidade, são propósitos susceptíveis de encher de temor a direita coligada, em particular a sua ala mais forte — o PSD — com o seu estado-maior, o seu governo o seu próprio chefe Cavaco Silva, responsáveis pelo agravamento efectivo dos problemas cidadãos.

O espantinho do «perigo comunista» foi desde logo freneticamente agitado nas formas mais primárias pelas hostes da direita e a sua comunicação social enfeudada.

«Uma vergonha nacional», «Cunhal obteve a sua maior vitória depois do 11 de Março», «Foi reconstituída a Frente Popular» — e outros dislates do estilo foram desenterrados do estafado arsenal anticomunista e atirados pela boca fora dos dirigentes da direita cavaquista contra a coligação democrática.

O anticomunismo mais irracional tornou-se a tônica dominante de uma antecipada pré-campanha direitista para as eleições autárquicas de Dezembro.

Mas, curiosamente, nesta autêntica «guerra de nervos» visando amedrontar socialistas timoratos e elementos politicamente oscilantes da pequena e média burguesia, a destemperada campanha dos inimigos da democracia teve o condão de revelar aos olhos dos portugueses o temor, as fraquezas e o enervamento dos políticos da direita.

De facto, devemos dar razão à direita nos seus enervamentos e temores pela formalização política da coligação de comunistas, socialistas e outros democratas para as autarquias de Lisboa nas próximas eleições de Dezembro.

Pela primeira vez desde a institucionalização do regime democrático em 1976 — para não falar desde a ruptura da esquerda em 1975 — está aberta a possibilidade histórica de um entendimento entre socialistas e comunistas para viabilizar a eleição de uma equipa competente para a gestão de Lisboa, para fazer dela uma cidade onde apeteça viver, para uma participação democrática dos cidadãos numa política autárquica vinculada aos interesses fundamentais da população, para viabilizar uma política capaz de dar resposta aos graves problemas urbanísticos de uma grande cidade em crescimento que a gestão da direita, sob a fécula de Abecasis, agravou numa escala considerável.

A desastrosa gestão de Abecasis/«AD» nenhuma solução eficiente e séria forneceu para o macrocefalismo e a degradação urbana da capital.

Em vez de uma política dinâmica de habitação social a proliferação ilimitada das zonas degradadas, das barracas e dos «bairros de lata», a insalubridade habitacional, o caos urbano.

Em vez de uma política consequente de defesa do meio ambiente, de criação, ampliação e protecção de zonas verdes, as soluções urbanísticas atrabiliárias, o «taveirismo» enertado em zonas históricas ou inadequadas, as operações escusas nas expropriações demolições e construção de imóveis.

Em vez de uma política racional de melhoramento e funcionalidade dos transportes urbanos e da rede viária do interior e dos acessos da cidade — que se transformaram num inferno para os utentes e a população trabalhadora — a mais conflagradora anarquia e as soluções repressivas brutais como as que vão entrar em vigor em 1 de Agosto decretadas agora pelo Governo.

Não são problemas fáceis. São empreendimentos e medidas que exigem vultuosos meios financeiros, uma planificação e execução a médio e a longo prazo para qualquer gestão, mas totalmente irresolúveis sob a gestão atrabiliária da direita.

Como foi salientado pela Resolução do CC do PCP do dia 22, a formalização política da coligação democrática «Por Lisboa» assume uma grande importância nacional. Ela demonstra que é possível superar diferenças e divergências e promover a aproximação, o entendimento e a convergência das forças democráticas que são «a única base sólida de uma alternativa à direita».

Para que se ampliem e frutifiquem importa que se ponha resolutamente de lado os preconceitos hegemónicos, que se aprofundem os laços unitários no respeito mútuo pela independência, pelas características próprias e pela identidade de cada partido. O PCP bate-se firmemente por isso.

Importa principalmente recusar alianças com a direita e simultaneamente criar formas largas de cooperação, enquadramento e acção dos cidadãos onde quer se situem e desejem trabalhar para o bem comum sobre todos os terrenos, para o crescente florescimento do regime democrático, para o melhoramento do teor de vida dos portugueses, para a elevação das condições de ensino, de formação profissional, de emprego, de lazer, de existência da nossa juventude, de dinamização popular para o progresso económico, social e cultural do nosso País e do nosso Povo e para uma necessária resposta aos novos e complexos problemas da nossa época de mudança.

Nós, comunistas, não somos utópicos. Sabemos dos obstáculos e das contradições do caminho, das dificuldades de monta que se deparam para a materialização daqueles objectivos.

Mas sabemos também que não são insuperáveis, que as soluções inovadoras estão ao nosso alcance desde que se radique nas forças democráticas uma inequívoca vontade política de as vencer.

A coligação «Por Lisboa» foi possível pelo convencimento mútuo da validade dos princípios, dos fundamentos e dos incentivos daquela vontade política.

Será desejável que tais factores nos iluminem nas questões fundamentais da hora presente. Sim, outros compromissos foram assumidos com o PSD pelos nossos parceiros socialistas na coligação «Por Lisboa».

Também o PCP e a CDU assumiram já compromissos com outras forças democráticas para as eleições de Dezembro.

Mas há compromissos e compromissos. Uns compatíveis com os interesses da democracia e do povo, outros incompatíveis.

Ao mesmo tempo que nos dispusemos a formalizar a coligação «Por Lisboa» com o PS não podemos deixar de lamentar e de pôr em contraste os compromissos (alguns ainda em fase de renovação) entre o PS e o PSD.

Manifestamente tais compromissos não favorecem a democracia portuguesa nem a imagem democrática do PS.

É tempo ainda de um reexame da política

de alianças para as eleições autárquicas de Dezembro, é tempo de tirar ainda da formalização política da coligação «Por Lisboa» todas as consequências políticas úteis para uma necessária reformulação das alianças.

O PCP, na linha do seu XII Congresso, está aberto a uma consideração mais vasta que viabilize, alargue e robusteça as bases para uma alternativa à direita.

As condições e os termos do acordo com o PS para as eleições autárquicas de Lisboa foram possíveis porque o PCP soube fazer valer a justiça dos seus argumentos, a sua força política e eleitoral de que foram exemplo os resultados das eleições para o Parlamento Europeu e as suas fortes posições autárquicas em Lisboa e outras áreas do País.

Os comunistas e os seus aliados estão agora em melhores condições para concluir que só um PCP activo, coeso e forte e uma CDU dinâmica podem fazer valer as suas propostas, garantir regras de cooperação, entendimento e convergência entre as forças democráticas na base do respeito mútuo e de mútuas vantagens, podem aspirar a novas vitórias da democracia.

A CDU, fortemente implantada no todo nacional, parte para as eleições autárquicas de Dezembro com um activo incomparável de trabalho ao serviço das populações lá onde detém a maioria dos eleitos e a presidência de autarquias e lá onde os seus vereadores puderam exercer uma acção benéfica para os cidadãos.

Para o PCP, para todos os seus militantes e simpatizantes, o fortalecimento da organização do Partido, da sua ligação às massas, a dinamização do seu trabalho político são condições essenciais para travar com êxito as grandes batalhas políticas do futuro imediato e a mais dilatado prazo.

Nesta segunda metade do ano as eleições autárquicas de Dezembro e a realização da Festa do Avante dentro de mês e meio solicitam o activismo, a operosidade e a dedicação abnegada dos comunistas, dos homens, mulheres e jovens do nosso Partido.

A realização feliz da Festa do «Avante!» — tarefa imediata — exige dos comunistas o melhor de si próprios, exige mesmo o sacrifício de uma parte das merecidas férias, exige o exercício prático da sua incedível militância.

Determinados e confiantes, «mãos ao trabalho», Camaradas!

Resumo

19
Quarta-feira



Maria Santos, eurodeputada do Partido «Os Verdes», eleita a 18 de Junho na lista da CDU, é eleita à primeira volta para o cargo de presidente do grupo Parlamentar dos «Verdes»

no Parlamento Europeu ■ O ministro das Finanças Miguel Cadilhe é oviado pela comissão parlamentar que procede à investigação das condições em que adquiriu o andar nas Amoreiras ■ Partidos políticos, centrais sindicais e organizações de agricultores criticam o aumento dos preços dos combustíveis líquidos decretado pelo Governo PSD ■ Prossegue a greve de duas horas diárias que os trabalhadores dos STCP mantêm desde 28 de Junho ■ O general Wojciech Jaruzelski, primeiro secretário do Partido Operário Unificado Polaco, é eleito Presidente da República Popular da Polónia ■ As autoridades declaram o estado de emergência na Abkhazia, região autónoma da República Soviética da Geórgia, onde continuam os confrontos entre georgianos e Abkhazes.

20
Quinta-feira

Delegações do PCP e do PS prosseguem, a vários níveis, as negociações sobre a coligação de esquerda para a Câmara e Lisboa ■ A Associação de Inquilinos Lisboenses (AIL) acusa a Câmara Municipal de Lisboa de pretender «livrar-se» das suas responsabilidades sociais ao vender casas camarárias ■ A comissão parlamentar de inquérito aos



acontecimentos de Barqueiros pronuncia-se pela proibição definitiva da exploração de caulino no centro da freguesia, e pela averiguação de «eventual ilícito criminal» nos factos que levaram à morte de Carlos Simões a 26 de Junho ■ O ministro angolano das Relações Exteriores, Pedro Van-Dunem, denuncia em Adis Abeba as violações do cessar-fogo por parte da Unita ■ Os mineiros de Kuzbass, na Sibéria Ocidental, começam a retomar o trabalho depois de conseguirem a satisfação das suas reivindicações ■ A Cisjordânia e a Faixa de Gaza são completamente paralisadas por uma greve geral, enquanto 10 palestinianos eram feridos a tiro pelas tropas israelitas.

21
Sexta-feira

Chegam ao termo as negociações entre o PCP e o PS para a Câmara Municipal de Lisboa, com a definição das bases do programa eleitoral, do princípio da paridade nos órgãos autárquicos, os lugares de veração, os pelouros e o desenvolvimento da campanha ■ A CGTP acusa em comunicado o Governo de estar a «delapidar a riqueza pública ao privatizar as empresas nacionais» ■ Os sindicatos dos bancários decretam cinco dias de greve para 27, 28 e 31 de Julho e 1 e 2 de Agosto ■ A Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos decide manter a greve às horas extraordinárias na Rodoviária Nacional ■ Centenas de agricultores do Bombarral bloqueiam a EN 8 exigindo que o Governo pague os 15 mil contos de fruta destruída há uma semana ■ Perez de Cuellar, secretário-geral da ONU termina uma visita à Namíbia, manifestando confiança na realização de eleições livres em Novembro, conduzindo à independência do território.

22
Sábado

O Comité Central do PCP e a Comissão Nacional do PS ratificam os termos do acordo de coligação para as eleições para os órgãos autárquicos de Lisboa ■ Sete mil reformados participam no encontro nacional realizado no Seixal, e denunciam a pobreza em que vivem os reformados portugueses ■ Mais de uma centena de sismos são registados na Ilha de São Miguel, na sequência da crise sísmica iniciada a 13 deste mês ■ As negociações entre o governo de Angola e a UNITA são interrompidas por iniciativa do presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko ■ Joaquim Chissano, presidente da RP Moçambique anuncia no Maputo que o presidente do Quênia, Arap Moi, e o primeiro-ministro do Zimbábue, Roberto Mugabe, vão ajudar o seu país a pôr fim ao conflito que dura há 14 anos ■ Três roquetes disparados pelos rebeldes sobre a capital afegã, Kabul, provocam pelo menos quatro dezenas de mortos e cerca de cem feridos.

23
Domingo

É formalizada a coligação «por Lisboa» com a assinatura de uma corda entre o PCP, o PS, o MDP e «Os Verdes», incidindo sobre as eleições para todos os órgãos autárquicos do município de Lisboa. O compromisso dos candidatos da coligação é a «devolução à população da sua cidade» ■ O Partido Liberal Democrático no poder no Japão há mais de 40 anos perde a maioria absoluta que detinha no Senado. Nestas eleições para renovação de metade da Câmara os

grandes beneficiados são os socialistas que duplicam o número de lugares ■ O bloco Likud e o Partido Trabalhista de Israel conseguem chegar a um compromisso para a manutenção do governo chamado de «unidade nacional» ■ O Conselho de Ministros da OUA aprova em Adis Abeba uma resolução em que apela à realização de eleições livres na Namíbia e condena a actuação das forças da UNTAG nesta fase de transição ■ Com a vitória do norte-americano Greg Lemond chega ao fim a Volta à França, e em Marco de Canaveses tem início a 51.ª Volta a Portugal em Bicicleta

24
Segunda-feira

O presidente da República Mário Soares recebe em audiência uma delegação do PCP, tendo sido analisadas a situação política actual e a data das próximas eleições autárquicas, que o PCP propõe se realizem a 10 ou 17 de Dezembro ■ O PSD de Setúbal acusa o PS de inviabilizar coligações entre os dois partidos para as câmaras do distrito, pondo em causa os compromissos para Setúbal e Montijo ■ Apesar das promessas feitas por Kruz Abecasis os comerciantes do Martim Moniz recebem notificações de despejo, com efeitos a partir do mês de Agosto ■ O presidente moçambicano Joaquim Chissano inaugura os trabalhos do V Congresso da Frelimo a decorrer em Maputo ■ O presidente da URSS Mikhail Gorbachev anuncia a realização urgente de reuniões entre comités regionais e locais do PCUS com os representantes dos mineiros em greve ■ Termina sem qualquer acordo, em França, o primeiro encontro entre o chefe do governo do Camboja, Hu Sen, e o chefe da oposição armada, Norodom Sihanouk.

25
Terça-feira

Bancários decidem greve nacional de cinco dias, em luta por uma revisão salarial que cubra a inflação e permita recuperar o poder de compra perdido ■ Comunistas e socialistas abandonaram o homicídio de Estraburgo, quando da intervenção do decano da Assembleia, Claude Autant-Lara, eleito pela Frente Nacional (fascista) de Le Pen. O socialista espanhol Enrique Baron Crespo, obteve a presidência do Parlamento Europeu ■ Estudantes candidatos ao ensino superior, em planário realizado na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, exigiram anulação de provas ■ Unita abate um avião angolano, causando a morte de 42 pessoas, numa grave violação do cessar-fogo acordado em Gbadolite ■ A grande maioria dos mineiros soviéticos em greve, regressa ao trabalho, após encontros entre os seus representantes e o primeiro-ministro, Nikolai Ryjkov ■ A primeira sessão das conversações entre o primeiro-ministro cambodjano e os chefes dos três grupos de oposição, em Paris, foram interrompidas.

Avante!

Problemas de todos os países UNI-VOS

O jornal
dos trabalhadores
da democracia
e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido
Comunista Português. Rua Soeiro
Perreira Gomes — 1699 — Lisboa
COD. EX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua
Sócio Perreira Gomes — 1699 Lisboa
COD. EX. Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
R. Santos Dumont, 57-3.º
— 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:
CDL Central Distribuidora Livreira,
SARL. Serviços Centrais: Av.
Santos Dumont, 57-2.º —
1000 Lisboa,
Tel. 73 22 75/76 11 31 73 48 17

Casa da Vanda em Lisboa: Rua do
Século, 80 — 1200 Lisboa
Tel. 32 19 16

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º, Esq.º
— 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 — Vanda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

ALTERAÇÕES
DE ÚLTIMA HORA
Tel. 90 00 44

Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 576 —
4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 — Coimbra
Tel. 28394

PUBLICIDADE CENTRAL:
Alameda St.º António dos Capuchos,
6-8 — 1100 Lisboa. Tel.
77 89 36/77 67 50
Porto — Rua do Almada, 18-2.º,
Esq.º
— 4000 Porto. Tel. 36 10 67

Composto e impresso na Heska
Portuguesa — R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/88



• **PS, PCP, MDP/CDE e PEV assinam acordo para a Câmara**

Por Lisboa

A sala estava cheia: apoiantes das quatro forças signatárias do acordo «Por Lisboa» e, sobretudo, um batalhão de jornalistas que, nas filas da frente para si reservadas, não pararam um momento no bulício característico dos grandes «registos»,

deram ao acto público realizado no passado domingo na sala Bruxelas do Hotel Altis a solenidade e o brilho dos grandes acontecimentos. Pouco depois do meio-dia (hora aprazada — e cumprida — para o início da sessão) o PS, o PCP, o

MDP/CDE e o Partido Ecológico «Os Verdes» formalizavam o acordo de constituição de uma coligação para concorrer às eleições de Dezembro para todos os órgãos autárquicos do Concelho de Lisboa com o objectivo expresso de desalojar a direita da ges-

tão do mais importante município do País, interrompendo assim o desastre que já feriu profundamente a cidade e, ao mesmo tempo, abrindo caminho a uma política ao serviço da capital e dos seus habitantes.

Concretizava-se assim,

numa cerimónia com a desenvoltura e a brevidade das coisas já decididas, um acordo que foi procurado nas duas últimas semanas através de intensas conversações fundamentalmente protagonizadas pelas principais forças signatárias, o PS

e o PCP. Tratou-se de um acontecimento de importância nacional, quer pelo objectivo visado — a conquista da autarquia mais significativa do País com a conjugação de



Declaração de Luís Sá

Chegamos a este momento com uma justificada alegria que não será certamente só nossa mas também de muitos sectores e tendências democráticas de Lisboa e de Portugal.

A aproximação, o diálogo, o entendimento e convergência democrática, no respeito pela identidade de cada partido, abriram a perspectiva de construir uma alternativa com reais possibilidades de pôr termo à gestão demolidora da direita.

Temos a convicção profunda de que para o acordo a que chegámos contribuiu a vontade e a luta da população e a sua profunda aspiração de encontrar na unidade uma alternativa à direita.

Correspondendo a esta vontade, negociámos intensamente nos últimos dias no sentido de construir a coligação «Por Lisboa».

Para além de todas as imensas dificuldades objectivas que a negociação de uma coligação para a Câmara, Assembleia Municipal e Freguesias entre forças tão diferentes representa, prevaleceu a vontade política de convergência. Creio que podemos afirmar que o diálogo democrático é uma tarefa árdua, mas que vale a pena.

Trabalhámos para uma unidade ainda mais larga. Lamentamos que não tenha sido possível até agora.

Continuaremos a trabalhar para que a coligação «Por Lisboa» possa ainda receber o apoio de outros partidos e personalidades.

Estamos convictos que com a concretização deste acordo está criada uma das condições básicas para interromper a desastrosa gestão de direita e abrir perspectivas para um mandato com um sentido e uma orientação diferente e oposta à actual.

Lisboa foi submetida durante uma década a uma gestão que marcou, nalguns aspectos de forma dramática, a cidade, as suas características e as condições de vida da população. Os dez anos de gestão de direita submeteram Lisboa a uma situação de abandono, anarquia e pilhagem urbanística, empobrecendo-a e degradando-a.

Recuperar, desenvolver e modernizar a cidade, no respeito pelas suas características e propiciar ao povo de Lisboa a sua permanência numa cidade mais segura e mais cómoda, constituem objectivos da maior importância.

Há que garantir uma estratégia de planeamento e ordenamento que transforme Lisboa num espaço organizado, ao serviço de quem nela vive ou trabalha. Há que assegurar a participação activa e criativa da popu-

lação, designadamente da juventude. Há que empreender uma gestão aberta, eficaz e transparente, que abra as portas da gestão municipal, até hoje fechadas, às aspirações e interesses da população e da cidade.

Para realizar estes objectivos vamos hoje concretizar a fusão das candidaturas a Presidente da Câmara de Jorge Sampaio pelo PS e outras forças e de Rui Godinho e José Saramago pela CDU numa candidatura da coligação «Por Lisboa» com Jorge Sampaio como primeiro candidato à Câmara e José Saramago como primeiro candidato à Assembleia Municipal.

Integraremos na actividade da futura vereação todo o património de conhecimentos e de dedicação à cidade, corporizado pelos eleitos do PCP e da CDU.

Os nossos parceiros da coligação «Por Lisboa» podem contar com o empenho constante e leal, antes e depois das eleições, no objectivo de pôr fim à gestão demolidora de direita e abrir uma época nova para Lisboa e a sua população.

Renovamos o apelo para que os trabalhadores, os democratas, os homens e mulheres progressistas e todas as forças de esquerda apoiem a coligação «Por Lisboa» e contribuam para a sua vitória sobre a direita.

Lisboa, 23 de Julho de 1989

Poder Local



Francisco Lopes, do Secretariado do CC do PCP, quando divulgava os textos dos acordos da coligação «Por Lisboa»

A bomba

Estava o doutor Cadilhe imbuído do mais profundo espírito nacionalista a trocar de casas como quem muda de camisa;

Estava o mesmíssimo preclaro ministro a atalhar caminhos no labirinto legislativo para comprovadamente provar a legitimidade não só de não pagar ao Estado o que ao Estado se diz ser devido como ainda, performance das performances, receber do mesmo umas dezenas de contos de réis por mês em subsídio de habitação destinado a quem em Lisboa não tem habitação apesar das duas casitas apalaçadas em que já vão as suas experiências residenciais na capital com escritura e registo como de resto manda a lei;

Andava a inefável ministra da Saúde a despachar com expedita ligeireza ordens de compra e venda de bens, serviços, móveis e imóveis, conselhos e publicidade, estudos e planos, projectos e anteprojectos de amigos, conhecidos e correlativos, sem esquecer no caminho de despachar médicos e tarefeiros, enfermeiros e afins, hospitais e maternidades, serviços de urgência e especialidades, sem vãs detenções que as ditadas pelo seu muito elementar embora discutível senso comum;

Andava o ministro Mira Amaral por terras de Portugal a clamar as virtuosidades do nacional e governamental conceito de progresso desempregam-se aqui umas dezenas, além umas centenas, quiçá até uns milhares de trabalhadores e volta tudo às origens da civilização, que como é público e notório quer dizer para a santa terrinha cavar batatas de preferência — sinal da modernidade — à sombra de uns eucaliptos;

Estava o ministro da Educação pedagogicamente a brincar às escondidas com os professores, hoje os primários, amanhã os básicos, no outro dia os secundários sem esquecer evidentemente os superiores que em democracia cabe a vez a todos, sabe-se lá se tacteando terreno para a revolucionária implementação de novas modalidades de tempos livres que à falta de aulas e cursos entretenham docentes e discentes;

Estava enfim, para encurtar razões que não exemplos por dê mais a sobejar por aí, o próprio Cavaco Silva, primeiro-ministro de profissão e chefe do PSD de vocação a preparar-se para mergulhar o dedo grande do pé, seguido da perna direita e da perna esquerda e do corpo todo como homem escorreito que é na necessidade consabidamente nacional que é o tanque disfarçado de piscina mandado construir na residência oficial para refrescar suores da política nacional;

Estava e andava tudo isto e o mais que se não disse a processar-se na mais harmoniosa, dialogante, consensual e concertada paz à portuguesa, quando, horror dos horrores, rebentou a bomba que abalou as estruturas da nação para já não falar das muito possíveis e imprevisíveis consequências internacionais.

A cuja foi, como registado ficou em jornais, rádios, televisão, reuniões abertas e fechadas, restritas e alargadas, discussões à mesa do café, padarias, transportes e mais locais usuais, a cuja foi, dizia, o acordo das forças de esquerda para a Câmara de Lisboa que a propósito dá pelo nome Por Lisboa. Até à hora da verdade, ou seja o anúncio oficial e formal por quem de direito do dito acordo, ninguém queria acreditar.

Confirmada a fatídica ocorrência as reacções nem se fizeram esperar: uma traição, um escândalo, uma vergonha nacional, uma tramóia para 1991, um quem nos acode, e agora?, e agora?

Marcelo Rebelo de Sousa armado candidato de vassoura em punho no acidentado caminho para a edilidade lisboeta, até teve um pesadelo: sonhou com aqueles bailes populares onde, terminada a música, quem não arranja par fica com a vassoura... e sai da roda. Até é capaz de estar convencido ser mais uma das invenções dos comunistas.

Suspensão o programa do Governo que vínhamos relatando com tão assombroso acontecimento desconhece-se o desenrolar da história que promete dar muito pano para mangas.

Chama-se a atenção do público para os próximos capítulos.

■ A.F.

esforços dos dois maiores partidos democráticos — quer pelo significado político de tal acordo que, naturalmente, impõe um enquadramento ao nível da responsabilidade dos partidos em presença no panorama político do País.

A presença maciça da Comunicação Social na cerimó-

nia correspondeu, de resto, às expectativas geradas pela eventualidade da concretização deste acordo que, sublinhe-se, constitui uma necessidade há muito reclamada quer pelo PCP quer pela população de Lisboa, espectadora e vítima, na última década, da depredação da capital por uma gestão escandalosa-

mente incompetente praticada pela direita e encabeçada pelo engenheiro Abecasis. Com a coligação «Por Lisboa» está, finalmente, aberto o caminho a uma gestão ao serviço da cidade e dos seus habitantes.

Assinaram o acordo, por parte do PS, Lopes Cardoso,

Ferro Rodrigues, Vasco Franco, João Proença e António Costa; por parte do PCP, Luís Sá, Octávio Pato, Francisco Lopes, António Andrés e Jorge Cordeiro; pelo MDP/CDE, Fernando Silveira Ramos e Maria Alfredo Cruz; pelo Partido «Os Verdes», André Martins e Isabel Castro.

Declaração de Lopes Cardoso

Após dez anos de gestão pela direita da Câmara Municipal de Lisboa, tornava-se evidente para todos os lisboetas que era preciso oferecer à cidade uma solução alternativa, susceptível de salvar o que de bom nela resta e de impedir a sua crescente destruição, como local de convívio, de alegria participada, de construção colectiva.

A variante menor que a coligação PSD/PS veio agora apresentar ao eleitorado (representando o reconhecimento por parte do partido do Governo da sua própria fraqueza) só tornava mais sombrio o futuro da cidade, perfilando no horizonte o prosseguimento de uma política que tem vindo a desfigurar Lisboa, nalguns casos de forma irreversível.

Era, por isso, imperioso encontrar uma resposta capaz de dar voz e corresponder aos anseios de todos quantos apostam numa nova forma de administrar a cidade, que ponha termo ao caos, ao improvisado, ao populismo demagógico, à opacidade de processos, às decisões arbitrarias, ao desprezo, enfim, pelos interesses da maioria da população.

O Partido Socialista empenhou-se na busca e na construção dessa resposta, não hesitando o seu próprio secretário-geral em protagonizá-la, nem em prosseguir conversações com diversas forças políticas no sentido de congregar esforços com vista à transformação, necessária, desejada e urgente da vida cidadina.

Este empenhamento e estes esforços acabaram por se traduzir no acordo assinado há momentos.

A coligação subscrita pelo PS, com o PCP, o MDP e «Os Verdes» e encabeçada pelo secretário-geral do

Partido Socialista, Jorge Sampaio, era, na conjuntura, a resposta adequada à recusa do PSD em, sozinho, medir forças com o PS.

Mas é também uma resposta que visa devolver Lisboa aos lisboetas.

É uma solução ganhadora e capaz de englobar e galvanizar todos os que contrapõem a uma Lisboa, suja, caótica, sem qualidade de vida, onde uma multidão de solitários tem de se vergar à vontade omnipotente dos burocratas e dos especuladores, uma Lisboa onde impere a vontade solidária dos seus habitantes.

E este é também o momento para dizer que o acordo homenageia aqueles que o celebraram, e que o Partido Socialista se congratula com ele.

É um acordo responsável e claro nos seus múltiplos aspectos — políticos, organizativos, programáticos — e um acordo claramente dado a conhecer através dos documentos aqui distribuídos.

Acordo transparente, ele é um exemplo da transparência da nossa acção — hoje aqui, amanhã na administração da Câmara.

Os interesses, as vontades e até a imaginação de todos os lisboetas foram postos à frente de mesquinhos interesses partidários. Por outro lado, este acordo esgota-se na documentação distribuída: não há cláusulas secretas.

O PS empenha a sua boa-fé numa gestão camarária transparente como a metodologia que permitiu chegar ao acordo hoje celebrado.

Um acordo com Lisboa e para Lisboa.

E sobretudo um acordo por Lisboa.

ATÉ AMANHÃ CAMARADAS de Manuel Tiago

O GRANDE ROMANCE DA CLANDESTINIDADE
E DA RESISTÊNCIA AO FASCISMO
EM PORTUGAL

edições
Avante!



PCP

Resolução do CC do PCP

Sobre a coligação «Por Lisboa» as eleições autárquicas e a situação económica e social do País

I
O Comité Central do Partido Comunista Português apreciou e deliberou ratificar as bases do acordo de coligação «Por Lisboa» formada pelo PCP com o PS, o PEV e o MDP, para concorrer, em Dezembro de 1989, a todos os órgãos autárquicos do Município de Lisboa.

O Comité Central salienta que este acordo assume uma grande importância na vida política nacional, confirmando as orientações do XII Congresso do PCP de que a aproximação, o entendimento e a convergência das forças democráticas são a única base sólida de uma alternativa à direita.

O PCP regozija-se pela constituição da coligação «Por Lisboa» que corresponde às múltiplas propostas e iniciativas tomadas pelos comunistas tendo em vista arringar a gestão desastrosa da direita do município da capital e substituí-la por uma gestão democrática capaz de interpretar os interesses da cidade.

O Comité Central considera que o acordo de coligação celebrado entre o PCP, o PS, o PEV e o MDP salvaguarda questões essenciais em relação às linhas programáticas, à campanha, à composição das listas e à atribuição de responsabilidades na futura gestão autárquica.

O Comité Central do PCP, sublinhando uma vez mais que o espírito de diálogo e o respeito pela identidade de cada força democrática são a condição essencial do entendimento e da convergência, lamenta as posições do PS que tornaram impossível a integração do PRD e de outras forças democráticas na coligação.

O PCP apela aos trabalhadores, aos democratas, aos homens e mulheres progressistas e a todas as forças de esquerda para que deem o seu apoio à coligação «Por Lisboa» e contribuam decididamente para a sua vitória sobre a candidatura da direita.

II

O Comité Central apreciou igualmente o andamento da preparação das eleições autárquicas noutros municípios e freguesias.

A propósito, o Comité Central deliberou:

— Reafirmar que a CDU com os seus atributos de trabalho, honestidade e competência é a alternativa em todas as situações em que o PS recusou e recusa as propostas de coligação com o PCP que lhe foram apresentadas para derrotar a direita;

— Apreciar favoravelmente as negociações em curso com o PRD, especialmente as que têm em vista a apre-



Reunião plenária do CC no passado sábado

sentação de uma candidatura de coligação ao município de Setúbal;

— Confirmar a orientação, claramente decorrente do XII Congresso do PCP, de concorrer com listas da CDU aos órgãos autárquicos de todos os outros municípios e ao maior número possível de freguesias;

— Intensificar os esforços para alargar as listas e os apoios da CDU, bem como das suas comissões coordenadoras e desenvolver um trabalho intenso de contactos e de prestações de contas às populações e para a preparação dos programas eleitorais;

— Considerar de grande gravidade a persistência das alianças do PS com o PSD em Setúbal e a sua eventualidade no Montijo e em Vila Real de Santo António e afirmar o empenhamento do PCP para devolver estes municípios nas próximas

eleições autárquicas a uma gestão democrática capaz de assegurar a defesa dos interesses e aspirações das suas populações.

III

O Comité Central do PCP apreciou ainda a evolução da situação económica e social e verificou a preocupante evolução negativa da conjuntura económica e a crescente degradação das condições e nível de vida da generalidade dos trabalhadores, de camadas médias e dos pensionistas, reformados e deficientes.

Os défices externos continuam a aumentar. A inflação prossegue uma evolução ascendente tendo atingido em Junho os 13,2%.

A persistência dos cortes ao crédito interno disponível para as empresas produtivas e o aumento das taxas de

juízo, transformaram-se já num dos principais constrangimentos com que se defronta a grande maioria das empresas portuguesas, em especial das pequenas e médias empresas.

O processo de privatizações em curso, prosseguindo a ofensiva contra o sector público, tem-se caracterizado pela delapidação do património público a preços manifestamente inferiores ao seu valor e na cedência ao capital estrangeiro de posições importantes nas empresas públicas (UNICER, BTA, EPSI, CNP) e enfraquece as possibilidades de a economia portuguesa manter em Portugal os seus principais centros de decisão no quadro de uma crescente concorrência externa. Este enfraquecimento é agora ainda mais agravado com o anúncio da privatização de todo o sector cervejeiro, do

IV

O Comité Central do PCP apreciou o processo que conduziu à formação do Grupo

«Coligação de Esquerda» no Parlamento Europeu em que se integram os deputados do Partido Comunista Português, do Partido Comunista Francês, do Partido Comunista Grego (Coligação de Esquerda e do Progresso) e do Partido dos Trabalhadores da Irlanda.

O CC lamenta profundamente que, apesar dos grandes esforços desenvolvidos pelo PCP, não tenha sido possível assegurar a continuidade e aperfeiçoamento do Grupo «Comunistas e Afins» em que os seus deputados se encontravam integrados, em consequência da decisão unilateral tomada pelo PCI e posteriormente pelo PCE de formar um novo Grupo. A divisão assim traduzida representa sérios prejuízos para a necessária cooperação dos comunistas, a defesa dos interesses dos trabalhadores e os ideais do progresso social e do socialismo.

Os deputados do PCP ao Parlamento Europeu agora integrados no Grupo Coligação de Esquerda, continuarão a actuar no Parlamento Europeu como sempre fizeram norteados pela defesa dos interesses e da soberania nacionais, dos direitos dos trabalhadores, por uma política de progresso e desenvolvimento económico, pela paz, o desanuviamento e a cooperação internacional.

Os deputados do PCP ao Parlamento Europeu continuarão a trabalhar para a convergência, a cooperação e do reforço das forças progressistas e democráticas, das organizações sociais e sindicais dentro e fora do Parlamento Europeu.

V

A evolução da situação económica, social e política do País e o prosseguimento da ofensiva contra-revolucionária contra as conquistas democráticas exigem de todo o Partido uma grande vigilância, redobrada actividade e o reforço da sua ligação às massas.

Nesta perspectiva, a Festa do «Avante!» 89, a realizar no seguimento do êxito eleitoral da CDU para o Parlamento Europeu, reveste uma grande importância e pode contribuir decisivamente para a dinamização da campanha para as eleições autárquicas.

O Comité Central apela ao empenhamento das organizações e dos militantes do Partido para todo fazerem para que a Festa do Avante 89 seja uma grande afirmação da força, criatividade, capacidade organizativa e influência do PCP e um grande acontecimento na vida política, artística e cultural do nosso país.

Lisboa, 22 de Julho de 1989

O Comité Central do Partido Comunista Português

• PS, PCP, MDP/CDE e PEV «Por Lisboa»

Os termos do acordo

Lisboa tem condições históricas e geográficas para ser uma grande capital do mundo aberta à circulação dos cidadãos, dos conhecimentos, das ideias, das culturas, dos serviços e das mercadorias.

Por Lisboa vale a pena lutar.

O Partido Socialista — PS, o Partido Comunista — PCP, o Movimento Democrático Português — MDP/CDE, e o Partido Ecologista «Os Verdes» — PEV decidem constituir uma Coligação para concorrer, em Dezembro de 1989, a todos os órgãos autárquicos do Município de Lisboa.

O candidato à Presidência da Câmara da Coligação «Por Lisboa» do PS, PCP, MDP e PEV será Jorge Sampaio e o primeiro candidato à Assembleia Municipal será José Saramago.

A Coligação usará a denominação «Por Lisboa» a sigla PS/PCP/MDP/PEV e um símbolo composto a partir dos símbolos dos partidos coligados.

Os partidos acima citados decidem igualmente acordar os seguintes aspectos:

1. Princípios que informam a coligação PS/PCP/MDP/PEV, a candidatura por Lisboa, o candidato à presidência da Câmara de Lisboa Jorge Sampaio

• **Autonomia e convergência.** Os Partidos integrantes da Coligação «Por Lisboa», e o candidato à presidência da Câmara Jorge Sampaio, sem prejuízo da autonomia e capacidade de iniciativa própria, de uns e de outro, empenhar-se-ão de forma convergente para o êxito eleitoral nas autárquicas de 1989 no Município de Lisboa.

• **Diálogo e maximização do consenso.** Os Partidos integrantes da Coligação procurarão em clima de diálogo, superar as eventuais dificuldades surgidas no desenvolvimento da sua acção política, visando o sucesso eleitoral no Município de Lisboa, através da busca de soluções maximizadas dos consensos necessários.

• **Abertura e participação.** Todos os componentes deste processo esforçar-se-ão para a criação de uma dinâmica política em que a abertura a cidadãos independentes e a participação destes na campanha eleitoral permita o efectivo alargamento do âmbito político da candidatura, ultrapassando as fronteiras partidárias.

• **Trabalho em equipa, com relevo para as ideias e o projecto para Lisboa.** Em todas as estruturas da Coligação, entre todos os eleitos, o tra-

balho em equipa e o acento tónico nas ideias e no projecto para Lisboa deverá ser uma preocupação permanente.

2. Princípios programáticos para uma nova gestão da cidade de Lisboa

A Coligação «Por Lisboa» assumirá um compromisso com a cidade e a população no sentido de salvar Lisboa da degradação patrimonial, ambiental e de condições de vida que se vêm verificando nos últimos anos, recuperando-a e desenvolvendo-a.

No exercício do seu mandato, os eleitos da Coligação empenham-se na devolução à população de Lisboa da sua cidade.

Nesse sentido orientarão a sua acção através de critérios de **planeamento e ordenamento da cidade, da participação activa e criativa da população com destaque para a juventude, a eficácia no funcionamento dos serviços municipais, assegurando uma gestão aberta e transparente.**

Na prossecução dos princípios definidos, o programa visará os seguintes objectivos:

1 — Revitalização do espaço público e ambiente urbano, transformando Lisboa numa cidade limpa, segura, descongestionada de tráfego e ligada ao rio e que ofereça aos seus habitantes condições de vida dignas e agradáveis.

2 — Reabilitação patrimonial, social, cultural e económica das zonas históricas.

3 — Requalificação das áreas periféricas (Zona



gestão dos bairros municipais.

6 — Melhoria das condições de circulação e dos transportes, dando prioridade aos transportes públicos e ao estacionamento.

7 — Disciplinar a promoção imobiliária, através de regras transparentes de gestão urbanística e da regulação do mercado de solos para assegurar o crescimento diversificado da cidade, evitando níveis de densificação inoportunos, salvaguardando os impactos no trânsito, no estacionamento e nos equipamentos e tendo em consideração o perfil urbano e as alterações no uso social do parque imobiliário.

teriais e financeiros do Município.

12 — Adopção de uma política aberta, eficaz e transparente na gestão municipal, descentralizando competências e meios para as freguesias, criando condições de acesso e participação das populações e agentes sociais e económicos, desburocratizando e combatendo a corrupção.

13 — Adopção de uma política de compatibilização metropolitana, de diálogo, de cooperação e de associação com os municípios da Região de Lisboa, para a resolução concertada dos problemas que derivam da interdependência e a acção junto da Administração Central.

Os grandes objectivos e princípios programáticos aqui presentes terão o necessário desenvolvimento ao nível da enunciação das acções aquando da elaboração do Programa Eleitoral e do Programa de Emergência a apresentar oportunamente pela Coligação.

3. Composição das listas e candidatos

• **Lista para a Câmara Municipal:** N.º 1 — PS; N.º 2 — PCP; N.º 3 — PS; N.º 4 — PCP; N.º 5 — PS; N.º 6 — PCP; N.º 7 — PS; N.º 8 — PCP; N.º 9 — PS; N.º 10 — MDP; N.º 11 — PEV; N.º 12 — PS; N.º 13 — PCP; N.º 14 — PS; N.º 15 — PCP; N.º 16 — PEV; N.º 17 — MDP.

Os suplentes serão distribuídos alternadamente entre o PS e o PCP, sendo o primeiro suplente do PS.

• **Lista para a Assembleia Municipal:** N.º 1 — PCP; N.º 2 — PS; N.º 3 — PEV; N.º 4 — MDP; N.º 5 — PS; N.º 6 — PCP; N.º 7 — PS; N.º 8 — PCP; N.º 9 — PS; N.º 10 — PCP; N.º 11 — PS; N.º 12 — PCP; N.º 13 — PS; N.º 14 — PCP; N.º 15 — MDP; N.º 16 — PS;

N.º 17 — PEV; N.º 18 — PS; N.º 19 — PCP; N.º 20 — PS; N.º 21 — PCP; N.º 22 — PS; N.º 23 — PCP; N.º 24 — PS; N.º 25 — PCP; N.º 26 — PS; N.º 27 — PCP; N.º 28 — PS; N.º 29 — MDP; N.º 30 — PS; N.º 31 — PEV.

Os restantes lugares efectivos e suplentes serão distribuídos alternadamente entre o PS e o PCP, sendo o 32.º do PS.

Os partidos integrantes da Coligação apoiarão a candidatura de José Saramago para Presidente da Assembleia Municipal.

• Freguesias

1 — **Atribuição dos cabeças de lista da Coligação nas 53 freguesias da cidade**

PCP (26) — Ajuda, Alcântara, Alto Pina, Alvalade, Ameixoeira, Beato, Carnide, Castelo, Charneca, Lapa, Madalena, Mártires, Marvila, Pena, Prazeres, Sacramento, Santiago, Santo Condestável, S. Domingos Benfica, S. Engrácia, S. Estevão, S. João, S. José, S. Justa, S. Miguel, S. Vicente.

PS (27) — Anjos, Arroios, Belém, Benfica, Campo Grande, Campolide, Coração de Jesus, Encarnação, Fátima, Graça, Lumiar, Mercês, Olivais, Penha Franca, Santos, Santa Catarina, S. Cristóvão, S. Francisco Xavier, S. Isabel, S. João de Brito, S. João de Deus, S. Mamede, S. Nicolau, S. Paulo, S. Sebastião da Pedreira, Sé, Socorro.

2 — **Crerios e princípios gerais a considerar na constituição das listas e dos órgãos da Freguesia (Junta e Mesa da Assembleia).**

Salvo situação de excepção a dirimir ao nível concelhio da Coligação, foram acordados os seguintes princípios:

a) A presidência da Assembleia de Freguesia será atribuída ao principal partido da Coligação que não dete-

nha a presidência da Junta de Freguesia respectiva;

b) Na Junta de Freguesia a força que detenha a presidência atribuirá ao outro principal partido da Coligação o cargo de secretário;

c) Na constituição do órgão Junta de Freguesia e na distribuição dos pelouros dever-se-á a nível local procurar o consenso entre as principais forças da Coligação, na base do princípio de uma equilibrada distribuição de pelouros;

d) Na composição da lista deverá presidir o princípio da sucessão alternada no ordenamento da lista.

3. — Representação do MDP e de Os Verdes

Os dois pontos anteriores não impedem a negociação envolvendo tanto o MDP/CDE como o PEV para a sua eventual participação a todos os níveis nas listas para a Assembleia de Freguesia e nos órgãos das freguesias.

4. Estruturas da Coligação e da candidatura

• **Mandatário da Coligação «Por Lisboa»** — um independente

• **Comissão Executiva da Candidatura «Por Lisboa»** — membros dos partidos da Coligação, o mandatário e outros independentes.

O mandatário representa a Coligação juridicamente e a candidatura politicamente.

A Comissão Executiva coordenará a campanha e organiza-se em grupos de trabalho de composição mista (partidária e independente).

Haverá reunião entre Partidos da Coligação, sempre que necessário, por iniciativa de qualquer deles visando a promoção da convergência das acções da campanha até à realização das eleições autárquicas.

Lisboa, 23 de Julho de 1989

Acção até final do actual mandato

* Consultas regulares sobre os principais assuntos constantes da agenda por forma a compatibilizar as respectivas intervenções.

* Chamamento ao Plenário da CML dos principais projectos.

* Informação regular sobre projectos apreciados na Comissão de Urbanismo.

Oriental, Lumiar, Carnide/Benfica e Alcântara/Ajuda) dando-lhes coerência urbanística, visando novos pólos de actividade e dotando-as de equipamentos e serviços característicos de centro urbano.

4 — Integração no tecido urbano da cidade dos equipamentos sociais da competência municipal, necessários à colmatação das carências existentes nomeadamente na área social, no plano das escolas e da animação sociocultural.

5 — Melhoria das condições de habitação através do realojamento das populações que vivem nos bairros degradados, da recuperação e conservação do parque habitacional e de uma nova

8 — Desenvolvimento de um projecto cultural e de lazer, potenciado pelas diversas identidades socioculturais da população e valorizando Lisboa como pólo cultural do País e ponto de encontro de diversas culturas e raízes.

9 — Promoção de uma política desportiva que permita um grande envolvimento e participação da população e dos agentes desportivos.

10 — Apoiar a comunidade técnica e científica e a transformação das actividades produtivas através da criação de «ambientes» propícios ao desenvolvimento da inovação e da iniciativa.

11 — Aproveitamento e desenvolvimento dos recursos humanos, técnicos, ma-

Protocolo adicional

Os signatários acordam os seguintes compromissos:

I – Aspectos introdutórios

A) A autonomia dos partidos da Coligação manifesta-se pela possibilidade de realização de iniciativas próprias que identifiquem a sua responsabilidade, com um sentido de convergência e mencionando de forma evidente a designação, a sigla e o símbolo da Coligação. As acções com impacto público significativo deverão ser comunicadas com a antecedência possível à Comissão Executiva.

B) A autonomia do candidato Jorge Sampaio manifesta-se nomeadamente pela possibilidade de dispor de conselheiros e equipas técnicas de apoio e pela possibilidade de designar um seu porta-voz.

C) O independente que será mandatário da Coligação será designado ouvidas sugestões dos partidos da Coligação e obtido o consenso destes.

D) Os 4 Independentes que participam na Comissão Executiva serão designados por Jorge Sampaio, ouvidos os partidos da Coligação e obtido o consenso destes.

E) Farão parte da Comissão Executiva, para além do mandatário e dos 4 Independentes, 4 pessoas

designadas pelo PS, 4 designadas pelo PCP, 1 pelo P.E.V. e 1 pelo MDP.

O candidato à Presidência da Câmara participa quando entender nas reuniões da Comissão Executiva.

F) Cada um dos partidos obriga-se a participar nas iniciativas decididas pela Comissão Executiva a que o mesmo tenha dado o seu acordo.

II – Iniciativas da coligação

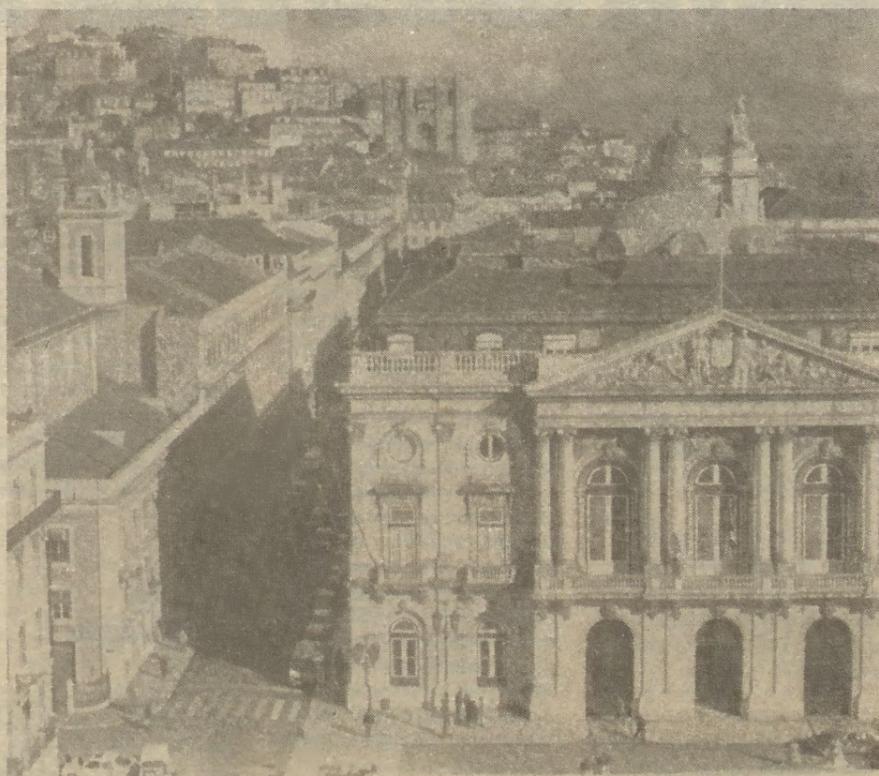
A) As iniciativas da Coligação (entre as quais se incluem comícios, sessões e encontros com a imprensa) devem ter em conta a diversidade das componentes da Coligação. Nessas iniciativas devem intervir sempre de forma equilibrada candidatos dos partidos da Coligação, sem prejuízo da participação de independentes.

B) Considera-se iniciativas centrais da campanha nomeadamente:

- apresentação da Coligação
- apresentação dos candidatos
- Inauguração da sede
- apresentação do programa eleitoral
- abertura da campanha
- encerramento da campanha.

C) Propaganda (materiais da Coligação):

1. Bandeira, pano, pendão e cartaz RED com



nome, sigla, símbolo, palavra de ordem da Coligação

2. Cartaz da campanha da Coligação
3. Cartaz da personalização múltipla dos principais candidatos à CML e cabeça de lista à AML, com destaque para o candidato à Presidência da Câmara, Jorge Sampaio
4. Só haverá um único cartaz de âmbito municipal de personalização individual que será o do candidato à presidência da Câmara Municipal de Lisboa

5. Folheto dos candidatos

6. Programa e medidas de emergência

7. Outros materiais, a decidir pela Comissão Executiva.

III – Aspectos financeiros

— Haverá um Fundo Comum para a campanha, em

que o PS e o PCP participarão com 45% cada, enquanto o MDP/CDE e o PEV participarão com 5% cada.

— O orçamento da campanha deve ser acordado entre os partidos da Coligação.

— As responsabilidades financeiras da Coligação para com o exterior só podem ser contraídas com acordo do PS e do PCP em conjunto.

IV – Distribuição de pelouros e responsabilidades

Ficam acordados os seguintes princípios relativamente ao funcionamento do presidente e vereadores:

1. A disponibilidade, em aberto, de atribuição de pelouros a vereadores eleitos por outras forças políticas, na base de um acordo entre o PS e o PCP sobre redistribuição de pelouros em função deste objectivo.

2. Dadas as implicações nos restantes pelouros e o objectivo de grande transparência interna e externa assumindo programaticamente, a gestão urbanística respeitará o princípio da informação disponibilizada, nomeadamente através da consulta atempada aos processos por parte dos vereadores e o princípio do debate prévio das grandes questões urbanísticas.

3. A orientação sobre a elaboração dos regulamentos de natureza urbanística, plano director e planos de pormenor deve ser acompanhada por uma comissão constituída pelo presidente e vereadores dos pelouros com maior incidência na matéria, sendo tal comissão eventualmente aberta a vereadores da oposição.

4. No plano das relações externas, quando a representação da Câmara implicar a existência de delegações estas deverão ter

composição plural entre os eleitos pela Coligação.

5. As comissões que existem e venham a existir deverão ter também composição plural assegurada por vereadores ou por outros membros da comissão, de acordo com espírito estabelecido no ponto anterior.

6. O Presidente delegará no respectivo vereador os poderes inerentes ao exercício do(s) pelouro(s) à sua responsabilidade. Os pelouros devem ser dotados de meios técnicos, materiais, humanos e financeiros adequados a definir consensualmente, nomeadamente aquando da elaboração dos planos de actividade e orçamentos.

7. Em caso de impedimentos temporários do presidente as suas funções serão asseguradas nos seguintes termos:

a) Para efeitos da representação em geral, designadamente na presidência das reuniões camarárias, haverá uma substituição rotativa entre o 1.º representante do PCP e o 2.º do PS por períodos de 120 dias a começar em Janeiro de 90 pelo do PCP.

b) As restantes competências do Presidente serão delegadas no(s) veradore(s) que ele designar.

8. Aos vereadores do PCP serão atribuídos os pelouros correspondentes às seguintes áreas:

- a) Estudos e Organização e Administração Geral no âmbito da Administração Interna;
- b) Núcleos Históricos à excepção do Chiado;
- c) Educação e Ensino;
- d) Infra-estruturas de Saneamento (recolha, drenagem, intercepção, tratamento e destino final) e Higiene urbana;
- e) Desporto e Juventude;
- f) Ambiente e equipamento urbano;
- g) Turismo.

9. Para além do Presidente, ao PS e ao PCP caberão 3 vereadores a tempo inteiro ou o número equivalente de vereadores a tempo inteiro e meio tempo.

V – Disposições finais

1. A eventual substituição com carácter prolongado do Presidente da Câmara, Jorge Sampaio, será feita pelo elemento seguinte do Partido Socialista na lista, no quadro da actual lei das coligações. A alteração futura desta lei até à apresentação da lista obrigaria a rever a respectiva ordem na lista.

2. No caso de impedimento prolongado do Presidente da Assembleia Municipal, José Saramago, os partidos signatários obrigam-se a apoiar a eleição dum representante do Partido Comunista Português.

Lisboa, 23 de Julho de 1989

Questões específicas e dossiers controversos

(A)

1. **Alto do Lumiar** — Avaliar a situação contratual e o seu respectivo cumprimento e procurar negociar a reformulação do projecto de forma a libertar terrenos que permitam a intervenção diversificada: promotores actuais, CML, Movimento Cooperativo.

2. **Central Camionagem do Areeiro** — Não retomar a situação anterior. Questão deve ser considerada no âmbito do planeamento dos interfaces de transportes.

3. **Júlio de Matos** — A verificar-se uma situação de desactivação decidida pelo Governo, defender uma utilização pública como espaço predominantemente aberto, evitando uma solução de especulação imobiliária.

4. **Tarifa de Saneamento**
 • Questão a não incluir no programa;
 • Introduzir acertos aquando da entrada em funcionamento do sistema de tratamento de esgotos (nomeadamente de forma a despenalizar certas actividades como por exemplo cabeleireiros, lavandarias e outras situações injustas).

5. **Saldanha** — Fazer cumprir o regulamento aprovado. Tomar as medidas adequadas para eliminar o «buraco».

6. **Hilton** — Não serão cedidas novas parcelas, nem autorizados aumentos de volumetrias nem de área ocupada.

7. **Luna Parque** — Analisar os compromissos existentes; ponderar vantagens e desvantagens do empreendimento; equacionar e salvaguardar os impactos negativos.

8. **Estudo da Ocupação dos Terrenos** onde se encontra instalado o Mercado das Forças Armadas e da área do ex-CPL.

a) **Em relação aos já aprovados**, respeitar os compromissos exigindo o cumprimento integral das contrapartidas como condição para a sua entrada em funcionamento.

b) Elaborar o estudo sobre os impactos urbanos e no comércio da implantação das grandes superfícies comerciais.

10. **Revogar o Despacho ilegal sobre Compensações e Criar a Taxa de Urbanização.**

11. **Cinemas** — Tivoli, Politeama, Eden...
 • Consagração do princípio de que os espaços culturais não devem ser eliminados, embora se admitam transformações.
 • Preservar as fachadas e outros elementos dos edifícios que tenham significado relevante.

12. **Empresas Públicas Municipais, Intermunicipais e Mistas**
 • Admissão da eventual criação de empresas públicas municipais, intermunicipais ou mistas, nomeadamente em novas áreas de intervenção, salvaguardando a vocação tradicional dos serviços da CML e a não transferência compulsiva dos trabalhadores municipais.

(B)

Princípio Genético de Intervenção Relativo a Decisões Controversas da Actual Gestão

1. Respeito pelos compromissos legalmente consolidados.
2. Procurar pela via negocial a revisão de aspectos de impacto mais negativo para a cidade.

Num dinamismo sem paralelo

CDU com avanço na apresentação de candidaturas

Embora mantendo uma permanente disponibilidade para encontrar com outras forças democráticas acordos e convergências eleitorais que permitam bater a direita no maior número possível de autarquias no escrutínio de Dezembro próximo, o PCP e os seus aliados na CDU não têm, naturalmente, descurado a apresentação das suas candidaturas, sempre decorrentes, aliás, de um trabalho constante e prestigiado, que nunca dependeu de expectativas exteriores ao seu próprio empenhamento. Por isso mesmo a apresentação das candidaturas da CDU continua também a ser um exemplo destacado no panorama político-partidário nacional, tanto pela sua capacidade mobilizadora como pela sua resposta atempada, ambas reconhecidas pelo seu paralelo face à generalidade das outras candidaturas.

Continuamos a dar breves notícias das candidaturas do PCP e dos seus aliados na CDU que se intensificam em todo o País, recordando mais uma vez que o fazemos em função da actualidade com que chegam à nossa Redacção e na sujeição das limitações de espaço com que frequentemente nos confrontamos.

Coimbra

A Comissão Coordenadora da CDU do Concelho de Coimbra lançou recentemente um boletim que «irá manter-se até às eleições, uma vez por mês, com a informação sobre as propostas de trabalho da CDU para o Concelho e para as Freguesias». Destaque neste primeiro número para um artigo da autoria de Santos Cardoso, candidato da CDU à presidência da Câmara, e uma entrevista a José Carlos Viana, vereador do pelouro da Cultura.

ra como esteve com a anterior», afirmando ser a CDU a alternativa. «As provas estão dadas e os testes foram feitos», enfatizou.

Destaque ainda, neste boletim de Coimbra, para as candidaturas da CDU à presidência das Juntas de Freguesia de Arzila (com Adelino Almeida Vilão), Eiras (com Jorge Manuel Loureiro) e Torres do Mondego (com Firmino Victor).

Guimarães

Em conferência de imprensa realizada no passado dia

cial a cargo do dr. Cândido C. Dias, seguindo-se um período de perguntas e respostas sobre vários aspectos da acção dos executivos camarários passados e actual, tendo a CDU fundamentado severas críticas a esses executivos, sendo também analisados alguns dos grandes problemas com que se defronta a cidade e o Concelho e apresentadas as propostas concretas da CDU para defender e desenvolver Guimarães e as suas gentes.

Outro ponto de relevo do encontro foi o relato das diligências do PCP e da CDU junto de outras forças políticas democráticas, nomeadamente o PS e o PRD, para se encontrar um entendimento que permita derrotar a direita (PSD e CDS) até aqui maioritária no Concelho, esforços que, até agora, foram infrutíferos.

Famalicão

Manuel Barbosa da Silva, empregado de escritório e militante do PCP, é o cabeça de lista da CDU à Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. Membro da Comissão Distrital de Braga do PCP e da Assembleia Municipal de Vila Nova de Famalicão, Manuel Barbosa da Silva desenvolve também intensa actividade associativa,

do apenas a duas forças políticas — PS e PSD». E mais adiante: «Atendendo aos resultados eleitorais de 1985, poderei desde já afirmar que o PS tem a vitória assegurada nas eleições que se avizinharam. É nesta linha de raciocínio que considero que a questão de maior importância que se coloca ao eleitorado de esquerda no próximo acto eleitoral é o voto na CDU, já que o PS em nada verá afectada a sua posição dominante ao dar-se um deslocamento de 5000 votos para a CDU».

S. João da Madeira

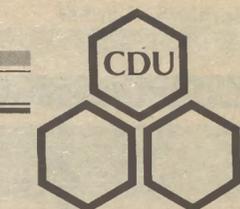
A Comissão Coordenadora de SJ da Madeira da Coligação Democrática Unitária, decidiu candidatar a eng.ª Fátima Guimarães à presidência da Câmara de SJ da Madeira. Diz a nota:

«A sua capacidade e dinamismo, a grande sensibilidade para os problemas sociais e do ambiente, a competência técnica e política, a sua honestidade e isenção, fazem da Eng.ª Fátima Guimarães a alternativa necessária para superar os graves erros e atrasos da gestão autárquica que até agora se têm verificado, bem como para a dignificação do Poder Local até agora fortemente abalado por irregularidades, inoperância e má gestão.

Alguns dados biográficos da Eng.ª Fátima Guimarães: tem 37 anos, é engenheira técnica diplomada pelo Instituto Superior de Engenharia do Porto, presidente do Conselho Directivo da Escola Preparatória da Vila de Cucujães, membro da Assembleia Municipal de SJ da Madeira, dirigente do Sindicato dos Professores do Norte, fundadora e vice-presidente do ATL-Gente Miúda de SJ da Madeira, fundadora e dirigente do GAAS (Grupo Autónomo de Animação Social) onde desenvolveu um prestimoso trabalho na alfabetização de adultos e no teatro, fundadora e colaboradora do Jornal «Abril», foi atleta de basquetebol da ADS e é membro da Comissão Distrital de Aveiro e da Comissão Concelhia.

A Coordenadora da CDU decidiu ainda sobre os primeiros candidatos para a Assembleia Municipal e para a Assembleia de Freguesia.

O cabeça de lista da CDU para a Assembleia Municipal é um candidato independente. «Trata-se do prestigiado professor do Ensino Básico, Fernando Manuel Gonçalves Marques Pereira, de 44 anos, ex-delegado escolar de SJ da Madeira e actual membro da Direcção dos Bombeiros Voluntários desta cidade. Pelo «dinamismo e competência demonstrada no desempenho das suas funções na actual Junta de Freguesia», a Coordenadora da CDU decidiu recandidatar para a Assembleia de Fre-



Porto

guesia José Manuel da Silva, de 36 anos, modelador de calçado. Para além de fazer parte da actual Junta, José Manuel da Silva foi activista da JOC — Juventude Operária Católica e é membro da Comissão Concelhia de SJ da Madeira do PCP.

Freguesias do Porto

Foram apresentadas a semana passada cinco candidaturas da CDU às Freguesias do Porto de Miragaia, S. Nicolau, Sé e Vitória (todas ribeirinhas) e a Paranhos.

Em Miragaia recandidatou-se Joaquim Nascimento, presidente da Junta desde 1981; S. Nicolau tem como candidato CDU à presidência da Junta José Correia Fernandes, membro da Assembleia desta Freguesia desde 1983 e secretário do executivo da Junta desde 1986; Jorge Silva é o candidato à Freguesia da Sé, sendo membro da sua Assembleia de Freguesia desde 1979, integrante do executivo da Junta em 79/82 e sendo, desde 1985, tesoureiro e responsável pelo pelouro da Cultura e Desporto; na Freguesia da Vitória está Adriano Carvalho, igualmente com 10 anos de experiência de trabalho autárquico na Freguesia.

Interessante notar que a apresentação pública de Joaquim Nascimento, José Correia Fernandes, Jorge Silva e Adriano Carvalho como candidatos à presidência das Juntas de Miragaia, S. Nicolau, Sé e Vitória, foi feita em conjunto, numa única sessão. Não que a CDU tenha optado por austeridade de sessões: é que estas Freguesias têm

diversos elementos comuns: constituem o núcleo do Centro Histórico da Cidade e sofrem o mesmo tipo de carências, nomeadamente habitacionais. Ao mesmo tempo a CDU é a única força política que tem eleitos nos Executivos destas quatro Freguesias. Finalmente a CDU considerou que «só a sua vitória nestas quatro Freguesias

permitirá às suas populações usufruir a totalidade das potencialidades do Poder Local Democrático e, simultaneamente, ganhar uma dinâmica reivindicativa no sentido de serem resolvidos os seus graves problemas.»

Quanto a Paranhos, o candidato da CDU é Rui Dias, um jovem de 29 anos que já

conta com sete anos de trabalho autárquico nesta Freguesia, como membro da Junta. Quem é de Paranhos conhece a sua actividade como responsável do pelouro do Desporto e Tempos Livres, a «semana do associativismo» que promoveu, as comemorações do Dia Mundial da Criança, etc.



Coimbra

Fiães

Bernardino Ribeiro, de 43 anos, empregado bancário e actual Presidente da Junta, é o cabeça de lista da CDU nas próximas eleições autárquicas para a Freguesia de Fiães, no Distrito de Aveiro.

«Intérprete desde há 7 anos da gestão honesta, trabalhadora e competente da CDU, Bernardino Ribeiro integra uma equipa dedicada e conhecedora dos problemas da Freguesia e é naturalmente o candidato em condições de dar continuidade à vasta obra já realizada», como sublinha um comunicado da CDU local, que acrescenta:

«Com a CDU, Bernardino Ribeiro pode e deve prosseguir o legítimo e necessário projecto de conquistar para os Fianenses condições de vida cada vez melhores e mais dignas.»

Arganil

Num almoço/encontro da CDU realizado no domingo passado procedeu-se à apresentação pública da candidatura do eng.º Lino Teixeira à presidência da Câmara Municipal de Arganil. Na intervenção então proferida, Lino Teixeira referiu a necessidade permanente de se proceder a um «desenvolvimento harmonioso do concelho de Arganil». Na sua opinião, e na da CDU, este desenvolvimento harmonioso deve assentar, entre outros, nos seguintes factores: um projecto autárquico que tenha em conta as duas diferentes realidades do concelho — zona serrana e a zona baixa; o aproveitamento das matérias-

-primas existentes e das enormes potencialidades dos baldios. Por último, manifestou a sua inteira disponibilidade para estar ao serviço do concelho e dos seus habitantes e garantiu que o Programa da CDU para a Câmara Municipal de Arganil será elaborado «na base de uma ampla e diversificada consulta das populações».

Lino Teixeira, de 60 anos de idade, é formado pela Universidade Técnica de Lisboa com o curso de engenheiro silvicultor e pertence actualmente aos quadros técnicos superiores do Instituto Nacional de Investigação Agrária, dedicando-se a trabalhos e estudos sobre a silvopastorícia. Iniciou a sua actividade profissional em Trás-os-Montes, tomando parte na preparação e execução do «Plano de Reconstituição, Valorização e Defesa dos Soutos», e desempenhou durante cinco anos o cargo de administrador Florestal de Macedo de Cavaleiros, distinguindo-se pelo critério justo adoptado na arborização das serras sob a sua jurisdição. Geralmente considerado como um profundo conhecedor dos problemas serranos, foi sucessivamente nomeado administrador Florestal de Arganil,

de Sintra e da Tapada Nacional de Mafra.

Santa Maria da Feira

Maria Manuela Antunes da Silva é a cabeça de lista da CDU nas próximas eleições autárquicas para a Câmara Municipal de Sta. Maria da Feira.

Maria Manuela Silva, 41 anos, licenciada em História, professora na Escola Preparatória de Sta. Maria da Feira, foi dirigente da JUC e da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras do Porto nos anos de 69/70. É dirigente do Sindicato dos Professores do Norte e ainda membro da Comissão Concelhia de Sta. Maria da Feira e da Comissão Distrital de Aveiro do PCP.

No plano autárquico Maria Manuela Silva acumula a experiência de 13 anos de actividade, participação e intervenção na Assembleia Municipal de Sta. Maria da Feira, onde é a única mulher eleita, tendo desde 1979 encabeçado a lista da ex-APU. E sublinha a CDU de Sta. Maria da Feira:

«Pela sua dedicação, intervenção esclarecida e rigorosa abordagem dos problemas autárquicos, Maria Manuela é a presença que faz falta na Câmara Municipal de Sta. Maria da Feira, onde cada vez mais é necessário a dedicação, o trabalho, honestidade e competência que caracterizam os eleitos e o projecto da CDU».

Ílhavo

A Coligação Democrática Unitária de Ílhavo anunciou em nota os primeiros candidatos das listas da CDU para a Câmara e Assembleia Municipais de Ílhavo, bem como para a freguesia de S. Salvador. São os seguintes:

Francisco Meneses, 40 anos, professor, presidente do Conselho Directivo da Escola Preparatória de Ílhavo, é o 1.º candidato da CDU à Câmara Municipal; José Alberto Loureiro, 49 anos, técnico de vendas, é o 1.º candidato CDU à Assembleia Municipal; José Maria Gouveia, licenciado em Filologia Românica, subdirector de Finanças aposentado, é o 1.º candidato da CDU à Junta de Freguesia de Ílhavo (S. Salvador).

Setúbal

PCP critica anticomunismo do PS

Apesar de o PSD de Setúbal ter acusado no princípio desta semana o PS de «inviabilizar» coligações para as Câmaras do Distrito — evidenciando, quiçá com involuntária negligência, a atrapalhada em que se encontra na sequência do acordo PS/PCP em Lisboa — as Comissões Políticas destes dois partidos revalidaram no passado dia 18 o acordo de coligação para as eleições autárquicas no município sadino. Tal facto, como assinalou o executivo da Comissão Concelhia do PCP de Setúbal, «representa a consumação de várias declarações públicas dessa intenção, não obstante episódios aflorescentes de contradições entre os dois parceiros». E em seguida a nota do PCP comenta:

«Tal coligação longe de interpretar a vontade popular», como na altura afirmou a vereadora Paula Costa, visa apenas tentar evitar que os comunistas e outros democratas voltem a ser maioria na Câmara de Setúbal, quando a CDU, Coligação Democrática Unitária, após as eleições do passado dia 18 de Julho, voltou a ocupar o lugar de primeira força política do Concelho», e prossegue:

«Tal acordo não é, certa-



Odete Santos, candidata da CDU à Câmara Municipal de Setúbal

mente, fruto da vontade de muitos socialistas de Setúbal e aparece até desinserido do contexto de procura de unidade do PS com outras forças democráticas, e particularmente com o PCP, que neste momento em Lisboa se verifica». Assim, «o Executivo da Comissão Concelhia de Setúbal do Partido Comunista Português reafirma também a continuação e o reforço do seu empenhamento para alargar a unidade dos mais vastos sectores democráticos em torno da candidatura de Odete Santos à presidência da Câmara

de Setúbal», que constitui «a única alternativa válida para todos os setubalenses que não se reconhecem na gestão PS/PSD desde 1985, e que estão verdadeiramente interessados na procura de soluções para os problemas e o desenvolvimento do Concelho de Setúbal no início dos anos 90».

Recorde-se, entretanto, que até à hora do fecho da nossa edição prosseguiam os contactos entre o PCP e o PRD, que têm indicado abertura para um eventual acordo eleitoral neste concelho.



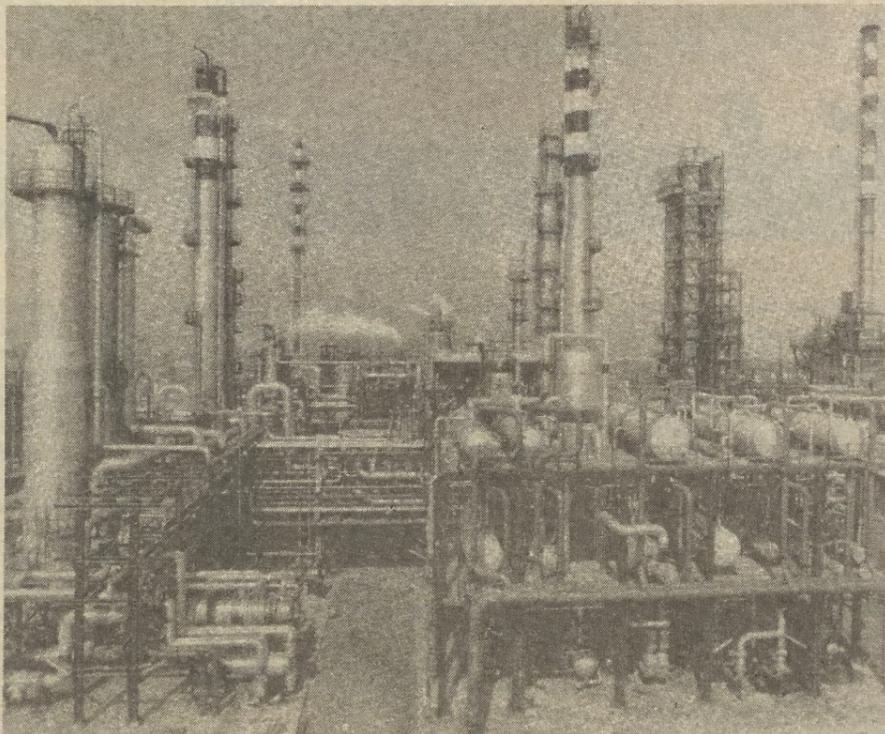
Guimarães

O candidato da CDU à presidência da Câmara de Coimbra afirma que os eleitos desta coligação «assumem a defesa dos interesses colectivos, alheios a pressões minoritárias, não têm receio de prestar conta das actividades que realizam, de mostrar a cara ou de dar público testemunho de eventuais erros que venham a cometer», sublinhando que «com a CDU o município de Coimbra deixará de ser a casa dos municípios das obras para ser, definitivamente, a casa das obras dos municípios». Quanto a José Carlos Viana, vereador da Cultura, «a população está descontente com esta Câmara

20 na Pousada da Oliveira, a CDU de Guimarães apresentou os seus candidatos à presidência da Câmara e da Assembleia Municipal locais, respectivamente o dr. Cândido Capela, do PCP, e o dr. Manuel Reis, independente. Actualmente ambos desempenham funções autárquicas, o primeiro como vereador da Câmara e o segundo como membro da Assembleia Municipal. Integraram ainda a mesa do encontro José Lopes Fernandes, do PCP e actual presidente da Junta de Freguesia da Polvoreira, e a dra. Manuela Miranda, independente.

Houve uma intervenção ini-

Trabalhadores



Automática Eléctrica Portuguesa recusa-se a pagar subsídio de férias

A administração da Automática Eléctrica Portuguesa (AEP), sem qualquer justificação, não pagou os subsídios de férias aos trabalhadores que entraram em férias no passado dia 17 e não dá qualquer garantia de o vir a fazer aos trabalhadores que entraram a partir daquela data, denunciaram na segunda-feira as ORTs daquela empresa em comunicado dirigido aos órgãos de comunicação social.

Esta atitude constitui uma violação da cláusula 61A do contrato colectivo de trabalho vertical — fabricantes de material eléctrico e electrónico (CCTV-FMEE) — e impossibilita a grande maioria dos trabalhadores de se deslocarem de férias por manifesta

falta de recursos económicos.

Para as organizações representativas dos trabalhadores esta atitude da administração enquadra-se numa estratégia por esta já anunciada de extinção de 700 postos de trabalho, estratégia que passa pelo exercício de formas de «pressão intolerável» e por manobras de «chantagem psicológica» como esta que não se coíbe de coarctar aos trabalhadores um direito consagrado no seu contrato de trabalho.

Isto mesmo se pode depreender da posição revelada pela administração durante a reunião que efectuou com as ORTs, mantendo uma total intransigência quanto ao não pagamento de tal subsídio.

A situação afigura-se ain-

da mais inexplicável, segundo os trabalhadores, porquanto em Maio último a administração procedeu a aumentos extra-contrato superiores a 50 mil escudos, gesto que foi entendido na altura como uma forma de acentuar a discriminação salarial entre os trabalhadores.

Depois de terem solicitado a intervenção da Inspeção Geral do Trabalho (com vista à reposição da legalidade) e de terem realizado um plenário onde exigiram garantias de pagamento dos seus subsídios de férias, os trabalhadores voltaram a reunir-se na passada terça-feira, plenário para o qual se previa a adopção de novas formas de luta caso a situação não fosse desbloqueada.

Quimigal e Petrogal

Privatizações trazem no bojo ataques aos direitos dos trabalhadores

Confirmando plenamente os alertas feitos em devido tempo pelas organizações representativas dos trabalhadores e pelas organizações sindicais está a verificar-se uma perfeita conexão entre o processo de privatização das empresas públicas e a tentativa de pôr em causa no plano social direitos adquiridos pelos trabalhadores, designadamente o da contratação colectiva.

Um exemplo sobejamente claro deste processo podemos encontrá-lo nas ex-empresas públicas do sector químico em processo de privatizações (sobretudo na Quimigal e Petrogal) com as administrações destas novas sociedades anónimas, de acordo com planos governamentais, a investirem fortemente contra o quadro das regulamentações colectivas de trabalho existentes (os chamados acordos de empre-

sa — AE), preparando as suas extinções e substituindo-as por outros instrumentos mais desfavoráveis ou pela ausência de qualquer vínculo contratual colectivo.

Na Quimigal, segundo a Federação dos Sindicatos da Química e da Farmacêutica, o respectivo conselho de administração quer remeter para contratos específicos dos vários ramos de actividade os trabalhadores das várias empresas em que a Quimigal se está a fragmentar, tendo mesmo já anunciado o fim inevitável a curto prazo do respectivo AE.

Na Petrogal, o respectivo conselho de administração vai mesmo mais longe e numa manobra de antecipação, antes mesmo da fragmentação da empresa, diz que quer dar por extinto o AE ainda este ano e integrar os trabalhadores em dois contra-

tos verticais mais desvantajosos.

De acordo com o relato da Federação Sindical da Química e Farmacêutica este processo tem sido acompanhado na prática pela efectiva redução de direitos e regalias (encerramentos de serviços sociais, cantinas, etc.), destruição de postos de trabalho (4700 na Quimigal e 1500 na Petrogal), encerramento de instalações e grelhas selectivas de aumentos salariais.

Não aceitando passivamente este processo brutal que reduz os seus direitos, os trabalhadores da Quimigal e da Petrogal fizeram já saber, entretanto, que estão dispostos a recorrer às formas de luta que julgarem convenientes por forma a impedirem o que consideram a «escalada anti-social» do Governo e das administrações, a qual viola flagrantemente a Constituição e as leis.

Lei dos despedimentos exige reforço da intervenção sindical

Recentemente reunidos em Setúbal para analisar a nova legislação laboral e em particular a Lei dos Despedimentos (Dec.-Lei 64-A/89), perto de uma centena de quadros sindicais e membros de Comissões de Trabalhadores decidiram reforçar a intervenção sindical em todas as hipóteses de aplicação prática da nova lei, para além da exigência sistemática de fiscalização de inconstitucionalidade em cada caso concreto.

Ao procederem a uma análise da situação criada pela entrada em vigor do pacote laboral, os participantes na reunião verificaram que de entre os aspectos mais graves referenciados se destacam a limitação da capacidade negocial dos sindicatos, a desprotecção dos representantes sindicais, a limitação do direito de acesso aos tribunais, a alteração substantiva em matéria de despedimento colectivo e a figura do

despedimento por «extinção» do posto de trabalho por causas objectivas não imputáveis ao trabalhador ou ao empregador.

No final da reunião, os representantes das organizações sindicais entregaram na delegação do Ministério do Emprego, em Setúbal, 65 pareceres sobre as propostas de alteração apresentadas

pelo PCP e pelo PS durante o debate da Lei no Parlamento.

Para amanhã, dia 28, está entretanto marcada uma reunião entre a União dos Sindicatos de Setúbal e o delegado do Ministério do Emprego e Segurança Social tendente a analisar mais detalhadamente os contornos e aplicabilidade concreta da nova lei.



Hoje, por uma revisão salarial justa

Greve nas indústrias de chocolate e bolachas



A Federação dos Sindicatos das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabacos convocou para hoje, quinta-feira, uma greve de duas horas nas indústrias de chocolates e bolachas, paralisação que na maior parte das empresas se situará entre as 15.00 e as 17.00 horas, podendo este período variar noutras empresas de acordo com os turnos.

A adopção desta forma de luta resulta da intransigência manifestada pela administração nas duas reuniões já efectuadas, falta de flexibilidade negocial que se traduziu na recusa em propor aumentos salariais acima dos dez por cento.

Objecto de generalizado repúdio entre os trabalhadores, estas propostas têm sido consideradas como uma autêntica provocação, uma vez que, conforme assinala a Comissão Negociadora Sindical, é público que a taxa de inflação ultrapassará este ano a meta dos 13 por cento.

União dos Sindicatos de Coimbra

Em marcha a preparação do II Congresso

«Para o desenvolvimento e o progresso; mais emprego e justiça social», constitui o lema já aprovado para o II Congresso da União dos Sindicatos de Coimbra, a decorrer em 10 e 11 de Novembro próximos.

A Comissão Organizadora do Congresso, designada a partir de uma decisão do plenário de Sindicatos do distrito, resolveu entretanto na sua primeira reunião começar a preparar as teses (orien-

tações para a acção sindical relativa a 1989/92), direcções de trabalho que, no essencial, de acordo com uma nota à imprensa, irão abordar a evolução e perspectivas de desenvolvimento para o distrito de Coimbra, no quadro da actual situação política e da integração na CEE.

No quadro do desenvolvimento regional e do papel do movimento sindical, assumem particular importância as propostas para o progresso do distrito, com destaque

para as questões relacionadas com a agricultura, ensino, turismo e ambiente, num quadro de mais emprego estável e justiça social.

De entre as áreas que ocupam um lugar central nas preocupações do movimento sindical relevo ainda para as que se prendem com a organização sindical, à luz das novas realidades existentes nos sectores e empresas, nomeadamente a estruturação e descentralização sindical.

Trabalhadores

Rodoviária Nacional

Recusa ao diálogo impede solução do conflito

• Trabalhadores responsabilizam conselho de gerência pelo caos existente

Face à intransigência do conselho de gerência da Rodoviária Nacional em negociar um Acordo de Empresa justo que permita desbloquear o actual conflito, os trabalhadores desta empresa deverão prosseguir até amanhã, dia 28, a recusa às horas extraordinárias, cumprindo apenas o seu horário normal de trabalho.

Caso se mantenha a posição intransigente da administração, esta forma de luta poderá conhecer novos desenvolvimentos, sendo previsível novas e agravadas acções reivindicativas, tal como de resto fora já admitido pelo plenário de sindicatos efectuado na passada semana.

Na sequência da recusa à prestação de horas extraordinárias, forma de luta que vem sendo adoptada desde o dia 14, registou-se uma redu-

ção nas carreiras que rondou os 50 por cento, facto que tem provocado algum caos em certas zonas.

A responsabilidade por esta situação, como salienta a Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários e Urbanos, deve no entanto ser imputada por inteiro ao conselho de gerência da Rodoviária Nacional que mantém neste conflito uma postura de recusa ao diálogo assente exclusivamente em razões de natureza política e não em questões de natureza económica ou financeira da empresa.

Fundamentando seu ponto de vista, as organizações sindicais recordam que a RN é a empresa que se encontra em melhor situação económica de todo o sector de transportes, enquanto, em contrapartida, os seus trabalhado-

res são os que menos ganham.

Simultaneamente, acentuam, os custos dos alternativos utilizados pelo conselho de gerência já teriam servido para resolver mais que uma negociação do acordo de empresa da RN.

No comunicado tornado público após o plenário de sindicatos, a Comissão Executiva da FSTRU protesta ainda contra a forma arbitrária e discriminatória adoptada pelo conselho de gerência e pelo Governo relativamente à política de aumentos, designadamente quanto à sua escandalosa proposta de aumentos entre os 20 e os 50 por cento para os directores enquanto aos restantes trabalhadores pretendem impor apenas uma actualização dos salários, na ordem dos 8 por cento.

Em causa o horário semanal de 36 horas

Trabalhadores dos hospitais em luta pelos seus direitos

• Concentração, hoje, junto ao Ministério da Saúde

Os delegados e dirigentes sindicais dos trabalhadores do apoio geral, motoristas e operários dos hospitais concentram-se hoje pelas 17 horas junto ao Ministério da Saúde onde farão a entrega de um abaixo-assinado de protesto pela não aplicação do seu direito ao horário semanal de 36 horas.

Esta acção surge na sequência de outras movimentações dos trabalhadores e dos seus representantes (ple-

nários, greves e concentrações) tendentes a pôr cobro à flagrante situação de injustiça criada pelas administrações hospitalares e por outras entidades responsáveis que persistem em não aplicar o Dec.-Lei n.º 62/79 de 30 de Março.

Este diploma, recorde-se, estabelece o direito ao horário semanal de 36 horas, direito que no entanto nunca foi até hoje aplicado àqueles trabalhadores na maioria dos hospitais, apesar de se saber

que o seu cumprimento não irá pôr em causa o normal funcionamento dos serviços nem trará inoportáveis custos às instituições.

Não abdicando dos seus direitos, é, pois, contra esta injustificada discriminação que os sectores do apoio geral, motoristas e operários se insurgem tanto mais que os restantes profissionais dos hospitais de há muito usufruem este direito consagrado na lei.

Aumento dos combustíveis agravará a inflação

• Segundo a CGTP-IN

Os recentes aumentos dos preços dos combustíveis afectarão significativamente sectores particulares da economia, nomeadamente os bens alimentares (devido aos aumentos dos custos de produção e de distribuição), provocando ainda um aumento mais acentuado da inflação cujo valor final deverá ultrapassar os 13 por cento actualmente previstos.

Esta é pelo menos a opinião da CGTP-IN tornada pública em nota distribuída à imprensa onde se afirma que o efeito arrastador destes aumentos dos combustíveis nos demais preços da economia (aumentos situados

entre os 9,2 por cento e os 13,5 por cento) será igualmente sentido com particular acuidade nos transportes, sector que assume um peso crescente no orçamento familiar, como indica o facto de nas zonas urbanas os gastos em transportes públicos custarem hoje duas vezes e meia mais do que em 1980.

Em face destes acréscimos de preços, torna-se assim mais injusta a política salarial seguida pelo Governo, circunstância que a Central não deixa de condenar lembrando a propósito que o agravamento «significativo e real» que se tem verificado na inflação não tem levado o

Executivo a «adequar de uma forma séria e realista os referenciais da inflação para as negociações salariais».

A este respeito a nota da CGTP-IN cita como exemplo o caso do PCEDED agora revisto onde se estipula para 1989 uma inflação de apenas 11 por cento e de 6,8 para os próximos três anos, insistindo o Governo em obstruir qualquer ajustamento intercalar (à excepção do salário mínimo) relativamente aos salários e pensões que tinham como base referenciais completamente desajustados da evolução real dos preços no consumidor.

Trabalhadores respondem à intransigência do Governo



Bancários vão para a greve

Mantinha-se prevista à hora de fecho da nossa edição a greve de cinco dias decidida pelas direcções dos três sindicatos dos bancários, com início marcado para hoje, quinta-feira, prolongando-se pelos dias 28 e 31 de Julho e 1 e 2 de Agosto.

Face à intransigência negocial do Governo e das administrações das instituições de crédito, esta foi a única alternativa deixada aos trabalhadores na sua luta por uma tabela salarial justa que cubra os valores da inflação e reponha minimamente o poder de compra perdido.

Comentando a actual situação, o gabinete de imprensa da DORL do PCP solidariza-se com os trabalhadores e exorta-os a prosseguirem a luta contra a política de direita do Governo PSD/Cavaco Silva, designadamente contra a sua «gula privatizadora», reclamando ainda que o BPA se mantenha num forte sector público e que seja satisfeita a tabela salarial com base nos valores apresentados pelos sindicatos.

dias das provas específicas, tendo paralizado na terça-feira a Faculdade de Ciências de Lisboa e ontem o Instituto Superior Técnico.

Entrada na sua terceira semana, esta greve dos docentes universitários vem registando uma adesão de cem por cento nos estabelecimentos de ensino da Universidade do Porto, para os quais estavam marcadas provas específicas de acesso ao Ensino Superior.

Em causa está, recorde-se, a manutenção do paralelismo com a carreira da magistratura e o princípio de que os estatutos de carreira só serão discutidos no início do próximo ano lectivo e não durante as férias dos docentes.

Assinale-se, entretanto, que alguns alunos ainda não conseguiram repetir a primeira chamada destas provas, que se vêm acumulando já com a terceira chamada, prevendo-se que algumas não se realizem antes de Setembro, dada a continuação da luta dos docentes.

A FENPROF admitiu por sua vez convocar nova greve para Setembro, paralisação que tanto pode afectar a realização de provas específicas nalgumas escolas, como inviabilizar a segun-



Greve dos barcos da CP até sábado

Desde as cinco horas de ontem e até às cinco horas de sábado, também os trabalhadores da CP da via fluvial que assegura as ligações entre o Terreiro do Paço e o Barreiro cumprem uma greve em defesa das suas reivindicações.

Abrangendo a categoria de mestres, esta paralisação tem origem na recusa da administração em negociar um subsídio para aquela categoria em função das suas responsabilidades profissionais.

Para os trabalhadores, a responsabilidade pela paralisação deve ser imputada exclusivamente ao conselho de gerência da CP, uma vez que este tem mantido uma permanente fuga ao diálogo, pese os esforços desenvolvidos pelas estruturas sindicais, empenhadas desde o início em estabelecer um acordo.

Docentes universitários prosseguem a luta

Os professores prosseguiram entretanto esta semana a sua greve nos

da época de exames ou mesmo proteger o início do novo ano lectivo.

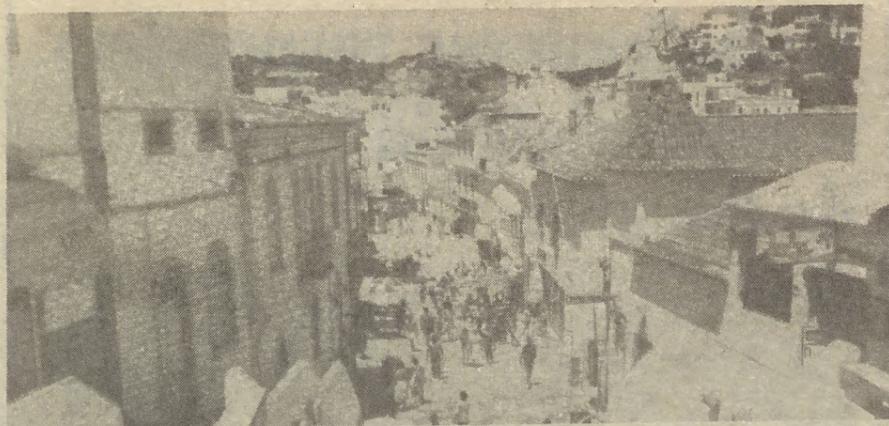
Depois de uma reunião efectuada segunda-feira última, aquela estrutura nacional dos professores convocou para amanhã uma nova reunião conjuntamente com dirigentes sindicais do Ensino Superior, no decorrer da qual será feito um balanço final das lutas e analisadas as formas de acção a adoptar.

85% de adesão nos Mármore

Uma adesão que se cifrou na ordem dos 85 por cento tal foi, por seu turno, o balanço da greve nacional convocada pela Federação Nacional dos Sindicatos da Construção, Madeiras e Mármore para os primeiros dois dias desta semana.

Na base do conflito o impasse criado nas negociações do CCTV dos Mármore pelas associações patronais inflexíveis quanto a um aumento da tabela salarial superior a 9,5 por cento e quanto à aceitação da redução do horário de trabalho.

Nacional



DORAL do PCP comenta O Algarve, o turismo e a economia da região

Em plena época alta da actividade turística, o Algarve tem sido objecto das mais desconcertantes declarações e comentários acerca da forma como está a decorrer o ano turístico. Escudados em algumas dessas pseudo-análises, certos sectores do patronato procuram já justificar despedimentos de trabalhadores efectivos, atrasos no pagamento de salários e recusas à actualização dos mesmos...

O alerta vem do Executivo da Direcção Regional do Algarve (DORAL) do PCP, em depoimento divulgado aos órgãos da Comunicação Social sobre a actualidade económica e social do distrito. Os comunistas algarvios chamam a atenção para estas questões: É inegável que o número de turistas estrangeiros entrados no Algarve até finais da primeira quinzena de Julho é superior em cerca de 10 000 ao do ano passado. Tal aumento, embora pequeno, dilui-se no extraordinário e caótico crescimento das formas cada vez mais diversificadas de alojamento paralelo, constituído pelo imobiliário-turístico que ano após ano se tem vindo a multiplicar no Algarve a ritmos que superam o crescimento da procura.

Esta situação, para a qual tem contribuído a ausência de uma real política nacional e regional para o sector e perante a qual sucessivos governos não têm dado resposta, tem servido ainda para

que, entre outros, os próprios hoteleiros que hoje protestam contra ocupações baixas das suas unidades tenham vindo a obter na exploração do imobiliário-turístico, em que também investiram, lucros especulativos. Habitados a auferir super-lucros na sua actividade e a ganhar especulativamente em todos os «tabuleiros» clamam agora contra os efeitos das causas que os próprios contribuíram para criar.

Para além do mais pesa hoje no Algarve clara e inequívoca do turismo interno, componente essencial que muitos dos que se queixam hoje teimaram em negar, motivada pelos brutais efeitos que a política do Governo tem sobre largas camadas do povo português.

A situação que está criada confirma todas as alertas que desde há muito o PCP tem colocado sobre a forma como tem sido encarada a actividade turística na região, e ainda sobre o excessivo peso que

a mesma comporta no quadro da economia regional.

Disciplinar a actividade

Tal situação coloca na ordem do dia a necessidade de, sem falsos alarmismos e com elevado sentido de responsabilidade, se tomarem medidas para disciplinar a actividade turística no quadro de um plano regional de turismo discutido com todas as forças e sectores interessados (autarquias, movimento sindical, associações patronais, agentes culturais, etc.).

Tal situação coloca ainda a necessidade imperiosa da economia do Algarve ter de assentar os seus alicerces no aproveitamento global e integrado dos seus recursos naturais, designadamente nas pescas e agricultura.

Os efeitos negativos da política até agora seguida não podem nem devem ser suportados exclusivamente pelos trabalhadores, designadamente à custa de baixos salários, de maiores índices de exploração, do aumento da precariedade do emprego e do completo desprezo pela qualificação e valorização da mão-de-obra empregue no sector.

Montijo

Primo Jaleco e a adesão do Município à AMDS

Os eleitos comunistas dos órgãos autárquicos do concelho do Montijo deverão encetar no mais curto espaço de tempo as iniciativas susceptíveis de reconduzir o município ao seio da Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal.

Tal medida deriva da análise das inesperadas afirmações de Primo Jaleco, do PS, presidente da Câmara, reconhecendo as vantagens da AMDS e do PIDDS (Plano Integrado de Desenvolvimento do Distrito de Setúbal), beneficiando o concelho.

Recorde-se que Primo Jaleco, logo que em Dezembro de 1985 a coligação PS/PSD ganhou aquela autarquia, apressou-se a desvincular a Câmara da AMDS. Na acta camarária de 9 de Abril de 1986, uma das justificações daquela polémica decisão foi a de que a «Associação não tinha conseguido alcançar os objectivos que se propôs atingir, não resolvendo os problemas de saneamento, desenvolvimento da industrialização e a sua reconversão, adiando sucessivamente as soluções».

O PS/PSD evocavam ainda que a instância em que o Montijo deveria encontrar a sua complementaridade supramunicipal era a Assembleia Distrital, aliás boicotada por Irene Aleixo, governadora civil.

Curiosamente, a saída do Montijo da AMDS dá-se praticamente na altura em que esta arranca com a elaboração do PIDDS, que o Executivo da Comissão Concelhia do Montijo do PCP lembra ter sido «uma iniciativa pioneira, de tipo totalmente novo».

Para os comunistas montijenses, contudo, a brusca reviravolta de Primo Jaleco, em declarações ao semanário regional «Actual» e na Assembleia Municipal do Montijo, deve-se antes de tudo ao facto de a equipa que elabora os estudos preliminares do Programa Director Municipal do Montijo, encomendados pela Câmara, evocarem a necessidade de ter em conta o próprio PIDDS.

«Não se trata, pois, de um ataque de democraticite aguda», comenta aquela estrutura do PCP.

«Se for eleito...»

A brevidade com que os eleitos do PCP no Montijo devem actuar tem a ver com as promessas de Primo Jaleco: «Se for eleito, vou lutar para que o Montijo faça parte da Associação».

O Executivo da Comissão Concelhia do Montijo do PCP acha que é melhor poupar o presidente a «uma luta num futuro que nada vaticina que será seu». Por isso entende que o actual mandato é o espaço oportuno para a readmissão do Montijo na AMDS, ainda que, em documento aprovado, não deixem de afirmar que «com vista ao progresso e desenvolvimento do Montijo, numa sociedade moderna, aberta e dialogante, a CDU é alternativa ao PS/PSD».

Combustíveis

Os aumentos de preços e a taxa de inflação

1. Os aumentos dos preços de venda dos combustíveis (...) são mais uma medida do Governo afectando o poder de compra dos portugueses, pelas repercussões directas e indirectas que, no imediato, terão sobre o aumento da taxa de inflação.

2. É, para além do mais, estranho e incompreensível que os maiores aumentos percentuais de preços recaiam sobre produtos de uso industrial (fuel, gásóleo e petróleo e petróleo carburante), com repercussões imediatas nos custos de produção da indústria portuguesa e da electricidade. Repercussões que a curto prazo se farão sentir no preço de venda da electricidade e de muitos produtos industriais e agrícolas.

3. Contrariamente ao argumentado pelo Governo, não são os preços do petróleo que podem justificar os aumentos agora decretados, já que os preços do petróleo actualmente em vigor no mercado internacional ainda se enquadram nos parâmetros que levaram, em 1987, a

fixar os preços dos combustíveis e as margens do imposto sobre os produtos petrolíferos (preço do barril de petróleo entre os 18 e 19 dólares, com o dólar a 160 escudos). Tal como é facto que Portugal é um dos países da CEE com os mais elevados preços dos combustíveis.

4. Com mais esta medida do Governo, tomada em pleno período de férias, acentua-se a tendência para o aumento da taxa de inflação (superior a 12 por cento) e para o decréscimo dos rendimentos reais dos trabalhadores, reformados e pensionistas, tornando-se mais urgente a sua necessária actualização.

Esta medida simboliza bem, dois anos após as eleições gerais de 1987, o gritante contraste entre as promessas eleitorais do PSD e o conteúdo e objectivos da sua actuação governamental.

19.7.89
O Gabinete de Imprensa do PCP

O acidente do porto de Sines

O Gabinete de Imprensa da Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP divulgou no passado dia 20 a seguinte nota aos órgãos de informação:

1 - Como foi já amplamente noticiado, em 14/7/89

verificou-se em Sines o terceiro acidente grave nos últimos 3 anos, desta vez provocado por rombo no navio «Marão», quando procedia à manobra de atracagem, provocando um derrame de alguns milhares de toneladas

de «crude» que, saindo da área portuária, atingiu praias de Sines e Odemira.

2 - O acidente provocou graves consequências, designadamente à saúde da população (pela inalação de gás sulfídrico durante 3 horas), a flora e fauna marítima foram seriamente atingidas, há grandes prejuízos no comércio e turismo locais com saída imediata de turistas e desmarcação de alojamentos, bem como poluição de areias das praias cuja recuperação se antevê difícil e morosa.

3 - Para além da urgência na realização de um rigoroso inquérito ao acidente e sua ampla divulgação pública o Governo deve urgentemente fazer deslocar meios e materiais para reforçar as operações de limpeza.

4 - O Governo deve ser responsabilizado por não ter ainda dotado o porto industrial de Sines de meios de prevenção e combate a acidentes graves, bem como garantir o pagamento de indemnizações a todos os que foram fortemente lesados.

12.ª Conferência da Reforma Agrária

Iniciado em bom ritmo o trabalho preparatório

No âmbito do trabalho preparatório para a 12.ª Conferência da Reforma Agrária, iniciativa que decorre em 30 de Setembro e 1 de Outubro próximos, foram já efectuados inquéritos estatísticos a 183 UCPS/Cooperativas e a 120 grandes herdades privadas, acção destinada a proceder a um levantamento exaustivo e rigoroso da situação da agricultura no Alentejo e Ribatejo, incluindo as pequenas e médias explorações.

Este trabalho sério e rigoroso, na opinião dos seus promotores, dará lugar à apresentação pública durante a Conferência de uma radiografia completa da situação

actual nos campos do Sul e, bem assim, à apresentação das respectivas propostas de defesa e desenvolvimento da agricultura em geral e da Reforma Agrária em particular.

Na sequência dos inquéritos em curso, realizar-se-ão durante os meses de Agosto e Setembro plenários e reuniões alargadas com as UCPS/Cooperativas Agrícolas, com os trabalhadores do sector privado e ainda com agricultores e técnicos, debate amplo no decorrer do qual serão simultaneamente eleitos os delegados à Conferência e analisados os documentos-base a apresentar.

Apresentando-se este ano

sob o lema «Com a Reforma Agrária, Aprofundar a Democracia, Desenvolver a Agricultura, Enfrentar o Mercado Único», a 12.ª Conferência contará com a participação de cerca de dois mil delegados e mais de meio milhão de convidados.

Entre as entidades promotoras da 12.ª Conferência contam-se a FENCA (Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Produção), Secretariados e União das UCPS/Cooperativas Agrícolas, Sindicatos de Trabalhadores da Agricultura e União de Sindicatos dos Distritos de Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal.

Felicitações do PCP aos «Verdes»

Ao tomar conhecimento da eleição de Maria Santos para presidente do Grupo «Verdes» do Parlamento Europeu, o Secretariado do CC do PCP enviou o seguinte telegrama de felicitações à Comissão Executiva do Conselho Nacional do Partido Ecologista «Os Verdes»:

«Felicitações ao Partido Ecologista «Os Verdes» pela eleição de Maria Santos para presidente do Grupo «Verdes» do Parlamento Europeu.

Maria Santos, eleita para o Parlamento Europeu pela Coligação Democrática Unitária (CDU), é o primeiro deputado português a ocupar o cargo de presidente de um grupo parlamentar do Parlamento Europeu, o que constitui um motivo mais de satisfação para as centenas de milhares de portugueses que votaram na CDU».

20.7.89

O Gabinete de Imprensa do PCP

Internacional

Sudão

Junta militar aposta em política repressiva

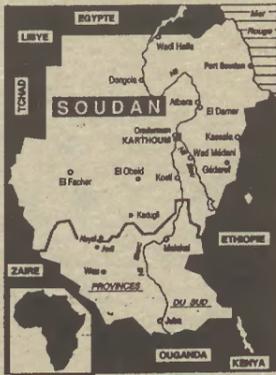
Com o novo regime militar, instaurado no Sudão através de um golpe, no passado dia 30 de Junho, uma política claramente repressiva foi imposta ao país.

Depois de ter derrubado o governo civil de Sadek El Mahdi, uma junta de quinze membros, dirigida pelo general Omar Hassan Ahmed El Bechir, assumiu o poder. Como medidas imediatas, foi suspensa a Constituição, declarado o estado de sítio em todo o território, dissolvida a Assembleia constituinte e o conselho de ministros.

Os partidos políticos foram proibidos, assim como os sindicatos e as organizações democráticas de massas. Também a imprensa foi atingida pelas medidas repressivas e jornais foram confiscados. Toda a actividade de oposição ao novo regime pode ser punida com a pena de morte.

Segundo a proclamação dos militares, todas estas medidas repressivas se «justificam em nome da «revolução de Junho» (note-se que o regime militar já foi reconhecido pelos Estados Unidos), cujo objectivo seria «restaurar a dignidade ferida do cidadão sudanês e para construir o Sudão do futuro».

A verdade factual, entretanto, não terá muito a ver com a construção do futuro. O regime militar prendeu nomeadamente o secretário-



geral do Partido Comunista do Sudão, camarada Mohamed Ibrahim Nugud (entre outros dirigentes políticos). Prendeu igualmente membros do governo, dirigentes sindicais e jornalistas. O camarada El Tigani Babiker, chefe de redacção do «El Meidan», órgão central dos comunistas sudaneses, conta-se entre os detidos. As prisões abrangem oficiais do Exército, de alta patente, que não aderiram à acção golpista.

O Sudão é um dos países mais pobres do mundo. Conta com cerca de 25 milhões de habitantes, numa superfície de 2,5 milhões de quilómetros. 80% da população vive no campo, e dedica-se à actividade agrícola. Uma longa ditadura, apoiada pelo imperialismo, de Gaafar a Nemeiry, que se arrastou de 1969 a 1985, contribuiu

decisivamente para afundar o país na miséria. A dívida externa atinge os 13 mil milhões de dólares. A mortalidade infantil é de 112 por mil e a esperança de vida de 48 anos. 74% da população é analfabeta.

A guerra civil — com o Sul, que se arrasta há mais de 15 anos, contribuiu para impossibilitar qualquer avanço no desenvolvimento do país. A guerra assume também carácter de confronto no plano religioso.

Em 16 de Novembro de 1988, entreabriu-se uma tímida possibilidade para o fim dessa guerra. O responsável por uma das principais componentes da coligação então no poder — o Partido Democrático Unionista (PDU) — Osman El Mirghani, assinava em Addis-Abeba um acordo com o chefe da rebelião do Sul (Exército Popular de Libertação do Sudão), o coronel John Garang, que permitiu abrir o diálogo.

O Acordo de Addis-Abeba previa nomeadamente o levantamento do estado de sítio na zona, a denúncia de acordos militares com outros países e o congelamento da aplicação das leis islâmicas (a população do sul não é islâmica). Registou-se viva reacção do sector islâmico da coligação criando uma situação de impasse. Difícilmente se pode prever neste campo

fundamental, a evolução que se seguirá com o novo regime militar.

Foi naturalmente a não resolução deste e de outros agudos problemas do país, que abriu campo ao golpe militar. Sadek El Mahid sempre recusou apoiar-se nas forças populares, quer para alcançar uma solução de paz com o Sul, quer para concretizar uma política que permitisse ao Sudão sair da situação de miséria e fome que marca o seu povo.

Neste quadro é interessante assinalar que o Partido Comunista do Sudão (PCS), fundado em 1946, foi, durante os anos 50, o mais importante partido comunista do continente africano.

Apesar das sangrentas repressões de que foi vítima durante a ditadura de Nemeiry (vários dirigentes, incluindo o então secretário-geral, foram executados em 1971), o PCS manteve grande influência no movimento operário e entre os intelectuais. Em 1985, foi um dos principais impulsionadores do levantamento popular contra a ditadura.

A actual política repressiva imposta pela ditadura, não irá certamente abrir caminho para a resolução dos graves problemas do povo sudanês. Mas tão-pouco poderá asfixiar a capacidade de luta e resistência popular.

PCP no Congresso do Partido Congolês do Trabalho

A convite do Comité Central do Partido Congolês do Trabalho encontra-se na República Popular do Congo Jaime Serra, membro da Comissão Central de Controlo e Quadros do Comité Central do Partido Comunista Português.

Jaime Serra representa o PCP no IV Congresso do Partido Congolês do Trabalho que tem lugar em Brazzaville entre 26 e 31 de Julho.

Caíu governo do Japão

O primeiro-ministro do Japão, Sosuke Uno, anunciou a sua intenção de se demitir, depois da derrota eleitoral do Partido Liberal Democrático (PLD), no poder desde o pós-guerra, nas eleições realizadas domingo para renovação de metade do Senado.

Os socialistas foram os grandes vencedores. Obtiveram 46 dos 126 lugares em disputa. O PDL conquistou 36 lugares, quando precisava de 54 para manter a maioria absoluta.

A queda eleitoral do PDL, deve-se a uma política económica que provocou generalizado descontentamento entre a população, sobretudo devido à imposição de um novo imposto generalizado. A derrota eleitoral surge também na sequência dos sucessivos escândalos de corrupção do governo.

Facto interessante, o Partido Socialista apresentou grande número de mulheres candidatas, sendo que, no Japão, as mulheres se têm distinguido na luta contra os impostos.

Greves na Grã-Bretanha

Trabalhadores ferroviários e do metropolitano de Londres, realizaram mais uma vez greve, juntando-se aos estivadores, paralisados há duas semanas, aos técnicos de telecomunicações, aos funcionários dos serviços de ambulância e aos trabalhadores da administração local. A crise no país, com uma relativamente elevada taxa de inflação, levou Thatcher a concretizar uma remodelação ministerial.

Afganistão, oposição dividida

Perda de popularidade entre a população, atraso irremediável da ofensiva programada para este Verão e crescente ausência de unidade é como os jornais «Washington Post» e «New York Times» descrevem a situação da oposição armada afegã, cinco meses após o termo da retirada do contingente militar soviético do Afeganistão.

Citando diplomatas, personalidades oficiais e habitantes de Cabul, o «Washington Post» escreve que «os rebeldes, ao intensificarem os bombardeamentos e ao causarem numerosas vítimas entre a população civil, perdem progressivamente o apoio da população».

O jornal refere a opinião de um habitante de Cabul, segundo a qual «os bombardeamentos carecem de qualquer significado militar ou político, porque só matam pessoas simples», dado confirmado por um representante da Cruz Vermelha Internacional, que disse serem civis, em 99 por cento, as vítimas dos bombardeamentos.

Este tem sido, segundo o correspondente do «Washington Post», o principal método de luta dos rebeldes, que estão em vias de lançar uma nova ofensiva, depois da administração Bush ter declarado tencionar fornecer-lhes «armas especiais, das mais sofisticadas».

O agravamento dos conflitos no seio das forças antigovernamentais é considerada pelo «New York Times» como uma das causas dos seus sucessivos fracassos no campo de batalha.

Na opinião do jornal este factor, conjugado com o crescente vigor moral das tropas governamentais e as suas elevadas capacidades militares, põem em causa uma vitória final dos rebeldes.

OUA, cimeira em Addis Abeba

A vigésima quinta cimeira dos chefes de Estado da Organização de Unidade Africana (OUA) foi inaugurada segunda-feira, pelo presidente do país anfitrião, Mengistu Haile Marien.

Os chefes de Estado africanos vão abordar a difícil situação económica e social do continente e alguns conflitos que ainda imperam em África, como na África Austral e no Norte de África.

A cimeira elegeu já o presidente egípcio, Hosni Mubarak, como novo presidente da organização, em substituição do chefe de Estado maliano, Mousa Traore.

A dívida externa de África, a situação social, as relações Norte-Sul, a independência da Namíbia, a paz em Angola, o problema do apartheid na África do Sul, a questão palestiniana, entre outros assuntos preenchem parte da agenda da cimeira.

De salientar que recentemente o presidente egípcio afirmou que vai dar prioridade, no caso de ser eleito, aos problemas da África Austral. Hosni Mubarak recebeu há alguns dias no Cairo o presidente da SWAPO, Sam Nujoma, a quem prometeu apoio para ajudar a SWAPO a ganhar as eleições na Namíbia.

O presidente da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, encontra-se também em Addis Abeba a participar na cimeira, o que faz prever que seja um assunto importante na reunião a questão palestiniana.

Saudação ao V Congresso do Partido Frelimo

Por ocasião do V Congresso do Partido Frelimo, o Comité Central do Partido Comunista Português enviou ao CC do Partido Frelimo uma mensagem de que transcrevemos largos extractos.

Queridos camaradas

Em nome dos comunistas portugueses, o Comité Central do Partido Comunista Português saúda fraternalmente o V Congresso do Partido Frelimo e, por intermédio dos seus delegados, todo o povo moçambicano que do Rovuma ao Maputo defende a integridade territorial do país, consolida a independência da República Popular de Moçambique, luta contra o subdesenvolvimento, pelo progresso social e a paz.

Os comunistas portugueses seguem com a maior atenção e espírito solidário os esforços do Partido Frelimo e do povo moçambicano para fazer frente ao terrorismo da RENAMO, e para superar as enormes carências herdadas do colonialismo e os novos e complexos problemas que se colocam à edificação da jovem RPM.

Compreendemos e apoiamos os esforços da RPM para, no quadro regional, buscar soluções políticas que ponham termo à ingerência dos racistas sul-africanos nos assuntos internos da RPM, o que será fundamental para o estabelecimento da paz na martirizada pátria de Eduardo Mondlane e Samora Moisés Machel, heróis do povo moçambicano e símbolos de luta libertadora para os povos de todo o mundo.

Os comunistas portugueses valorizam positivamente os processos de negociações em curso na África Austral visando consagrar a livre opção de cada povo e país. Consideramos que eles só são possíveis pela conjugação da luta tenaz dos povos, designadamente de Angola, Moçambique, Zimbabué, Namíbia, África do Sul, Tanzânia e Zâmbia e da viragem internacional no sentido do desanuviamento, impulsionada pela nova política da URSS.

As negociações coroadas de sucesso entre a URSS e os EUA para liquidar os mísseis de médio e mais curto alcance e as múltiplas conversações a decorrer, deram origem a um novo clima internacional, mais favorável à luta libertadora dos trabalhadores e dos povos.

O PCP considera importante consolidar essa viragem que o imperialismo tenta impedir e aproveitar para interferir nos assuntos internos dos povos e países. Nesse sentido considera que a nova situação impõe a intensificação da cooperação e da solidariedade entre todas as forças do progresso social interessadas na defesa e consolidação da paz.

Para o PCP, neste contexto, assume grande relevo a cooperação e a solidariedade entre os países socialistas, o movimento operário nos países capitalistas e os partidos progressistas nos países do chamado Terceiro Mundo na luta por uma nova ordem económica internacional e pela criação de melhores condições para vencer o subdesenvolvimento.

(...)

De novo vos manifestamos a nossa mais forte vontade de continuar a agir para que se reforcem os tradicionais laços de amizade, solidariedade e cooperação existentes entre o Partido Comunista Português e o Partido Frelimo.

O reforço das relações entre os dois partidos será, sem dúvida, factor importante do desenvolvimento das relações entre os povos de Portugal e da República Popular de Moçambique e entre os dois países e Estados, que o PCP considera da mais alta importância.

Viva o V Congresso do Partido Frelimo!

Viva a amizade entre o povo de Portugal e o de Moçambique!

Viva a amizade entre o Partido Comunista Português e o Partido Frelimo!

Internacional



A reforma económica, nomeadamente no campo, impõe-se como prioridade da perestroika

URSS – nas palavras de Gorbatchev

Mineiros «agiram de uma maneira brusca mas, ao mesmo tempo, construtiva»

A prova mais dura da perestroika — foi nestes termos que Gorbatchov se referiu às greves dos mineiros, que se prolongam há mais de 15 dias, antes do debate parlamentar na sessão do Soviete Supremo, especialmente dedicada à resolução dos problemas que se prendem com a greve. Na busca de soluções e no detectar de raízes e razões próximas. Uma avaliação que dá a medida da gravidade da situação. Mas que de forma alguma aponta para a condenação dos grevistas, que o dirigente soviético considera que «agiram de uma maneira brusca mas, ao mesmo tempo, construtiva».

Já anteriormente Gorbatchov sublinhara que «a classe operária não está contente com o curso das reformas» e isso «obriga-nos a tirar as conclusões necessárias e a fazer desaparecer tudo o que comprome».

Ainda antes do debate o dirigente soviético afirmaria que a conclusão a tirar desta dura prova é que «devemos actuar com maior firmeza ao levar a cabo a reestruturação, sobretudo a reforma económica». E que os acontecimentos comprovam a necessidade de alterar consideravelmente o trabalho no centro e na periferia, concedendo a prioridade aos problemas quotidianos dos trabalhadores e à satisfação das suas reivindicações.

Antes desta reunião de emergência do Soviete Supremo, comissões enviadas do centro, em colaboração com representantes dos mineiros e dos comités grevistas, aprovaram já vários protocolos conjuntos de questões para resolver. Reivindicações como o regime de trabalho nocturno e concessão de folgas, deverão já começar a ser cumpridas em Agosto, enquanto outros problemas exigem uma análise conjunta mais detalhada, a elaboração de documentos pelo governo e o seu posterior debate no Soviete Supremo.

A forma explosiva como as reivindicações se vieram a afirmar, coloca ainda outra questão imediata. Nas palavras de Gorbatchov, o presente conflito tem proporções nacionais e formas de crise política, só possíveis porque o poder central e local não solucio-

naram atempada e devidamente os problemas locais.

Note-se que em vários casos os mineiros exigem dos Sovietes e das organizações partidárias das Repúblicas, territórios e regiões, o fortalecimento dos órgãos de poder local.

O que está também em causa é o próprio modo de funcionamento do sistema de gestão e direcção nacional, que deve manter um diálogo constante com os trabalhadores e solucionar oportunamente os seus problemas.

No seu discurso inicial, Gorbatchov sublinha a urgência de solucionar «fundamentadamente e sem demora» as questões que se prendem com o avanço da reforma económica, como o elemento mais importante da perestroika. Entre essas questões referiu as relacionadas com a empreitada, a propriedade, o cultivo da terra e a autogestão financeira a nível regional.

Facto significativo, os trabalhos do Soviete Supremo são transmitidos em directo pela televisão.

As decisões tomadas

No momento em que decorriam os primeiros debates no Soviete Supremo referentes à greve dos mineiros, a situação já tinha evoluído de forma positiva. Os mineiros de Kuzbass, Karanga e Rostov haviam regressado ao trabalho, permanecendo entretanto paralisadas as bacias de Dom-

bass na Ucrânia e de Vorkuta, no grande norte.

Uma evolução que naturalmente tem a ver com os passos dados para a solução das diferentes reivindicações avançadas — do plano socio-económico ao mais abertamente político.

Entretanto, o Soviete Supremo aprovou diferentes medidas, que têm em conta as exigências do avanço do próprio processo da perestroika.

É todo um processo de diálogo que é lançado e incentivado. Os comités regionais e locais do PCUS vão reunir-se urgentemente com os representantes dos mineiros em greve para debaterem a crise gerada em numerosas minas do país. Paralelamente a estas reuniões decorrerão outras entre representantes dos trabalhadores e os Sovietes locais. Estas sessões deverão abordar igualmente um problema de fundo que é o da renovação de quadros.

Simultaneamente o Bureau Político do PCUS, o governo e o Soviete Supremo deverão tirar as suas conclusões sobre o movimento dos mineiros, em documentos próprios a divulgar publicamente.

Cinco comissões do Soviete Supremo deverão examinar os protocolos de acordo concluídos entre os grevistas das diferentes bacias e os emissários governamentais (trabalho que poderá demorar cerca de duas semanas).

Na reunião do Soviete Supremo levantaram-se também múltiplas outras questões — pois no difícil e empolgante processo da perestroika tudo se interliga.

Sobre as eleições para os Sovietes locais (inicialmente previstas para o Outono deste ano e depois adiadas para a Primavera de 1990), foi entretanto definido que cada República fixará a data das eleições e elaborará o seu próprio projecto de lei eleitoral, limitando-se o Soviete Supremo a dar as directivas gerais.

A lista de diplomas legislativos a debater urgentemente

foi entretanto alargada, acrescentando-se-lhe uma lei sobre os sindicatos, sobre o direito à greve e a resolução dos conflitos laborais. Diplomas a somar a outros, também com carácter urgente, como o referente à propriedade, o uso e o arrendamento de terras, imposto único, emendas à lei das empresas, autonomia financeira local e das Repúblicas.

As múltiplas questões em debate

A greve dos mineiros — que englobou também reivindicações de carácter político, como as de uma maior autonomia no plano administrativo — vem agitar (e na opinião de alguns dar um impulso) esse mundo em transformação que é hoje a União Soviética.

Basta referir aqui o plano de trabalhos do parlamento soviético, para cumprimento das resoluções do Congresso dos deputados do povo, para ter uma ideia, muito geral embora, do que está em causa.

Este plano inclui, como primeiro bloco de questões, a reforma constitucional e a renovação da legislação, que deverão realizar-se paralelamente e em estreita interligação.

Um outro bloco de problemas refere-se à estabilização da situação económica do país, num novo quadro de desenvolvimento entretanto aberto com a perestroika.

Uma parte das leis orientadas para a resolução de problemas sociais urgentes, de que se destaca o projecto lei sobre aumentos de pensões.

O parlamento analisará também um projecto-lei sobre a imprensa e outros meios de comunicação social, as organizações sociais, os direitos dos sindicatos, a juventude, a liberdade de consciência, e ainda novas leis sobre direitos humanos, ligadas, nomeadamente, aos encontros e tratados internacionais sobre direitos do homem.

Outra direcção de trabalhos refere-se à premente necessidade de profunda renovação da política na área das relações entre as nacionalidades (já há dezenas de mortos a registar em diferentes conflitos étnicos). Juntamente com os Sovietes Supremos das Repúblicas Federadas, os deputados da Câmara irão elaborar critérios de delimitação de competências da União e das Repúblicas, avançar propostas sobre o restabelecimento dos direitos dos alemães das regiões adjacentes ao rio Volga, dos tártaros da Crimeia e dos turcos meskhetis, sobre o desenvolvimento das minorias nacionais e analisar a situação em Nagorni-Karabak.

No que se refere aos problemas de política externa, destaca-se nomeadamente a elaboração de propostas sobre a avaliação política da decisão sobre o envio de tropas soviéticas para o Afeganistão.

O PCUS

No centro da perestroika, e como seu motor, está o PCUS. Por isso mesmo as importantes transformações sociais em curso necessariamente passam pelo seu interior.

Numa conferência há dias realizada na sede do PCUS, ao nível de primeiros secretários dos CC dos PC das Repúblicas Federadas, Gorbatchov referiu que o Partido Comunista Soviético regista um «atraso significativo» na sua reestruturação em relação aos processos que se operam na sociedade soviética. Fazendo surgir a «ameaça real» da debilitação do seu papel dirigente na perestroika.

Gorbatchov sublinhou, entretanto, que não se trata de uma «crise do Partido», mas sim de uma crise das suas funções, métodos e estilo de trabalho, devido a ter vivido um período prolongado como parte do «sistema administrativo autoritário» e as suas leis.

«Milhares de empregados bancários reuniram-se em assembleias gerais em Lisboa e no Porto para discutirem e defenderem reivindicações que consideram fundamentais no novo CCT. As assembleias reuniram mais de 3500 bancários em Lisboa e cerca de 1000 no Porto, que se manifestaram unanimemente pela defesa do horário de trabalho contido na proposta sindical e rejeitaram com energia o horário decidido pelo tribunal arbitral, que consideram altamente lesivo dos seus interesses.

Além das assembleias, os bancários de Lisboa e Porto, que têm revelado grande combatividade na defesa dos interesses da classe, têm realizado manifestações de rua em que rasgam e deitam fora exemplares da contra-proposta gremial, expressando o seu vivo descontentamento e reivindicações. No dia 8 de Junho foi feita uma manifestação em Lisboa, tendo a PSP intervindo violentamente, provocando vários feridos, estragos em estabelecimentos comerciais e efectuando diversas prisões. No dia 6 de Julho voltou a haver manifestações no Porto e, de novo, em Lisboa. (...)

(«Grandes acções dos bancários» — **Avante!**, VI Série, n.º 455, Julho de 1973)

AVANTE!

«Os bancários de Lisboa e Porto acabam de ver coroada de êxito a sua luta pertinaz contra as Comissões Administrativas que, pela violência, lhes haviam sido impostas pelo governo e os senhores da banca.

Numa bela manifestação de apoio aos dirigentes escolhidos pela classe, as eleições de Lisboa tiveram 7257 participantes: depois de descontados os votos não considerados e anulados, a direcção foi eleita por 6504 trabalhadores.

No Porto, a lista única foi também eleita por um número recorde de votantes: 2500.»

(«10 mil bancários elegeram direcções sindicais» — **Avante!**, VI Série, n.º 443, Julho de 1972)

Avante!

«No dia 24 de Julho, cerca de 800 reideiros da Quinta da Goucha (Almeirim) resolveram arrancar as tabuletas que avisavam estar a propriedade sujeita a regime florestal. Com a introdução deste regime, o proprietário fascista Isidoro — rei do presunto e fornecedor do exército alemão — pretende expulsar das terras os reideiros que as cultivam há dezenas de anos, e que nelas fizeram casas e benfeitorias que transitaram de pais para filhos há várias gerações.

Quando os reideiros se juntaram, acompanhados das mulheres e dos filhos, num total de 1500 pessoas aproximadamente, apareceu uma força da Guarda Republicana de Santarém, chefiada pelo sinistro tenente Luís Figueiredo Ferreira, a qual fez uma descarga para o ar. As mulheres e as crianças colocaram-se então à frente dos reideiros, mas foram alvejadas nas pernas por pistolas-metralhadoras.

Ficaram feridas mais de 40 pessoas, 6 delas em estado grave. Foram mortos um homem, uma mulher e uma criança. A alguns dos feridos poderão ser amputadas as pernas.

Não satisfeito, o tenente esbofetou um velho de 60 anos e prendeu gente ao acaso, inclusive mulheres que nada tinham a ver com a questão. (...)

(«Os reideiros de Goucha metralhados pela GNR» — **Avante!**, VI Série, n.º 59, Agosto de 1944)



Entrevista com Luís Sá, membro da Comissão Política do CC do PCP, sobre o acordo PS-PCP para a Câmara de Lisboa

Uma nova luz para Lisboa

«Avante!» — Depois do nosso XII Congresso fizemos várias propostas ao PS visando acordos, nomeadamente a propósito das eleições autárquicas e do caso de Lisboa. Essas propostas foram ilminarmente recusadas. Em 22 de Junho do mesmo ano, seis meses depois, está assinado o acordo. O que é que mudou?

Luis Sá — Creio que ao longo deste tempo houve um conjunto de factores que contribuíram para uma mudança. Desde logo o facto de entre a população de Lisboa — e a de muitos outros municípios do País onde, apesar da presidência ser de direita, o PCP e o PS têm maioria — se terem verificado com muita clareza aspirações unitárias e designadamente no sentido de que a convergência do PS, do PCP e de outras forças democráticas permitisse bater a direita.

Este um aspecto.

Por outro lado, as próprias lutas dos trabalhadores, as lutas populares, baseando-se como é frequente na unidade e na convergência, contribuíram para que pudesse ter-se

verificado este acordo em Lisboa.

Finalmente, creio que houve um aspecto com importância determinante: o facto de a CDU ter obtido, ao contrário de muitas previsões e dos projectos da direita e do próprio Partido Socialista, um bom resultado no Parlamento Europeu, o que, como o Partido afirmou na altura, correspondia à falência dos projectos de bipolarização da direcção do PS.

«Avante!» — Em concreto: se se perguntar quem é que nestes seis meses mudou, se o PCP ou o PS, qual seria a resposta?

Luis Sá — O PCP fez propostas claras: unidade entre socialistas e comunistas em todas essas situações — não apenas em Lisboa mas também no Porto, em Coimbra, Gaia, em tantas outras em que se verificam situações deste tipo. As propostas foram rejeitadas. Se neste momento há um acordo, creio que a resposta é clara.

Em 24 de Junho apresentámos uma proposta pública, na sequência da qual realizámos várias reuniões com o PS, quer a nível central das

duas direcções nacionais, quer a nível de estruturas regionais e locais. As respostas foram invariavelmente desfavoráveis às propostas do PCP. Se hoje há acordo, naturalmente que resulta da persistência, da determinação do PCP ao longo deste tempo — e ao longo dos anos — na luta pela convergência das forças democráticas, mas eu diria que foi no fundamental o PS que finalmente aceitou negociar, e aceitou negociar numa base que parece fundamental: na base de uma coligação formal entre os dois partidos.

Lisboa, Setúbal, Montijo

«Avante!» — Em todo o caso, não parece haver uma política uniforme do Partido Socialista relativamente a esta questão. Ou seja, muito concretamente há um acordo PS-PCP envolvendo também o MDP e «Os Verdes» em Lisboa, e há um acordo PS-PSD

em Setúbal, no Montijo. Portanto, o PS muda de política nuns sítios, mantém a sua política noutros...

Luis Sá — Creio que face a este acordo em Lisboa se podem cometer dois erros de análise: um seria desvalorizar a importância política muito grande deste acordo pelo facto de o PS, que no plano político geral, quer no plano da política de alianças autárquicas, manter no fundamental uma orientação semelhante à do passado. O outro seria esquecer exactamente este facto — isto é, este Partido Socialista com quem estabelecemos o acordo para Lisboa concretizou ainda há poucas semanas um acordo de revisão constitucional com a direita que degrada aspectos importantes do regime democrático e abre caminho a uma degradação maior, e, por outro lado, alia-se à direita contra o PCP e os interesses das populações nos municípios aqui referidos.

Mais ainda: podemos dizer que se, até este acordo para Lisboa, 24% da população do País vivia em

municípios com um presidente da Câmara de direita e maioria do PS e do PCP, agora para 9% abre-se a perspectiva da vitória de uma coligação de forças democráticas, mas continuará a haver 15% da população nessa situação.

Não se trata apenas, pois, das alianças à direita, de no plano político geral haver muitas questões na orientação do PS que não correspondem às necessidades de defesa e aprofundamento do regime democrático, mas trata-se igualmente de o PS manter a recusa das propostas numa série importante de municípios do País.

A futura gestão em Lisboa

«Avante!» — Mantém-se divergências profundas entre o PCP e o PS no plano político geral: e em



relação ao problema da gestão autárquica especificamente de Lisboa? Porque a questão é que o PCP e a CDU têm afirmado — e com grande cópia de factos e de razões — que a gestão Abecasis na Câmara de Lisboa só foi possível com a cumplicidade, quando não o apoio explícito, dos vereadores do PS...

Luís Sá — Esses factos são rigorosamente verdadeiros. O facto de os vereadores do PS terem funcionado como um apoio fundamental da gestão Abecasis/direita e hoje haver um acordo que inclui desde já linhas programáticas fundamentais que contrariam a política de Abecasis, só mostra no fim de contas, também neste aspecto, que a *Terra move-se*...

Creio que a questão fundamental que se coloca quanto a esta matéria é a seguinte: para além da actuação do Partido Comunista na verificação e das outras forças, incluindo «Os Verdes», na Assembleia Municipal, a mobilização, a participação popular, o carácter transparente da gestão serão a melhor garantia de que haverá efectivamente uma mudança e um virar de página na orientação da Câmara de Lisboa.

Para além do acordo que está estabelecido e que inclui matéria programática que é contraditória com o que tem sido a prática dos vereadores do PS, creio que há que fazer, no caso de vitória desta coligação, como esperamos, um apelo claro à participação das populações, das organizações populares, das freguesias para que as esperanças que este acordo abre efectivamente se concretizem.

«Avante!» — Na esteira do acordo em Lisboa, desenham-se quaisquer outras possibilidades de acordo com o PS noutros municípios?

Luís Sá — Ao longo destes meses, após a recusa das propostas que foram feitas, temos tido um contacto frequente, informal e por vezes formal, com dirigentes do Partido Socialista. E nestes últimos dias, neste período muito árduo de negociações extremamente intensas, foram abordadas outras questões para além da Câmara Municipal de Lisboa.

Aquilo que parece surgir de informações que temos de todo o País e do próprio contacto estreito com dirigentes do PS neste período é que as aspirações de unidade, que existem nos outros municípios e freguesias e que até ganharam credibilidade e se reforçaram com este acordo para Lisboa, não encontram seguimento ou abertura por parte da direcção do PS.

«Avante!» — Não serão portanto de esperar novas apresentações de candidaturas com acordos...

Luís Sá — Creio que fariamos muito mal se lançássemos expectativas infundadas entre as populações. Após a rejeição das propostas que fizemos, foram apresentadas candidaturas da CDU em grande parte desses municípios, essas candidaturas estão a ganhar apoios muito largos, apresentam-se como a alternativa à direita a partir do momento em que as propostas de convergência foram recusadas.

Pensamos que não que introduzir expectativas sem fundamento, elementos de precariedade nas candidaturas da CDU. A grande tarefa do momento é reforçar a CDU por todo o País, alargá-la a mais personalidades independentes e inclusive a outros partidos, que podem parti-

cipar através de militantes seus, embora não formalmente, nas estruturas da CDU e nas suas listas de apoio.

Fortalecer a CDU

«Avante!» — Subjacente a essa ideia parece estar a conclusão de que é quase uma condição para poder haver acordos unitários a existência de uma CDU forte, significativa sob o ponto de vista eleitoral?

Luís Sá — Creio que essa é uma questão fundamental. Referimos já que uma das causas que viabilizou uma coligação em Lisboa foi o bom

ternância sem alternativa, é o do fortalecimento do Partido Comunista e da CDU.

Regiões difíceis

«Avante!» — E isso mesmo em relação a autarquias onde a alternativa de unidade não existe, onde são previsíveis votações relativamente fracas na CDU, onde o PS se perfila como previsível segunda força política? Mesmo nessas circunstâncias, a orientação do Partido é a da apresentação e fortalecimento das candidaturas da CDU?

quicos ainda que apenas nas assembleias, desempenhando um papel fiscalizador e construtivo onde é possível, é muito mais importante do que uma orientação que seria de vistas curtas, de servir de bengala ao PS com o pretexto de bater a direita.

Na maior parte das vezes, a situação que se geraria não traria quaisquer vantagens no imediato para a população e representaria grandes prejuízos a médio e a longo prazo.

«Avante!» — Poder-se-á aliás afirmar que o próprio facto de, na maioria esmagadora dos concelhos, o PS recusar entendimentos com a CDU constitui uma demonstração de que dificilmente

Substituições em Lisboa e Assembleia Municipal

«Avante!» — No que respeita ainda aos acordos para Lisboa: no alinhamento acordado da lista para a Câmara, aparece, em primeiro lugar, Jorge Sampaio, em segundo Rui Godinho (que seria cabeça de lista da CDU) e em terceiro o segundo candidato socialista, João Soares. Sob o ponto de vista da presidência da Câmara, sendo o primeiro candidato o secretário-geral do Partido Socialista, é admissível a hipótese de que seja frequentemente solicitado por exigências da actividade partidária, levando a suspensões do mandato ou mesmo a renúncia. Nestes casos, o que é que se passará?

Luís Sá — No caso de uma suspensão duradoura do mandato ou da renúncia ao mandato por parte de Jorge Sampaio, nos termos da



Luís Sá na sessão de assinatura do acordo «Por Lisboa»

resultado pela CDU nas eleições para o Parlamento Europeu. Creio também que o próprio facto de os sucessivos resultados eleitorais mostrarem, na situação concreta de Lisboa, que não é possível bater a direita sem uma contribuição determinante do Partido Comunista, ilustra igualmente esse facto efectivamente verdadeiro.

Não há unidade sem uma CDU forte e sem um PCP muito forte. Isto é aliás válido não apenas para alianças nas autarquias, mas no plano político geral.

Ou seja: o caminho da unidade, o caminho da construção de uma autêntica alternativa à direita, que não seja, no fim de contas, uma al-

Luís Sá — Sem dúvida. A orientação que está definida pelo XII Congresso é concorrer a todos os municípios do país, mesmo naqueles em que a implantação do Partido e da CDU neste momento é muito baixa; é apresentar listas ao maior número de freguesias, com a certeza de que essa é efectivamente a melhor forma de preparar, mesmo que no médio e longo prazo, uma alternativa à direita.

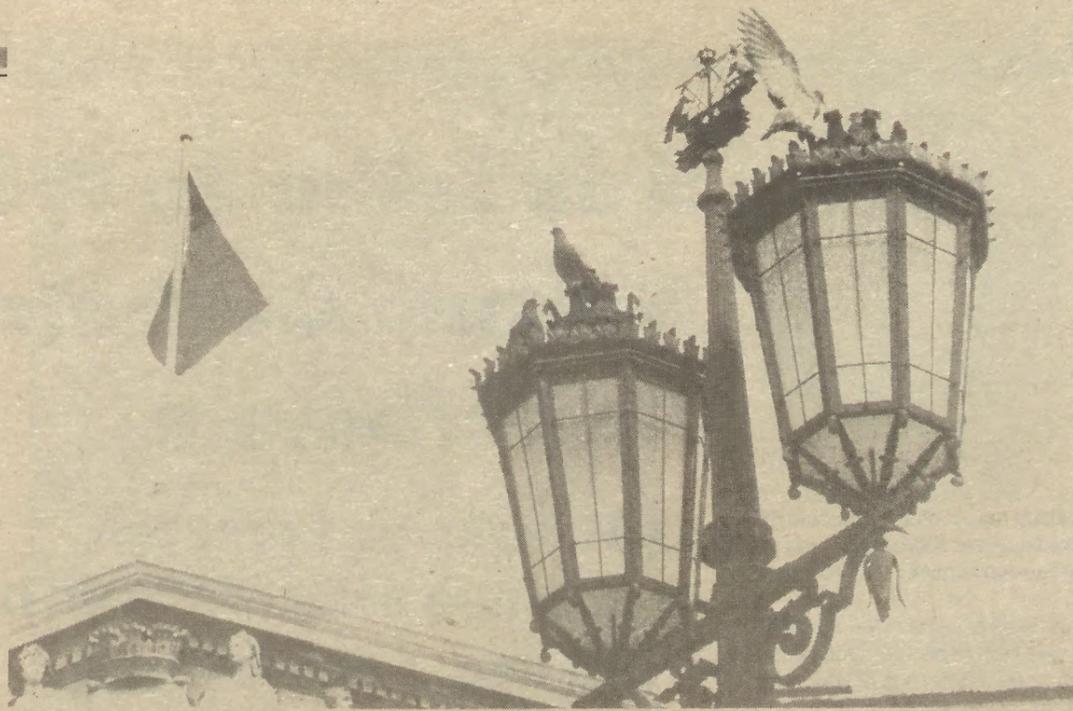
Temos a convicção profunda, que resulta da própria vida, de que, mesmo onde o apoio é de momento muito baixo, a nossa presença junto das populações, debatendo os problemas, procurando alternativas, procurando estar nos órgãos autár-

que se perfila como uma real alternativa à direita?...

Luís Sá — Creio, aliás, que não faria nenhum sentido termos conquistado em Lisboa uma coligação jurídica e formal entre os dois partidos, negociada a cada passo no que respeita ao programa, à campanha, às listas, e noutros pontos do País aceitarmos (ainda quando a nossa influência é francamente menor) um estatuto que não fosse exactamente o mesmo. Se conseguimos em Lisboa esta situação foi a partir de uma política de grande determinação e firmeza, o que é a única via que pode acabar por conduzir a resultados.

lei em vigor, o substituto é o candidato que se segue do mesmo partido, independentemente do lugar que ocupa. Mas independentemente de isto ser matéria de lei, está garantido no acordo que assim é. Tal significa que, neste caso, o substituto de Jorge Sampaio será João Soares.

No caso de impedimentos do presidente da Câmara que não levem a uma suspensão duradoura do mandato ou à renúncia, está negociado um esquema de alternância da substituição entre Rui Godinho e João Soares que começa com o exercício dessas funções durante um período de 120 dias por parte de Rui Godinho.



«Avante!» — E relativamente à Assembleia Municipal? O facto de se ter o primeiro candidato da lista não significa automaticamente que se vá ter a presidência, uma vez que esse cargo resulta de votação na primeira reunião da Assembleia eleita. O que é que está previsto em relação a essa situação?

Luis Sá — No acordo está previsto que o PCP indica não apenas o primeiro candidato da Assembleia Municipal — e já indicou José Saramago, que seria aliás o primeiro candidato à Assembleia Municipal pela CDU — mas igualmente que os partidos que integram a coligação se comprometem a eleger José Saramago como presidente da Assembleia Municipal. Em caso de impedimento prolongado de José Saramago, comprometem-se a eleger outro presidente da Assembleia Municipal que o Partido Comunista indicar.

A campanha eleitoral e personalização

«Avante!» — E relativamente à campanha eleitoral? Como é que a campanha se vai desenvolver nos seus aspectos práticos? Há campanhas independentes, nomeadamente do PS e do PCP? Há campanha comum? Personalizada?

Luis Sá — Esta última questão foi das mais especuladas, mais incorrectamente referidas na comunicação social. O PCP nunca defendeu uma campanha despersonalizada.

O que defendemos é que, quer a campanha, quer a acção futura pós-eleitoral da coligação, se deverão essencialmente basear na ideia de uma equipa, de um projecto e de um programa, e que este princípio deve estar presente na própria campanha eleitoral.

Isto significa que rejeitámos desde sempre a ideia de que um processo negocial se caracterizaria por elaborar uma «constelação de apoios» ao presidente da Câmara. A colegialidade da gestão municipal é — e muito bem — um princípio consagrado na Constituição e na lei.

Mas independentemente da importância muito grande que damos aos projectos e aos programas, também dizemos que a política tem rosto. Os eleitores e as populações querem ter ideia dos rostos em que votam. Foi nesse sentido que procurámos, ao longo das negociações, em primeiro lugar que ficasse claramente estabelecido o princípio da campanha e da actuação baseadas na equipa e no programa e, simultaneamente, que houvesse uma personalização que tivesse em conta esta própria ideia.

Por isso defendemos a ideia da personalização múltipla, o que significa naturalmente uma presença importante do candidato a presidente da Câmara na campanha, mas igualmente de outras figuras fundamentais.

É claro que o candidato a presidente da Câmara vai ter um papel importante, e creio que seria errado negar esse papel. E nós nunca o negámos. Posso dizer, por exemplo, que, estando já admitido e negociado que o cartaz exclusivamente com Jorge Sampaio seria da exclusiva responsabilidade do PS, foi por proposta do PCP que esse cartaz passou a ser um cartaz de coliga-

ção — uma das várias componentes da coligação.

A ideia que tem aparecido sobre a campanha despersonalizada, sobre o PCP ter estabelecido um acordo e agora quer esconder os candidatos, é uma ideia completamente errada.

Iniciativas comuns e autonomia

Entretanto, ao longo deste período vamos permanentemente continuar a lutar contra quaisquer concepções que surjam — ou melhor, que renasçam — no sentido de que a campanha se desenvolva em torno de Jorge Sampaio, sem ter em conta as outras componentes da coligação, e, designadamente, sem ter em conta o princípio da igualdade entre o Partido Comunista e o Partido Socialista.

Ficou também consagrado um outro princípio pelo qual nos batemos: o princípio da autonomia partidária, concebida de forma a permitir a liberdade de actuação de cada partido — naturalmente com carácter convergente em relação aos interesses da coligação.

Está também previsto no acordo uma campanha com um conjunto bastante significativo de iniciativas (e que pode ser alargado) da própria coligação. A ideia que apareceu, designadamente no passado fim-de-semana, de que cada partido faria uma campanha paralela — um conjunto de linhas que nunca se encontrariam a não ser no momento do voto — é completamente errada.

De facto, estão previstos muitos materiais que são da coligação, está previsto um conjunto de iniciativas, e haverá depois as iniciativas que serão definidas autonomamente por cada partido. Estão previstas, entre outras, iniciativas de abertura e de encerramento da campanha. Aliás, está consagrado, nesta matéria, o princípio de que em todas as iniciativas da coligação o seu carácter plural, as várias componentes da coligação estarão presentes. Ou seja: não haverá iniciativas da coligação em que não sejam tidos em conta os vários partidos que a constituem, as suas variadas componentes. Este é um aspecto que está acautelado e que para nós é importante, não apenas por razões de princípio, mas igualmente por razões de ordem estritamente eleitoral: independentemente de Jorge Sampaio ser o candidato a presidente da Câmara, o eleitorado tem que reconhecer claramente na campanha as várias componentes da coligação e designadamente a CDU como tal. Aquilo que estamos a erguer em Lisboa é uma coligação de vários partidos e não a tal «constelação de apoios» a uma personalidade, e isto tem que estar reflectido em todos os actos da campanha e da pré-campanha.

«Avante!» — Será de prever (e basta recordar o que se tem passado nas últimas semanas, en-

quanto decorriam as negociações) que haverá uma tendência por parte de numerosos órgãos de comunicação social de privilegiar a componente Jorge Sampaio-PS na coligação, em detrimento da CDU e do PCP. Naquilo em que a própria coligação possa contribuir para evitar desequilíbrios nesse sentido, foi tomada alguma medida?

Luis Sá — Este princípio de que em todos os actos da coligação devem estar presentes os partidos representados na coligação — em comícios, sessões de esclarecimento, conferências de imprensa da coligação — está acordado. Naturalmente que não podemos determinar o comportamento da comunicação social, que é livre, e obedece às suas próprias concepções.

Acordo quanto a freguesias

«Avante!» — Quais são as incidências do acordo relativamente às freguesias de Lisboa?

Luis Sá — O acordo foi particularmente difícil no que respeita às freguesias. O ponto de partida era a CDU ter actualmente doze presidentes de Junta, enquanto o PS não tem nenhum.

Uma das questões que se colocou desde logo foi a pretensão de ser discutida, no caso de acordo, a mudança dos doze presidentes de Junta da CDU. Esta questão foi difícil, mas ficou garantido que nós manteríamos a presidência destas doze Juntas, naturalmente como cabeças de lista de uma coligação PS-PCP-MDP e Verdes. Este facto assegura uma vitória — que seria garantida de qualquer forma só com a CDU — sem margem para dúvidas nestas freguesias.

Para além daquelas, ficamos igualmente com o cabeça de lista de mais catorze. São catorze freguesias em que as probabilidades de vitória da coligação são muito diferentes. Tendo em conta que nada pode ser garantido à partida (as últimas eleições autárquicas foram há quatro anos, e depois disso verificaram-se vários actos eleitorais), com grande probabilidade acrescentaremos quatro a oito freguesias com cabeça de lista da CDU daquelas doze que actualmente temos.

Há entretanto um facto que gostaria de sublinhar com alguma veemência — e isto, quer em relação às freguesias, quer em relação à própria Câmara. Independentemente do cabeça de lista, o facto de concorrermos em coligação e com um programa conjunto que vai ter expressão para além das eleições, introduz um factor qualitativamente novo. Isto é: vamos fazer parte da maioria da Câmara Municipal que vai, esperamos, erguer uma gestão nova para Lisboa, e vamos fazer parte da maioria que vai gerir as freguesias.

Chamo a atenção, por exemplo, para o facto de estar contemplado no acordo que o partido que não tem o presidente de Junta de Fre-

guesia terá o presidente da Assembleia de Freguesia e o secretário da Junta, para além de outros lugares, para além de responsabilidades, de pelouros, etc.

Isto significa naturalmente que nas 27 freguesias cujo cabeça de lista será do PS e em que houver uma vitória da coligação, haverá uma distribuição de responsabilidades que garantirá um importante papel aos eleitos do PCP e da CDU, e vice-versa, garantindo uma dinâmica diferente. Creio que as freguesias encabeçadas pelo PS não deveriam ser concebidas como freguesias do PS, como igualmente as freguesias encabeçadas pelo PCP e pela CDU terão uma participação importante de eleitos do PS.

O caso do PRD

«Avante!» — Um dos aspectos mais frisantes da preparação da coligação foi o afastamento do PRD. Qual é o ponto de vista do PCP em relação a todo esse processo?

Luis Sá — O PCP trabalhou intensamente, ao longo deste período, não apenas em contactos e negociações extremamente árduas com o PS, mas igualmente com outros partidos. Designadamente com o PRD, a UDP, o PSR, e inclusive, como foi noticiado, com o PPM.

Isto significa uma orientação é uma convicção clara: a de que deveriam participar numa coligação alternativa para bater a direita em Lisboa o maior número de forças políticas. No caso concreto do PRD lamentamos que não tivesse sido integrado na coligação. Pelo nosso lado aceitámos que o facto de o PS concorrer aliado à direita em Setúbal, Montijo e eventualmente Vila Real de Santo António não fosse causa impeditiva das negociações e da conclusão do acordo — o que não significa naturalmente um juízo menos severo acerca dessas coligações — e só podemos lamentar que o PS tenha vetado a integração do PRD por causa da eventual coligação entre o PCP, o PRD e outras forças políticas em Setúbal.

«Avante!» — E como se desenvolveram os contactos no que toca aos agrupamentos citados, nomeadamente UDP e PSR? Isto torna-se tanto mais importante quanto, mesmo à luz dos resultados de há quatro anos e dos resultados posteriores, os votos desses partidos podem vir a desempenhar um papel importante, nomeadamente em Lisboa. Porque é que não foi possível integrá-los? As diligências nesse sentido estão esgotadas?

Luis Sá — Defendemos, quer em reuniões com esses partidos, quer nas negociações, que a UDP e o PSR integrassem a coligação, mesmo do ponto de vista jurídico e formal. Entretanto, o PS adoptou uma posição contrária, e nós afirmámos desde logo que não inviabilizáramos a coligação exclusivamente por causa dessa posição do PS.

«Avante!» — Porquê essa posição do PS? Foi justificada?

Luis Sá — A entidade que em melhores condições estaria para responder à pergunta seria o próprio PS. Mas creio que o fundamental é a ideia de que a integração formal desses partidos poderia levar a perder eleitorado mais à direita do PS, e essa perda poderia ser maior do que aquilo que se ganharia integrando o eleitorado do PSR e da UDP na coligação do ponto de vista formal.

Contudo, pela nossa parte, procuramos que, apesar de esses dois partidos não terem sido formalmente integrados na coligação, isso não excluía o seu apoio político.

O PSR manifestou já disponibilidade nesse sentido. Por parte da UDP, é feita a afirmação de que, não tendo havido integração formal, em princípio concorrerá autonomamente.

Quanto a nós, PCP, o que posso dizer é que vamos continuar o esforço para que se verifique o apoio político desses dois partidos à coligação, designadamente através da não apresentação de listas. Isto poderá passar pela negociação de algumas contrapartidas, como por exemplo a sua presença na Assembleia Municipal ou nas freguesias como independentes, designados pelos partidos que integram formalmente a coligação.

«Avante!» — E relativamente ao resto do país? Como se têm vindo a revelar as possibilidades de alargamento do espectro político nas listas CDU?

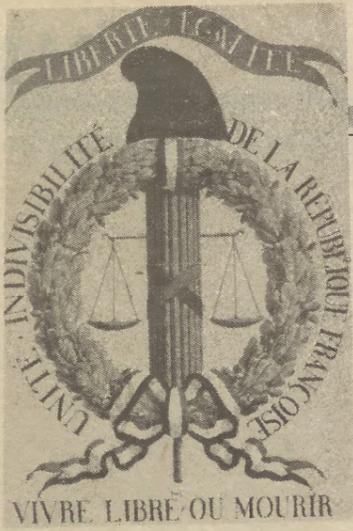
Luis Sá — É sabido que a CDU, mesmo antes das eleições para o Parlamento Europeu, apresentou um conjunto bastante significativo de candidaturas, designadamente aos municípios mais importantes.

Normalmente, o que foi apresentado foi o primeiro candidato à Câmara, às vezes o primeiro candidato à Assembleia Municipal, o que significa que há neste momento um trabalho muito intenso em curso para constituir o resto das listas. Nesse trabalho vamos dar prioridade aos municípios de maioria CDU e àquelas situações em que é possível conquistar a maioria à direita ou ao Partido Socialista.

Mas todos os municípios e freguesias são importantes — e em todo o lado importa trabalhar na perspectiva de garantir uma presença, que consideramos imprescindível, da CDU, quer na campanha e pré-campanha, quer no período eleitoral.

Começou já um intenso trabalho de prestação de contas às populações em relação aos programas eleitorais apresentados há quatro anos. Entendemos isto como um dever democrático para com as populações, e também como a demonstração de que os programas que apresentamos não são para a gaveta — são antes um referencial constante e um compromisso que assumimos e cumprimos.

No trabalho, que também já iniciámos, de elaboração dos programas a apresentar este ano, a nossa perspectiva continua a ser a de fazer participar as populações, as várias organizações sociais e populares, para que a preparação do trabalho eleitoral reflecta aquilo que entendemos que deve ser a própria gestão: participação constante, abertura às populações, prestação de contas, ligação muito profunda entre eleitos e populações.



5 de Julho de 1989: Mikhail Gorbatchov na Sorbonne

«A Revolução Francesa proclamou a liberdade do homem e cidadão, a liberdade da personalidade. A Revolução de Outubro deu um novo passo, extremamente importante, na evolução da História mundial ao proclamar a liberdade e os direitos das massas trabalhadoras e exploradas.»

Se o final do século XVIII foi abalado pelo profundo impacto da Revolução Francesa, o início do século XX registou uma outra cujas repercussões se fizeram sentir em todo o mundo — a Revolução Russa.

A interdependência destas duas revoluções, pese embora as suas especificidades, continua um tema em aberto para todos os debates sobre o contributo inquestionável de ambas nos novos horizontes que a partir delas se abriram à civilização.

Em vésperas do bicentenário da Revolução Francesa, Mikhail Gorbatchov, dirigente soviético, proferiu um importante discurso na Sorbone, seguido de debate com representantes da intelectualidade francesa. As duas revoluções, os seus objectivos e lições, o longo caminho percorrido desde então no ocidente e no leste, os desvios registados, as divergências e os passos enfim dados na via do diálogo, da cooperação e da paz, foram os temas abordados.

Não se tratando obviamente de uma análise sobre a Revolução Francesa, o discurso de Gorbatchov na Sorbone constituiu todavia uma importante contribuição para a afirmação dos ideais comuns a toda a humanidade e que as duas revoluções, a francesa e a russa, tão bem souberam interpretar.

O que justifica plenamente a sua reprodução nas páginas do «Avante!» com um convite a uma leitura atenta na certeza de que, no contexto do bicentenário da Revolução que proclamou a Liberdade, Igualdade e Fraternidade, a compreensão da «perestroika» para a coexistência pacífica de toda a humanidade.

Estimados senhoras e senhores, agradeço-vos a possibilidade de nos encontrarmos num lugar tão conhecido de Paris e num momento tão importante da vossa e da nossa história.

Ao pensar no que quero dizer-vos durante o nosso encontro, reparei na ligação existente entre diferentes períodos, mais concretamente entre momentos cruciais da história da humanidade, como as grandes revoluções de 1789 e de 1917, e a sua influência sobre a actualidade, em que a nossa Perestroika ocupa um lugar condigno.

A Grande Revolução Francesa é um ponto de referência na história da Europa e de grande parte do mundo.

Há muito foi notado que as grandes transformações sociopolíticas são sempre precedidas de revoluções filosóficas.

A Revolução Francesa deve muito ao iluminismo, aos ideais de igualdade e respeito pelos direitos inalienáveis do homem, da lei enquanto valor supremo, da divisão dos poderes, da soberania popular e do pacto social — ideias de Voltaire, Montesquieu, Diderot, Holbach, Manly, Rousseau.

O património intelectual e político da Revolução Francesa e da Comuna de Paris estiveram, por sua vez, entre os fundamentos da nova revolução filosófica originada pelos pensadores do movimento operário, Marx, Engels e Lênine. As suas ideias abriram caminho à Grande Revolução Socialista de Outubro, na Rússia.

A Revolução Francesa e a Revolução de Outubro

A Revolução Francesa proclamou a liberdade do homem e cidadão, a liberdade da personalidade. A Revolução de Outubro deu um novo passo, extremamente importante, na evolução da história mundial ao proclamar a liberdade e os direitos das massas trabalhadoras e exploradas.

A interdependência das revoluções francesa e russa é para nós, soviéticos, indiscutível. Cada uma delas abriu — na respectiva etapa — novos horizontes a toda a civilização. Mas cada uma apresenta

também características próprias, teve determinadas consequências socioeconómicas, políticas e internacionais.

A primeira deu um poderoso impulso à formação de um sistema social que, envolvendo cada vez mais países, impulsionou imenso a civilização e o progresso — através de crises, da concorrência impiedosa, da exploração e expansão, pelo desenvolvimento impetuoso das forças produtivas, através de guerras nacionais e coloniais e da subjugação de povos atrasados. Mas ao mesmo tempo criou novos valores espirituais e científicos e elaborou, no decorrer da luta de classes, valores democráticos universais.

A segunda — realizada mais de cem anos depois — só foi possível graças a este progresso e teve por base o nível de civilização global já alcançado pelo mundo. Mas foi também um protesto, uma resposta às contradições e aos defeitos que se revelaram na evolução da primeira.

Obteve também carácter internacional, por isso deparou com frenética resistência aliás como a primeira no momento em que ocorreu.

Mas a evolução natural do novo sistema enfrentou dificuldades muito maiores, e não só por razões subjectivas, mas também devido a erros e deformações graves dos próprios princípios. A correlação de forças a nível mundial era muito menos favorável às forças revolucionárias que a situação de fins do século XVIII — princípios do século XIX. A nova revolução enfrentava um sistema muito mais poderoso e que, além do mais, nem de longe esgotara as suas potencialidades.

A aspiração de liquidar o novo sistema foi uma das causas de surgimento do nazismo e da guerra. Está igualmente na base da «guerra fria», que quase levou o mundo à catástrofe global.

Felizmente, as forças da razão e sobrevivência impuseram-se a tempo e começaram a procurar um

consenso para subsistir e alcançar um novo nível de civilização em que os valores universais sejam o princípio fundamental.

Para tal foi necessária, como no passado, uma nova revolução filosófica.

A herança das revoluções e a Perestroika

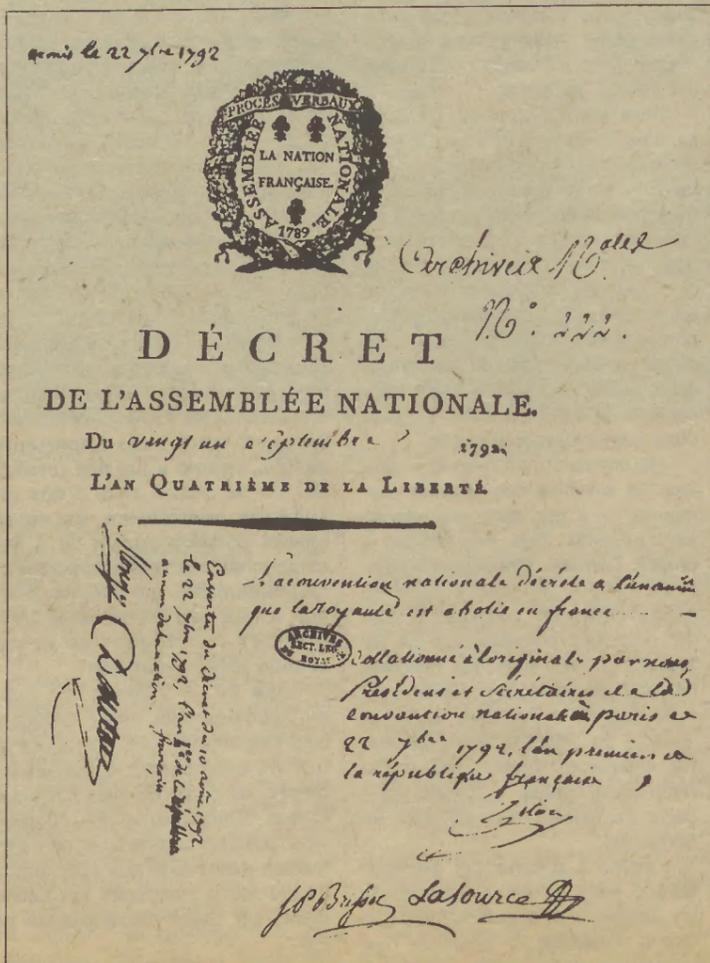
A este respeito, devemos analisar dois tipos de problemas.

Primeiro, em que medida nós, su-

Esta tarefa revelou ser muito mais difícil e contraditória do que parecia de início. Mas há progressos, o país muda rápida e irreversivelmente. O Primeiro Congresso de Deputados do Povo foi uma brilhante confirmação desta tese.

Qual a essência das reformas radicais que iniciámos? Em linhas gerais, podemos considerar que a chave para a resolução dos problemas da Perestroika consiste na superação do alheamento do homem em relação à propriedade. Este é o denominador comum de todas as nossas medidas visando quebrar o sistema administrativo-burocrático e transformar as relações de produ-

• A interdependência das revoluções francesa e russa é para nós, soviéticos, indiscutível. Cada uma delas abriu — na respectiva etapa — novos horizontes a toda a civilização.



cessores de grandes revoluções do passado, concretizámos os direitos e as liberdades por estas proclamadas?

Claro que a situação actual da humanidade difere radicalmente da existente em vésperas da Revolução de Outubro e, tanto mais, do fim do século XVIII.

A URSS alcançou progressos impressionantes e sem precedentes nos anos pós-revolucionários. Referimos hoje sem rodeios as peripécias difíceis da nossa história e as tragédias que não conseguimos evitar. Não é possível refazer a história. Compreendemos que, em muitos aspectos, nos atrasámos, por assim dizer, em relação a nós próprios e às ideias em nome das quais ocorreu a nossa revolução socialista, a primeira no mundo. Percebemos que houve deturpações dos princípios com base nos quais começou em vida de Lênine a edificação de uma sociedade de novo tipo. Foram desfigurados os ideais de liberdade, igualdade e justiça que constituem a fonte humanista de qualquer revolução social.

Optámos pela via da Perestroika com o objectivo de renovar radicalmente a sociedade. Apontámos decididamente que só alcançaríamos esse objectivo através de uma democratização global e profunda, através da união orgânica do socialismo com a democracia.

ção. Criamos condições propícias ao desenvolvimento de diferentes formas de propriedade socialista e subordinamos o mercado, as relações monetário-mercantis, a iniciativa, o empreendimento e a gestão às necessidades do consumidor. Numa palavra, orientamos a economia para o homem, para as suas necessidades materiais e espirituais.

A chave para o triunfo da Perestroika consiste na superação do alheamento do homem em relação ao poder. Nisso reside a essência da reforma política: restabelecimento do poder dos Sovietes, eleições realmente livres e assentes na competitividade, eliminação dos dogmas e proibições na vida social, abertura, controlo da actividade dos organismos executivos, independência dos tribunais.

A Perestroika na União Soviética relança os valores autênticos do socialismo: democracia, poder popular, justiça social e direitos do homem.

São estas as nossas considerações sobre a forma como utilizámos o património da nossa revolução. E não só considerações, mas também conclusões, actos práticos e nova política. Paralelamente, analisamos se a sociedade surgida com a Revolução Francesa conseguiu compreender correcta e oportunamente as lições dessa revolução.

Ocidente face à Perestroika

E o Ocidente? Será que tirou os ensinamentos devidos, face à situação real, do caminho para onde conduziu o mundo em resultado da confrontação brutal com o socialismo? É um tema para os intelectuais apreciarem. Corresponde a política do Ocidente aos ideais da Revolução Francesa? Eis outro interessante tema de reflexão.

Objectivamente, o Ocidente foi obrigado, por vezes contra vontade, a tirar «conclusões». O desafio lançado pela sociedade de alternativa em 1917, sobretudo depois de ter demonstrado a sua vitalidade e força ao derrotar o fascismo, obrigou o capitalismo a concretizar em maior grau as reivindicações da Revolução Francesa e até a assimilar alguns ideais da Revolução de Outubro na Rússia.

Não se trata ainda da revisão dos processos históricos decorridos no Século XX.

Por exemplo, verifiquemos como o Ocidente reage à nossa Perestroika e aos acontecimentos em outros países socialistas. Mesmo pessoas que vêem com bons olhos essas mudanças esperam que os países socialistas acabem por optar pelo capitalismo! Alimentam ilusões de que só a sociedade burguesa constitui a verdade absoluta e eterna! Não são apenas reflexões puramente «teóricas». Conhecemos vários políticos que, seguindo esses postulados, apostam na «suplantação do socialismo». Li nos últimos dias muitos materiais sobre esse tema publicados também na imprensa francesa.

Será que concepções análogas, expressas da forma mais brutal, nunca provocaram guerras? Será que não constituem uma fonte de confrontação? Será que não alimentam a corrida aos armamentos?

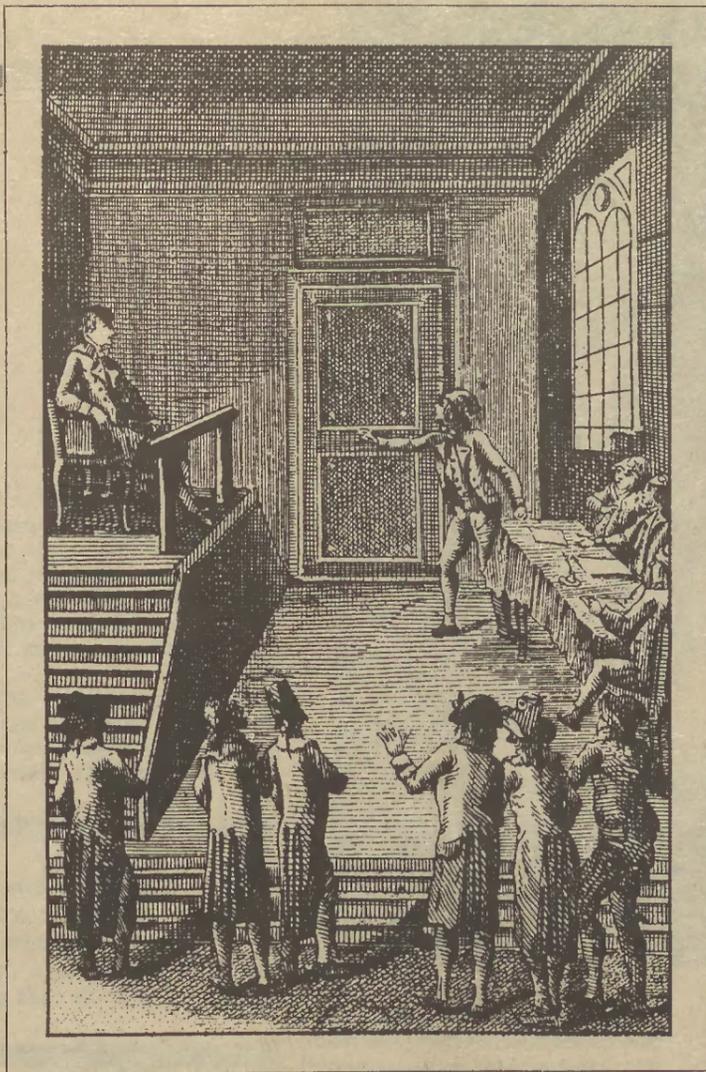
Não, não é esse caminho para alcançar um consenso no movimento para um mundo melhor, um período de paz e um «lar europeu». No nosso século universal, a liberdade de opção é um princípio de coexistência da comunidade internacional. Devemos adaptar-nos a esta realidade.

Passos positivos

Nesse capítulo todos nós, repito, todos nós, enfrentamos grandes problemas. Por enquanto, pode-se constatar com satisfação que, no âmbito do processo europeu e da ONU, são feitas as primeiras tentativas para resolução desses problemas.

Consideramos um indício da época a análise construtiva e multilateral dos aspectos humanitários do processo europeu, análise iniciada numa conferência em Paris e a continuar em Copenhaga e Moscovo. Os problemas relacionados com os direitos do homem e outras questões de carácter humanitário surgem por todo o lado e, por muito diferentes que sejam as atitudes em relação a essas questões, todos temos os mesmos objectivos.

Na nossa época — facto inteiramente correcto — um Estado é julgado pela sua capacidade, ou incapacidade, de criar condições legais e materiais que permitam aos cidadãos sentirem-se livres e iguais. A



comunidade internacional ficará a salvo de catástrofes se todos os Estados se regerem pelas normas universalmente reconhecidas. Por isso, é actual como nunca a procura dum consenso em relação a essas normas, levando em conta que existem no mundo sistemas socioeconómicos e políticos diferentes.

O segundo grupo de problemas. A par dos direitos do homem e dos direitos das nações, surgiu mais uma questão imensa e vivificante, mas ao mesmo tempo dramática. Trata-se da garantia dos direitos da Humanidade, dos direitos do género humano à subsistência, à recuperação da harmonia com a Natureza e

Na nossa época qualquer progresso deve obedecer aos interesses comuns da humanidade. Devemos procurar juntos critérios gerais de desenvolvimento nas condições da revolução técnico-científica e na era nuclear e pós-nuclear. Se não o fizermos correremos o risco de decadência geral, degradação e mesmo desaparecimento da civilização mundial.

Gostaria de apresentar algumas considerações a este respeito.

Primeiro, é evidente que não podemos continuar a confiar no desenvolvimento caótico. Se queremos sobreviver e acompanhar o rápido crescimento da força material

• *Compreendemos que, em muitos aspectos, nos atrasámos, por assim dizer, em relação a nós próprios e às ideias em nome das quais ocorreu a nossa revolução socialista, a primeira no mundo.*

à criação de condições de desenvolvimento dignas do homem. Penso que estamos ainda no início dessa via.

A nova época histórica impõe novas leis de progresso social, cujos critérios devem ser revistos face à realidade do nosso tempo.

O desenvolvimento da produção material não pode prosseguir segundo as velhas formas nem com a mesma pressão sobre a natureza. Por outro lado, a humanização da sociedade — por muito diferentes que sejam os regimes em vários países — impõe um tipo de desenvolvimento com foco na personalidade humana. Trata-se de um problema universal que exige o consenso de todas as pessoas.

A luta de classes não pertence ao passado

Será possível conseguir esse consenso com o mundo dividido, militarizado e dilacerado por conflitos e contradições sociais? A luta de classes também não pertence ao passado.

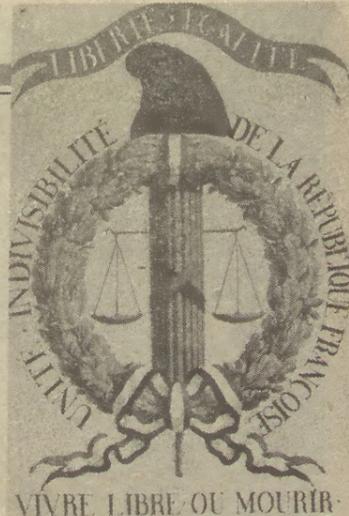
Tudo é assim e ao mesmo tempo não é. O conflito universal entre a sociedade e a Natureza e a miséria dum parte enorme da humanidade é muito mais importante que os antagonismos entre países, grupos de países e forças políticas e sociais. Eis ainda mais um tema para reflexão.

do homem, devemos aprender a controlar em conjunto esse processo.

Segundo, não é menos claro que a visão tradicional do progresso não pode ser aplicada ao século XXI. Além disso, a experiência histórica mostra de maneira convincente que o desenvolvimento tradicional só agrava as desigualdades na fruição dos bens, tanto a nível dos países como no âmbito mundial. A visão comum é uma apreciação tecnocrática e acaba por pôr em causa a própria razão de ser do progresso: a dignificação do homem.

Temos de definir as necessidades razoáveis da humanidade em função dos recursos energéticos e minerais, das exigências ecológicas e demográficas, e, naturalmente, da exigência de liquidar o fosso que existe — e a todos ameaça — entre um pequeno grupo de países industrializados e dezenas de outros, sobretudo do Terceiro Mundo, subdesenvolvidos.

Terceiro, a nova civilização já começou a nascer e não será um monólito uniforme e homogéneo. Inversamente, a sua viabilidade passará pela pluralidade e diversidade intelectual, étnica, social, política e cultural. Esta característica da integridade do mundo contemporâneo irá, sem dúvida, acentuar-se de decénio para decénio. Assim sendo, uma das condições essenciais do progresso é a tolerância em relação a outros modos de pensar e viver. Devemos reconhecer incondicionalmente a todos os povos a liberdade



de opção sociopolítica, imperativo universal da nossa época.

Quarto, tudo indica que o futuro da humanidade está relacionado com a convivência, cooperação e concorrência pacífica de Estados e sistemas socioeconómicos. Ninguém pode aspirar ao papel de cozeiro dos outros se não quiser suicidar-se e assim exterminar toda a humanidade. Quero salientar particularmente esta ideia.

Quinto, nos nossos dias, as forças que lutam pela independência nacional, económica e política e pelos direitos sociais e políticos não alcançarão os seus objectivos se ignorarem as duras realidades da era nuclear e se recusarem procurar soluções políticas e pacíficas para as suas contradições e conflitos, se buscarem soluções alheias aos interesses comuns da humanidade e alicerçadas na confrontação de interesses particulares e gerais.

Penso que são estes os imperativos mais importantes da época em que vivemos. A compreensão do seu significado exige reflexão intensa e consciência inquieta, passa pela revisão dos conceitos tradicionais, enfim, por um novo pensamento político.

A época actual exige uma nova interpretação das palavras de ordem da vossa revolução: «Liberdade, igualdade, fraternidade!» Conservando a sua ênfase histórica, estes lemas ganham um novo conteúdo. Assim, a humanidade só terá futuro se for reconhecido que a liberdade e o bem-estar de todos constituem a condição da liberdade e bem-estar de cada povo e cada pessoa.

Os intelectuais e a política

Estimados senhores! Uma das particularidades dominantes da situação actual reside no aumento colossal da importância da qualidade política de qualquer país. Esta qualidade depende em larga medida dos conhecimentos científicos e da participação dos intelectuais na definição da política.

Hoje, os especialistas, que no passado constituíam uma elite, transformam-se numa ampla comunidade de representantes pleni-

• *Tudo indica que o futuro da humanidade está relacionado com a convivência, cooperação e concorrência pacífica de estados e sistemas socioeconómicos. Ninguém pode aspirar ao papel de cozeiro dos outros se não quiser suicidar-se e assim exterminar toda a humanidade.*

enciários do pensamento e da cultura, sensíveis à diversidade do mundo contemporâneo e atentos aos seus problemas e preocupações.

Ao mesmo tempo, aumenta a responsabilidade social dos intelectuais, inclusive no plano internacional. O vazio espiritual e intelectual é perigoso e o mesmo acontece hoje com o intelecto desprovido de moral. A ciência imoral perde qualquer sentido humanitário.

Cada vez mais importante é que o reforço do conteúdo moral da ciência se traduza na sua articulação com a política. O enfraqueci-

mento, e sobretudo a quebra, de qualquer elo na cadeia indivisível «política-ciência-moral» teria consequências imprevisíveis para a humanidade contemporânea.

No fundo, é necessário intelectualizar a política, que por sua vez deve recorrer à razão e criatividade. As relações dos políticos com o seu povo e com os outros países têm de ser verdadeiramente democráticas.

A política moral respeita os direitos soberanos de todos os povos, grandes e pequenos, ajuda a encontrar a melhor forma de combinar interesses, individuais e colectivos, nacionais e globais. A moral, fruto da cultura milenária da humanidade, coloca a política em condições de fazer face aos perigos universais e aumenta a confiança das pessoas num futuro melhor.

A política é fortemente influenciada por manifestações grandiosas de moral social como, por exemplo, a reacção internacional ao terramoto na Arménia. Não esqueçamos que o povo francês esteve entre os primeiros a acudir aos sinistrados. A comunidade arménia da França prestou-nos uma ajuda inapreciável.

Claro que as noções do bem e do mal mudaram de século para século e ainda hoje estão longe de ser uniformes. Porém, nunca foi tão imperiosa a necessidade de encontrar um «denominador comum» para essa noção.

Esperamos que os cientistas, escritores e artistas da França e União Soviética, desenvolvendo as tradições históricas, cooperem e contribuam para a humanização da política mundial e a renovação do mundo contemporâneo com base nesse «denominador comum».

Cooperação soviético-francesa

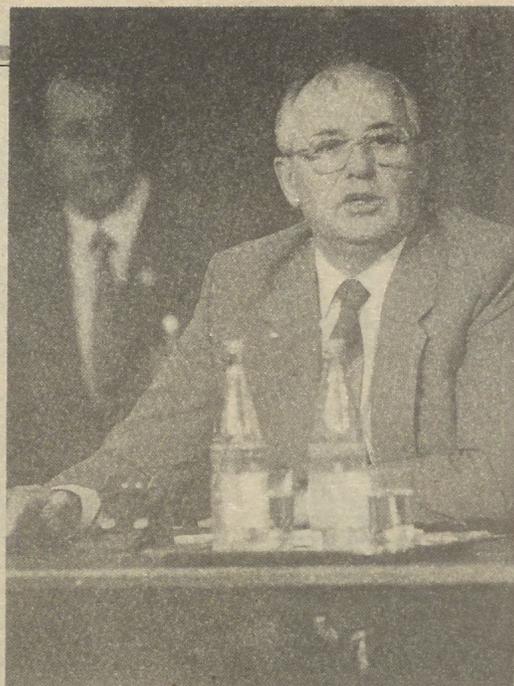
Senhoras e senhores! Há mais de 300 anos que os povos russo e francês mantêm estreitos contactos culturais. Nos momentos de «altos e baixos» nas relações políticas e económicas, os contactos culturais foram sempre uma «ponte» que evitou a ruptura total de relações. Essa «ponte cultural» manteve-se nos momentos mais críticos da «guerra fria». Porém, hoje é demasiado estreita, nos últimos tempos a nossa cooperação intelectual e cultural

têm marcado passo. As pessoas que nela participam são poucas, embora de renome internacional. A informação sobre as criações intelectuais da nossa época é parcial e selectiva de ambos os lados. Soviéticos e franceses sabem pouco sobre a cultura contemporânea do outro povo. Não quero acusar ninguém, apenas constato as consequências de uma época.

Chegou o momento de reabertura na esfera intelectual. De resto, o aniversário da Grande Revolução Francesa contribui para isso. No



Mikhail Gorbatchov na Sorbonne



importante e original para a formação da nova política europeia.

Estamos convencidos de que a cooperação entre intelectuais e jovens dos nossos países pode contribuir para dar início a um período de paz na história secular da Europa e para a concretização dos ideais de vida, liberdade e dignidade humana.

A cooperação intelectual entre os dois países poderá servir como núcleo impulsionador do movimento de revolução filosófica e moral da nossa época. Aliada a uma política humanitária e racional e ao novo pensamento político, essa revolução determinará o carácter da nova civilização que está a nascer.

Obrigado ■



Os acontecimentos na China

Jean-Luc Domenach: Sr. Presidente, gostaria de colocar-lhe uma pergunta concernente à China. Creio que o senhor verificou directamente os acontecimentos, naquele país, pois esteve em Pequim a convite dos dirigentes chineses e o seu nome foi invocado por estudantes que, chamando as coisas pelos devidos nomes, foram assassinados pouco depois. A minha pergunta é dupla e diz respeito, primeiro, à sua avaliação da tragédia ocorrida na China. Alguns analistas soviéticos reagiram moderadamente aos acontecimentos, o que foi interpretado como uma tentativa de não pôr em xeque a aproximação soviético-chinesa. Por outro lado, o Ocidente denunciou unanimemente a repressão. Qual é a sua avaliação dos acontecimentos em Pequim? A segunda pergunta diz respeito à União Soviética e à *perestroika*.

também face aos acontecimentos na China. As mudanças que o senhor propôs no seu país criaram problemas sociais. As autoridades também reagiram por vezes com recurso à força, como ocorreu na Geórgia. Se as reformas conduzirem a distúrbios parecidos com os que tiveram lugar na Praça da Paz Celestial, qual será a sua reacção?

• As novas gerações devem destruir o clima de hostilidade e desconfiança que herdaram das décadas passadas e preparar-se para viverem na «casa comum dos europeus».

dos com os que tiveram lugar na Praça da Paz Celestial, qual será a sua reacção?

Mikhail Gorbatchov: Os participantes deste encontro parecem ter gostado da pergunta, portanto, aproveitarei a oportunidade para formular a minha atitude.

Portanto responderei à primeira parte da pergunta. Classificaria a nossa reacção aos acontecimentos

na China como ponderada e responsável, com base nos conceitos que acabo de expor no meu discurso. Devemos levar em consideração que a civilização chinesa é muito antiga e que o país tem mais de mil milhões de habitantes.

O mundo actual atravessa uma

etapa de profundas mudanças. O mundo altera-se em todos os aspectos, nomeadamente nas áreas económica e social. As mudanças atingem mesmo pessoas que gostariam de poder declarar que o mundo não muda porque já é uma cidade brulhante no topo da colina. Tudo muda, inclusive os países e povos, mas as alterações são sobretudo sensíveis quando se operam em

grandes países, como a China e a União Soviética. Penso que concordarão com esta afirmação, levando em consideração o peso destes países no contexto da civilização mundial e a influência que exercem sobre ela.

Desejamos que o povo chinês alcance êxitos. Queríamos isso mesmo quando as nossas relações com esse país eram algo reservadas,

ventude e os intelectuais. A nossa opinião mantém-se inalterável e não deve ser considerada como ensinamento ou conselho. Trata-se de considerações nossas, mas cabe aos chineses decidir se as aceitam ou não. É simplesmente a nossa maneira de encarar os problemas referidos. Seria estranho que comesse agora aqui a dar-vos conselhos sobre a forma de viver em

• A época actual exige uma nova interpretação das palavras de ordem da vossa revolução: «Liberdade, igualdade, fraternidade!» (...) Assim, a humanidade só terá futuro se for reconhecido que a liberdade e o bem-estar de todos constituem a condição da liberdade e bem-estar de cada povo e cada pessoa.

para não utilizar termo mais forte. Na verdade, eram relações de alheamento. Mas não assumimos qualquer atitude de desrespeito em relação à China, à sua história, ao seu presente e futuro. Hoje ocorrem mudanças nesse enorme país, que é um mundo em si. Parece que todos gostamos desse facto e da tendência dessas alterações, profundas e sérias. Portanto, não se trata apenas de repintar a fachada depois do aguaceiro, há verdadeiras mudanças revolucionárias. Dessas mudanças resultam não só avanços positivos e júbilo, mas também acontecimentos dolorosos. O povo descobre que na sua própria história também há páginas negras. Eis a minha apreciação da China actual. Muito dependerá, para o desenvolvimento do mundo inteiro, do rumo que esse país seguir.

Todos queremos ver a China seguir o rumo da renovação, que se torne um país amante da paz, se integre na economia e na civilização mundiais modernas, mantenha relações normais com os países vizinhos e outros Estados e povos, que o seu modo de vida seja escolhido pelo próprio povo chinês. Seguimos o princípio de que cada povo tem direito à escolha, quer dizer, o direito de organizar a sua vida como entender. O povo chinês escolheu e segue o caminho escolhido através de revolução e mudanças. Haverá, evidentemente, dificuldades, malogros e falhas nesse caminho, como a nossa própria experiência demonstra. Ocorrerão casos dolorosos e fenómenos negativos, embora desejemos que nunca aconteçam.

Presidente e secretário-geral

Um professor da Universidade de Paris: O senhor presidente pode ser considerado, por assim dizer, uma pessoa dupla. É presi-

• Optámos pela via da «perestroika» com o objectivo de renovar radicalmente a sociedade. Aparentaríamos esse objectivo através de uma democratização global e profunda, através da união orgânica do socialismo com a democracia.

dente do Soviète Supremo da URSS e, ao mesmo tempo, secretário-geral do CC do PCUS. Gostaria de perguntar, a esse respeito: dá o presidente do Soviète Supremo da URSS, contando com o apoio de 2250 deputados do povo, ordens ao secretário-geral do CC do PCUS ou vice-versa? Ou essas duas personalidades aconselham-se uma à outra para encontrar soluções para os problemas que dizem respeito ao Partido e ao Estado?

Mikhail Gorbatchov: Obrigado, são perguntas interessantes.

Senhores! Temos que esquecer o hábito de ver o mundo a preto e branco. O mundo em que vivemos, e sobretudo no futuro, é muito complexo e diversificado, está repleto de tendências, desafios, fenómenos e destinos extremamente complicados. A única coisa que nos pode ajudar é a dialéctica, para reconhecer as interligações mais complexas e identificar as causas e as consequências.

Nesse contexto, o secretário-geral do CC do PCUS e o presidente do Soviète Supremo coexistem sem problemas. Não penso que a acumulação de funções se mantenha sempre, como já referi. Mas estou convicto de que tal necessidade existe por enquanto e defendi com energia essa opinião. É necessária, para podermos consolidar a sociedade com base na *perestroika*. No caso, o dirigente do partido que formulou essa política obteve poderes estatutais através do Congresso dos Deputados do Povo, que é o novo órgão máximo do poder. Desse modo, o Partido ganha possibilidades suplementares de trabalhar com insistência ainda maior para alcançar êxitos e progressos na *perestroika*. O facto é universalmente reconhecido na nossa sociedade embora surjam críticas.

• A «perestroika» na União Soviética relança os valores autênticos do socialismo: democracia, poder popular, justiça social e direitos do homem.

Não sei como o problema da acumulação de funções será resolvido a nível das repúblicas, regiões e localidades, decorrem debates acalorados a esse respeito. Adoptámos uma plataforma democrática face a essa questão, ou seja, deixámos a critério das próprias repúblicas, regiões, cidades e distritos. Quero até revelar-lhes um segredo. O Secretário-Geral dá conselhos oportunos ao Presidente do Soviète Supremo da URSS, mas este também recebe incentivos do Secretário-Geral do CC do PCUS, o que é muito positivo.

Tragédias naturais e cooperação

Haram Tazieff: Sr. Presidente, acaba de mencionar a tragédia da

Arménia. Neste contexto, queria fazer-lhe uma pergunta. Tive contactos e até participei em debates profundos com especialistas e investigadores soviéticos deste problema. Pensamos que está ultrapassada a etapa de estudos puramente científicos, estão em causa problemas socioeconómicos e políticos. O senhor sabe melhor do que eu que no território da União Soviética há muitas zonas sísmicas. Penso que os cientistas soviéticos acumularam suficientes conhecimentos neste domínio para poderem ajudar o



CONSTITUTION DU PEUPLE FRANÇAIS,

Définitivement arrêtée et augmentée des articles additionnels des Droits de l'Homme, décrétés dans la séance du 24 juin, 1793.

CHAPITRE PREMIER.

De la république.

ARTICLE PREMIER.

La République Française est une et indivisible.

CHAPITRE II.

De la distribution du Peuple.

ARTICLE PREMIER.

Le peuple français est distribué pour l'exercice de sa souveraineté, en assemblées primaires de cantons: il est distribué pour l'administration et la justice, en départements, districts, municipalités.

país melhor do que antes. Escrevi-lhe sobre este problema, mas calculo que as minhas cartas não lhe chegaram às mãos. Quería perguntar-lhe se tem interesse nesse tipo de cooperação e, em caso afirmativo, estou às suas ordens.

programas nacionais, europeus e da ONU a fim de conjugar esforços para prevenir as consequências das calamidades. Isto refere-se também ao problema dos sísmos. Guardarei na memória a sua declaração e o seu desejo (aplausos).

Do Atlântico aos Urais

Regis Debray: Senhor Presidente, queria fazer-lhe uma pergunta sobre a Europa. A seu ver, quais os limites da Europa? Podemos estendê-la até Vladivostok. Por outras palavras, a União Soviética é um Estado europeu ou está dividida em duas partes, europeia e asiática?

Mikhail Gorbatchov: Quanto aos limites da Europa, o meu ponto de vista coincide com o do general Charles de Gaulle — do Atlântico aos Urais. A propósito, na última semana foram expressos outros pontos de vista. Uma opinião expressa por entidades responsáveis considera que devem ser restabelecidas na Europa as fronteiras existentes em 1939. Os senhores devem estar ao corrente da questão. Eu não posso partilhar com esta posição e parece-me que também os outros europeus não a apoiam. Sentimo-nos europeus, temos esse direito. A Europa tem enormes potencialidades intelectuais e grande experiência para apresentar ao resto do mundo propostas importantes, sobretudo no momento em que a comunidade internacional chega a uma encruzilhada e o movimento em direcção à paz não é muito veloz.

Claro que temos de resolver em primeiro lugar os problemas da própria Europa, há ideia de construir uma «casa europeia comum». Tenho grande prazer em constatar que essa ideia ganha apoio dos círculos sociais da Europa, traduzindo-se na política real dos Estados. Surge um consenso entre a política, os círculos sociais, intelectuais e, posso afirmá-lo directamente, os povos. Creio que seremos capazes não só de elaborar o projecto da «casa europeia comum», como de realizar a sua construção.

Não me preocupa o facto de a Europa ser multifacetada nos planos cultural, político e ideológico, pois a criação da «casa europeia comum» será um processo em que deverá haver aproximação das posições dos seus membros. Há quem queira que

Devo dizer que tomámos a iniciativa, durante a presente visita debatemos a cooperação neste campo. Creio que devem ser elaborados

este processo conduza à superação da divisão da Europa através da liquidação do socialismo. Mas estas aspirações, além de infundadas, são perigosas.

Tudo deve decorrer, tanto nas investigações como em política, com base na realidade e preservando os princípios ideológicos, por que cada

cas entre as capitais e há planos de criação recíproca de centros culturais, o que permitirá a cada parte mostrar as suas realizações e organizar trocas regulares de valores culturais. Tudo isso faz parte da riqueza pan-europeia. Creio que, pela via de transformações e com vontade política — e podemos constatar que esta já

• E o Ocidente? Será que tirou os ensinamentos devidos, face à situação real, do caminho para onde conduziu o mundo em resultado da confrontação brutal com o socialismo?

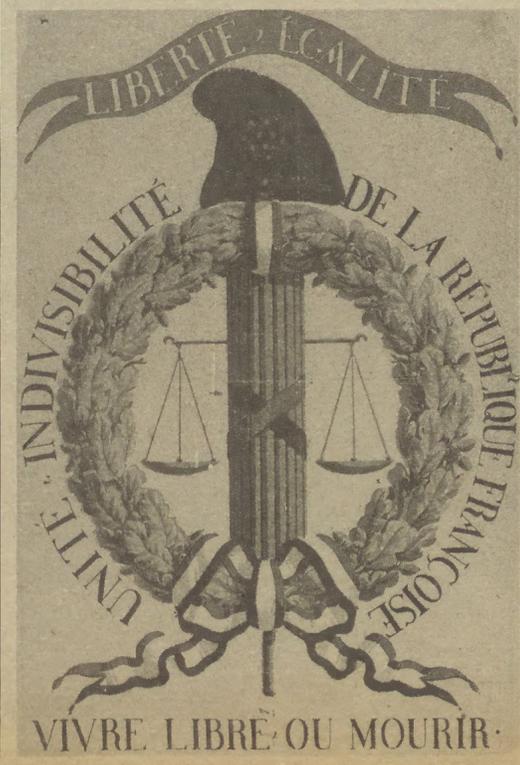
um optou, é preciso respeitar a escolha. Mas desenvolvemos o processo de modo a que, a par do diálogo político, se mantenha a cooperação, realizem encontros, sejam trocadas opiniões e examinados os problemas entre as organizações político-militares. Este processo já teve início. A propósito, vieram na minha comitiva a França o general do exército Moisev, chefe do Estado-Maior Geral, e o marechal Akhromiev, meu conselheiro nas questões militares e ex-chefe do Estado-Maior Geral. Ontem eles participaram em debates muito interessantes com um representante das Forças Armadas francesas. Chegaram a acordo para prosseguir o diálogo e torná-lo mais dinâmico, facto que infunde satisfação.

Trocas análogas tiveram lugar entre militares das duas alianças. É preciso que se mantenham, só assim haverá evolução correcta da situação e na direcção necessária. Os contactos entre a Comunidade Europeia e o organismo económico dos países da Europa Oriental ampliam-se e ganham corpo. Também estas entidades começam a cooperar e procuram adaptar-se às novas condições, com vista à edificação de uma casa europeia comum. Estabeleceram-se tro-

cas entre as capitais e há planos de criação recíproca de centros culturais, o que permitirá a cada parte mostrar as suas realizações e organizar trocas regulares de valores culturais. Tudo isso faz parte da riqueza pan-europeia. Creio que, pela via de transformações e com vontade política — e podemos constatar que esta já

existe — edificaremos uma nova Europa, uma casa comum em que cada um viverá preservando os seus próprios princípios e contactando com outros, assimilando tudo o que de melhor eles tenham. Se o desejarmos e formos realistas, estaremos em condições de materializar a ideia da casa comum. Mas se apresentarmos ultimos recíprocos — do género vocês mudam de atitude e nós ficamos na mesma — não alcançaremos nada. Devemos ir ao encontro mútuo, realizando trocas e levando a cabo um trabalho criador. Será assunto fácil? Claro que não, mas qual a alternativa? Acumular armas? Entrar em choque e manter a confrontação militar na Europa, cujo nível já é um dos mais altos no mundo? Viver em inimizade e manter o isolamento entre as culturas e os povos? Será isto sensato? Estou convicto de que entrámos no caminho certo. Tornamo-nos mais inteligentes e experientes de ano para ano. Os europeus estão em condições de edificar a sua casa comum, assente na liberdade de opção, no respeito pelos povos e as culturas e na ampla troca de valores, experiências e mercados.

Desejo êxitos, tanto a vocês como a nós.



Inventonas

Barqueiros continua a dar que falar. O último episódio dos sombrios acontecimentos que já enlutaram a pacata população minhota surgiu há dias com a presumível tentativa de homicídio na pessoa de Deolinda Carvalho, mãe do ex-presidente da Junta de Freguesia, uma senhora de 68 anos que foi amordaçada, arrastada e atirada para o fundo de um poço por desconhecidos, acto que a população atribuiu de imediato ao numeroso «corpo de segurança» (a quem chama «jagunços») contratado pela Mibal, a empresa concessionária da extracção de caulino em Barqueiros, e que continua omnipresente na povoação. Curiosa foi a resposta da Mibal, ao garantir que «não tem rigorosamente nada a ver com os factos»: para esta empresa, o rapto e a violência sobre a mãe do ex-presidente da Junta de Freguesia de Barqueiros «mais parecem, pela sua versão fantasiosa e irrealista, uma autêntica inventona gonçalvista com fins que facilmente se adivinham». Acontece que as *Inventonas* nunca foram criação do «gonçalvismo» mas de quem, ao pôr-se contra ele, queria

destruir o Portugal de Abril, o tal que deu ao povo português força e fôlego para combater os caulinos do seu descontentamento. Com o passar dos anos, os senhores da Mibal já baralham os papéis. E com fins que facilmente se adivinham...

Excitações...

Com irreprimível entusiasmo, que começava em chamada de primeira página e continuava no interior numa abertua a duas colunas, o «Diário Popular» de um dia destes exultava assim com a constatação de que Portugal tem o custo de vida mais baixo da CEE: «Se o leitor se prepara para passar as suas férias em Portugal, por razões de ordem económica, faça-o com um pouco mais de alegria pois, segundo informações provenientes de Bruxelas, Portugal é o país de custo de vida mais baixo de toda a Europa Comunitária. Se em termos de preços isto aqui é mau — console-se — lá fora ainda é pior!» Comprova-se assim o *slogan* que serviu há tempos a campanha de relançamento do «DP»: estamos, de facto, perante uma arrebatadora manifestação de inteligência!!!

Pontos Cardeais

... E repressões

Entretanto no mesmo dia em que o «Diário Popular» exultava com o nosso baixo custo de vida, o dr. Afonso de Albuquerque, director do serviço do Hospital Júlio de Matos, revelava que «uma epidemia de depressões está a afectar os portugueses, calculando-se que cerca de 6% da população em geral esteja deprimida». De acordo com este especialista, o desemprego, razões económicas e laborais são as causas do «stress» mais comum entre os portugueses. Tudo isto porque ainda não descobriram, via Bruxelas, que Portugal é o país de custo de vida mais baixo de toda a Europa Comunitária...

Esqueça-se!

Toda a gente se lembra das escandaleiras que para aí se descobriram à volta do Fundo Social Europeu, que levou a

própria CEE a pôr-se a pau com as vigarices cometidas no nosso País envolvendo muito dinheiro e muitas pessoas, algumas de relevo. O assunto, de resto, ainda tem muita ponta por desfiar, como é também do conhecimento geral. Pois com tudo isto, o secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional, senhor Bagão Félix, acha que «as irregularidades verificadas no Fundo Social Europeu, em Portugal, são questões do passado», pelo que «não vale a pena estar a falar dessas situações menos correctas que, no cômputo geral, foram minoritárias». Quer dizer: o nosso País foi palco de escândalos com desvios de milhões que puseram, inclusivamente, em causa a honorabilidade do País face aos parceiros da CEE, e o governante da tutela acha que tudo isso «são questões do passado»! O pior de tudo é termos um Governo assim ainda... no presente.

Gazetilha

por Ignotus Sum

Combustível... pra se queimar

Pela calada da noite aconteceu de súbito, o assalto: o preço dos combustíveis deu o grande salto...

(Isto depois de se haver dito um dia que o dito preço não aumentaria...)

Acho a todos os níveis (ninguém gosta que o andem a enganar) que nestes combustíveis inda o Governo se vai mais queimar...

A maçã

Agricultores deitaram à estrada a maçã importada.

- Importam-na porquê? (eles esclarecem) Porquê, se os nossos frutos apodrecem?

O pecado mortal neste buraco está, com mais razão, mais na maçã de Cavaco que na maçã de Adão...

Cadilhe tem um processo em cima

Pois seja como for: Cadilhe foi chamado a depor.

(Amoreiras, a casa, a sisa, o enguiço, nós já sabemos isso...)

Cadilhe, de magoado visual a quem o ouve, diz que o jornalismo, o tal que levantara aquele temporal «não servia o País...»

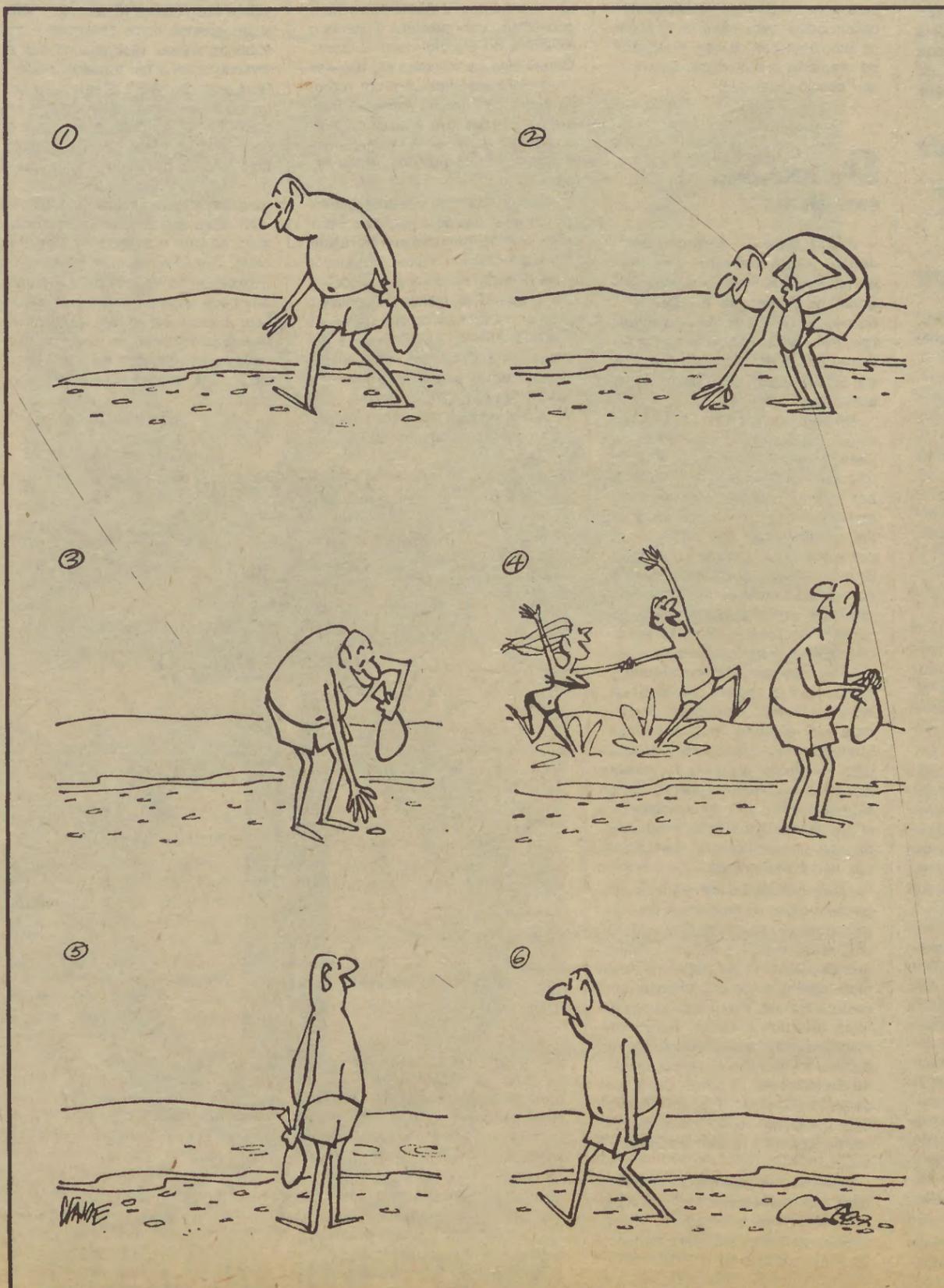
Cadilhe mostra a doença de raiz quando na ira ferve. Tal jornalismo não serve o País ou ao Cadilhe pois é que não serve...?

O remédio...

Em Vila Chã o povo achou preciso levantar-se por causa do traçado de uma estrada que dava prejuízo a todo o povoado.

O Governo o que fez pra que o caso se encerre? Mais uma vez chamou a GNR...

Este Governo o diálogo despede-o. É um fraco doutor. Em tais medidas usa o mesmo remédio para todas as feridas...



Agenda /

Avante!

Ano 59 - Série VII

N.º 813

27 de Julho de 1989

4.º Caderno

Não pode ser vendido separadamente



PCP

Naturais de VN Ourém e Ferreira do Zêzere

As organizações concelhias do PCP de Vila Nova de Ourém e Ferreira do Zêzere vão promover no próximo dia 4 de Agosto, às 21.00 horas, no Centro de Trabalho Vitória, em Lisboa, uma reunião de militantes do PCP e outros activistas da CDU, naturais daqueles concelhos.

Em discussão estarão os problemas concelhios, nomeadamente questões relacionadas com as próximas eleições autárquicas.

Está prevista participação dos camaradas Francisco Lancinha e Rui Ferreira, entre outros.

Avante!

Transportes, acessos e estacionamento

Assim, tudo será mais fácil!

É fácil fazer a inscrição para a Corrida

O sorteio das EPs

é já no próximo dia 6

Militantes e amigos do PCP

erguem a Festa

A festa do livro zam

das EPs

culino) serão viagens turísticas à

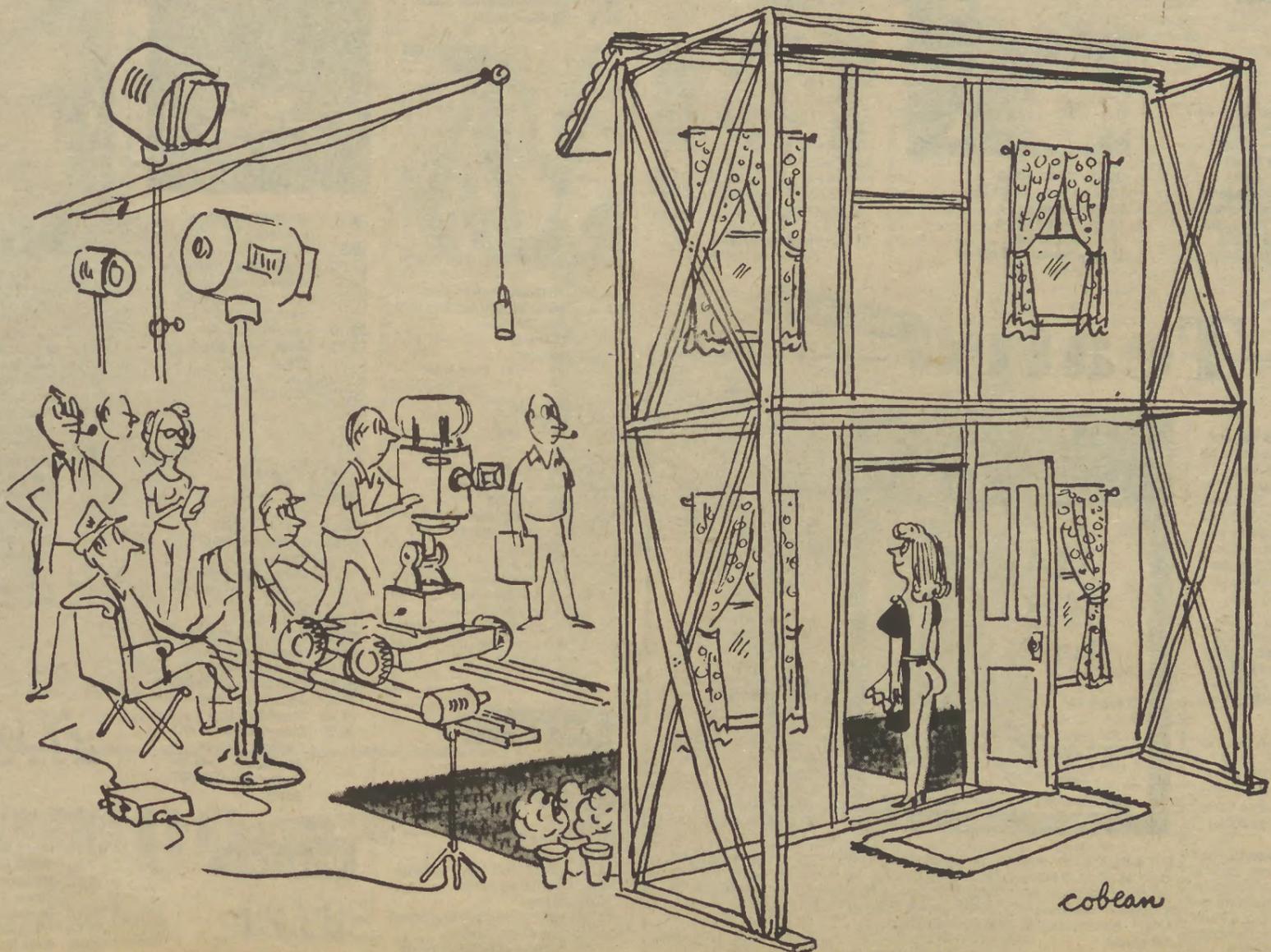
Permanente (EP) na Festa do «Avante!».

Centro do Livro e do Disco da

vídeo de qualidade que o bom

• 50 escritores portugueses

com cópias de autógrafos



TV O Programa



Quinta 27

RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 12.15 - Brega e Chique (173.º e último epis.)
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 14.15 - Desconhecidos (últ. epis.)
- 15.05 - Jazz Session
- 16.00 - América Selvagem
- 16.30 - Ponto por Ponto
- 17.25 - Brinca Brincando
- 18.20 - P'ra Variar
- 18.55 - Volta a Portugal em Bicicleta
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.20 - Sassaricando (92.º epis.)



- 21.20 - Anjos em Fúria (II) (1.º epis.)
- 22.10 - Roy Orbison
- 23.05 - Portugal Está a Mudar (1.º prog.)
- 23.35 - 24 Horas
- 00.05 - Remate.

RTP2

- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.25 - O Grande Sertão: Veredas (repetição, 15.º epis.)
- 16.30 - Quem Sai aos Seus...
- 16.55 - Sinhá Moça (113.º epis.)
- 17.30 - Trinta Minutos Com...
- 18.00 - TV 101 (13.º epis.)
- 19.00 - Music Box
- 19.55 - Os Intocáveis
- 20.45 - Cem Grandes Quadros
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Maude
- 21.55 - Hora da Verdade
- 22.55 - Hitchcock Apresenta...
- 23.30 - Primeiro Andamento.

Sexta 28

RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 12.15 - Amor Com Amor se Paga (telenovela brasileira - 1.º epis.)
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Gloss (6.º epis.)
- 14.25 - Imagem e Imagens
- 15.05 - Programa Musical
- 16.05 - América Selvagem
- 16.30 - Ponto por Ponto
- 17.15 - Brinca Brincando

- 18.00 - P'ra Variar
- 18.55 - Volta a Portugal em Bicicleta
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.20 - Sassaricando
- 21.15 - Telemundo
- 21.45 - Jogos Sem Fronteiras
- 23.15 - 24 Horas
- 23.45 - Remate
- 00.05 - Pela Noite Dentro - «Dominique». Real. de Michael Anderson (EUA/1978, 100 m).



- 21.35 - Sabadababu (reposição, 1.º prog.)
- 22.35 - As Noites Revolucionárias (1.º epis.)

RTP2

- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.25 - Agora, Escolha!
- 16.55 - Sinhá Moça
- 17.30 - Trinta Minutos Com...
- 18.00 - A Aventura do Impossível (6.º epis.)
- 19.00 - Haja Música
- 19.55 - Os Intocáveis
- 20.45 - Cem Grandes Quadros
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Um Homem dos Diabos (últ. epis.)
- 22.30 - Rumo aos Céus (10.º epis.)
- 23.20 - Entre Barreiras
- 23.50 - Rotações.



- 23.20 - Cinema da Meia-Noite - «Madigan». Real. Don Siegel (EUA/1968, 100 m).

Sábado 29

RTP1

- 10.00 - Juventude e Família (Desporto e Ciência, Era Uma Vez a Vida, O Safari do João Valentão, Cervos e Gamos, As Aventuras de Teddy Ruxpin, Get Smart)
- 12.30 - Trânsito
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - Recordes Guinness
- 13.35 - Parlamento
- 14.05 - Sessão da Tarde - «Burke e Willis». Real. Graeme Clifford (EUA-Austrália/1987, 96 m)



- 16.00 - Circo, Circo
- 17.35 - Crime, Disse Ela
- 18.20 - Vivámúsica
- 19.10 - Sete Folhas
- 19.45 - Totoloto
- 20.00 - Jornal de Sábado

RTP2

- 10.00 - A Malta da Bronx (11.º epis.)
- 10.45 - Vestígios (série, 4.º epis.)
- 11.45 - Via Rápida
- 12.40 - Compacto Brega e Chique
- 16.00 - Estádio
- 19.30 - Quem Sai aos Seus
- 19.55 - Music Box
- 20.50 - Elogio da Leitura
- 21.15 - A Saga do Padrinho (7.º epis.)
- 22.15 - Segredos e Mistérios
- 23.45 - Basquetebol Internacional.

Domingo 30

RTP1

- 10.00 - Juventude e Família
- 11.15 - Missa
- 12.05 - 70x7
- 12.30 - TV Rural
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - Estrada Fora (2.º epis.)
- 13.55 - Alô, Alô
- 14.20 - Terra X



- 15.10 - Primeira Matinée - «O Pecado de Rachel Cade».

- Real. Gordon Douglas (EUA/1960, 124 m)
- 17.10 - Jogos de Verão
- 19.00 - Maniacos do Desporto (2.º epis.)
- 20.00 - Jornal de Domingo
- 20.30 - Boletim Meteorológico
- 20.35 - Alf, Uma Coisa do Outro Mundo
- 21.15 - Crime à Portuguesa (2.º epis.)
- 22.10 - Domingo Desportivo.

RTP2

- 10.00 - Troféu
- 13.00 - Caminhos
- 13.20 - Troféu
- 18.00 - Derrick (19.º epis.)
- 19.00 - O Mundo em Extinção (últ. epis.)
- 19.50 - 17 Obras de Grandes Autores
- 20.40 - Lusitânia Expresso
- 21.15 - Artes e Letras - João Cutileiro
- 22.10 - Cineclubes - Ciclo F. W. Murnau: «Tartufo» (Alemanha/1925).

Segunda 31

RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 12.15 - Amor com Amor se Paga
- 13.00 - Jornal da Tarde



- 13.30 - A Rota de Howard
- 14.15 - A Brigada Falcão
- 14.40 - Os Que Não Voltaram
- 15.05 - Galícia para o Mundo (I)
- 16.00 - América Selvagem
- 16.30 - Ponto por Ponto
- 17.30 - Brinca Brincando
- 18.20 - P'ra Variar
- 18.55 - Volta a Portugal em Bicicleta
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.20 - Sassaricando



- 21.15 - Masada (série, 1.º epis.)
- 23.30 - Portugal ao Encontro da Sua História
- 24.00 - 24 Horas
- 00.30 - Remate.

RTP2

- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.25 - Agora, Escolha!
- 16.55 - Sinhá Moça
- 17.30 - Trinta Minutos Com...
- 18.00 - Amor Amargo e Doce (telefilme)
- 19.00 - Music Box
- 19.55 - Os Intocáveis
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Acerto de Contas
- 21.55 - Teatro Estrangeiro - «A Menina Júlia», de Strindberg.

Terça

RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 12.15 - Amor com Amor se Paga
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Dallas
- 14.15 - Os Filhos dos Flintstones
- 14.40 - Um Certo Sorriso
- 15.10 - Galícia para o Mundo (I)
- 16.00 - América Selvagem
- 16.30 - Ponto por Ponto
- 17.30 - Brinca Brincando
- 18.20 - P'ra Variar

Filmes

- «Dominique» - 6.ª, 00.05, RTP-1
- «Burke e Willis» - sáb., 14.05, RTP-1
- «Madigan» - sáb., 23.20, RTP-1
- «O Pecado de Rachel Cade» - dom., 15.10, RTP-1
- «Tartufo» - dom., 22.10, RTP-2
- «Um Senhor de Idade Avançada» - 3.ª, 22.00, RTP-2
- «O Homem que Fazia Chover» - 4.ª, 21.45, RTP-1

Teatro

- «A Menina Júlia» - 2.ª, 21.55, RTP-2

Música

- Quinta
- 15.05, RTP-1: Jazz
- 23.30, RTP-2: Primeiro Andamento

Sexta

- 19.55, RTP-2: Haja Música

Sábado

- 18.20, RTP-1: Vivámúsica
- 19.55, RTP-2: Music Box

Segunda

- 15.05, RTP-1: Galícia para o Mundo-I
- 19.00, RTP-2: Music Box

Terça

- 15.10, RTP-1: Galícia para o Mundo-II
- 18.00, RTP-2: Music Box

Quarta

- 15.10, RTP-1: Galícia para o Mundo-III
- 23.15, RTP-2: Música Country

Desporto

- Remate - RTP-1, 5.ª (00.05), 6.ª (23.45), 2.ª (00.30), 3.ª (23.45) e 4.ª (00.30).
- Rotações - RTP-2, 6.ª, 23.50
- Estádio - RTP-2, sáb., 16.00
- Troféu - RTP-2, dom. (10.00 e 13.20)
- Basquetebol: RTP-2, sáb., 23.45
- Volta a Portugal em Bicicleta: RTP-1, diariamente às 18.55



- 18.55 - Volta a Portugal em Bicicleta
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.20 - Sassaricando
- 21.15 - Processo Arquivado (série, 2.º epis.)
- 22.10 - Primeira Página
- 23.15 - Chefe, Mas Pouco... (3.º epis.)
- 23.45 - 24 Horas
- 00.15 - Remate.



- 13.30 - Colt em Acção (7.º epis.)
- 14.15 - Os Campbells (11.º epis.)
- 14.45 - Festas e Romarias de Portugal
- 15.10 - Galícia para o Mundo (III)
- 16.00 - América Selvagem
- 16.30 - Ponto por Ponto
- 17.30 - Brinca Brincando
- 18.20 - P'ra Variar
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.35 - Sassaricando
- 21.25 - Vamos Jogar no Totobola
- 21.45 - Lotação Esgotada - «O Homem que Fazia Chover». Real. de Joseph Anthony (EUA/1957, 118 m)
- 24.00 - 24 Horas
- 00.30 - Remate.

RTP2

- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.25 - Rumo aos Céus (6.º epis.)
- 16.20 - Tempos de Música - Missa em sol maior de Carlos Seixas
- 16.55 - Sinhá Moça
- 17.30 - Trinta Minutos Com...
- 18.00 - Music Box
- 19.55 - Os Intocáveis
- 20.45 - Cem Grandes Quadros
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Cine Magazine
- 22.00 - Cinemadols - «Um Senhor de Idade Avançada». Real. de Pierre Etaix (Fr/1987, 90 m).

Quarta

RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 12.15 - Amor com Amor se Paga
- 13.00 - Jornal da Tarde

RTP2

- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.25 - Agora, Escolha!
- 16.55 - Sinhá Moça
- 17.30 - Trinta Minutos Com...
- 18.00 - Paisagens da Terra (série, 2.º epis.)
- 19.00 - Music Box
- 19.55 - Os Intocáveis
- 20.45 - Cem Grandes Quadros
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Grande Sertão: Veredas (21.º epis.)
- 23.15 - Música n'América.

Teatro O Cartaz

LISBOA

Casa dos Tabuenes, Rua dos Poiais de S. Bento, 75. De 3.ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **Um Demónio na Vitrine**, de Fialho de Almeida, dramat. Manuel João Gomes, enc. Silvina Pereira, pelo Teatro Maizum (até 30/7).

Comuna - Café-Teatro, Praça de Espanha. Sáb., 22.00. **Festival da Otite**, textos Carlos Paulo, encen. João Mota (até 29/7).

Ritz Club, Rua da Glória, 57. De 3.ª a dom. às 22.00. **Comunidade**, de Luiz Pacheco, encen. José Carretas (até fim de Julho).

Teatro Aberto, Praça de Espanha. De 3.ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **A Marmitta de Papin**, de Clara Pinto Correia, enc. Fernando Gomes (até 30/7).

Teatro da Graça, Trav. S. Vicente, 11. De

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

De 3.ª a Sábado às 21 horas
Domingo às 15 horas e às 21 horas

MARCO MILHÃO
Eugene O'Neill

Encenação: JOAQUIM BENITE
Cenografia e Figurinos: VASCO ELOY

com
Alfredo Sobrinho - Álvaro Faria - Ana Nave - António Assunção - António Oleio - Carlos Sebastião - Fernando Jorge - João Paulo Santos - Josefina Correia - Luís Pais - Luís Vicente - Margarida Leal - Mário Timóteo - Paulo Duarte - Silva Heitor - Vítor Gonçalves

Subsídio SEC/GMA

Companhia de Teatro de Almada - Grupo de Campolide
Rua Conde Ferreira Tel. bilheteira: 2752175

3.ª a sáb. às 21.00, dom. às 16.00. **O Filho do Ar**, sobre textos de Cocteau/Tchekov/O'Neill, encen. Carlos Fernando.

Teatro Maria Matos, Av. Frei Miquel

Contreiras. De 3.ª a 6.ª às 21.30; sáb. às 20.30 e 23.00; dom. às 16 e 21.30. **Quem Tramou o Comendador**.

Teatro Nacional D. Maria II, Rossio. De 3.ª a 6.ª às 21.30, sáb. e

dom. às 16. **As Sabichonas**, de Molière enc. Ruy de Matos (a.é 30/7).

Teatro Trindade, Rua Nova da Trindade 9, 3.ª, 4.ª e 6.ª, às 21.30, 5.ª, sáb. e dom. às 18.00 e às 22.00. **A Cerimónia do Adeus**, de Maurício Rasi, enc. Ulisses Cruz (Brasil).

Teatro Variedades, Parque Mayer. De 3.ª a dom. às 20.30 e 22.45, dom. também às 16.00. **A Prova dos Números Novos**, revista de H. Santana, F. Nicholson, A. Fraga e Nazareth Fernandes, enc. Maria Helena Matos.

ALMADA

Teatro Municipal de Almada, de 3.ª a sáb., às 21.00, dom. às 15.00 e às 21.00. **Marco Milhão**, de Eugene O'Neill, enc. Joaquim Benite, pela Companhia de Teatro de Almada.

Cinema A selecção

		David Lopes	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A	A Leitora	★★★	★★★	—	★★★★
B	Fuga sem Fim	★★★★	★★★	—	★★★
C	Histórias de Nova Iorque	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★★
D	Irmãos Inseparáveis	★★★★	★★★★	★★★	★★★★
E	Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos	★★★	★★★★	★★★	★★★

Classificação de ★ a ★★★★★

- A — Real. Michel Deville — Amoreiras/7 (14.30, 16.30, 19.00, 21.30, 00.15) — Lisboa.
- B — Real. Sidney Lumet — Alfa/3 (14.15, 16.45, 21.45, 00.15), Amoreiras/3 (14.30, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00), Apolo 70 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.
- C — Real. M. Scorsese, F.F. Coppola e W. Allen — Quarteto (14.30, 16.45, 19.00, 21.30, 23.30) — S. Jorge/2 (14.15, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00), — Lisboa.
- D — Real. David Cronenberg — Alfa/Clube (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00), Amoreiras/5 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Mundial/2 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45), Lisboa.
- E — Real. Pedro Almodóvar — Amoreiras/8 (13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.30, 00.15), Quarteto/2 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30) — Lisboa.

...e ainda Música, debates, etc.

Festivais de Música

No decurso desta semana realizam-se os seguintes concertos, integrados no Festival de Música da Costa do Estoril:

— amanhã, dia 28, às 21.30, no Teatro Municipal de S. Luís, concerto para dois pianos por Sequelra Costa e Artur Pizarro, com obras de Mozart, Chostakovick, Ravel e Rachmaninov;

— dia 30, às 21.30, na Igreja da Misericórdia de Cascais, concerto pelo Coro Gulbenkian sob a direcção do maestro Jorge Matta, com obras de Mélgas, Braga Santos, Poulenc, Bach;

— dia 1, às 21.30, no Hotel Palácio do Estoril, concerto pela Orquestra de Câmara de Lisboa sob a

direcção de Jorge Matta e com os violinistas solistas António José Miranda e Cecília Branco em obras de Seixas, Avondano, Manfredini e Janacek.

Preços dos bilhetes: 1000\$00, 600\$00 e 700\$00, respectivamente.

Quanto ao Festival dos Capuchos, programou para sábado, no Castelo de Palmela, um concerto pelo conjunto de metais antigos Les Sacquebouteiros de Toulouse.

Paralelamente, decorre um programa de animação, que contará diariamente com a participação de ranchos folclóricos, grupos de dança, grupos de cantares alentejanos e de música popular da região.

Feira de Nisa

De 29 de Julho a 2 de Agosto vai decorrer em Nisa a Feira de Artesanato e Gastronomia — duas

áreas em que se conhece bem por todo o país a excelência do que ali se produz.

Durante esses cinco dias, na Praça da República, será possível apreciar e adquirir peças de olaria pedrada ou xales de pêlo de cabra, bordados ou rendas de bilros, ferros forjados e madeiras. E, no capítulo das iguarias, num restaurante que funcionará no mesmo espaço, provar o sarapatel, as sopas de cachola ou os maranhos. E claro, os enchidos e o famoso queijo de Nisa.

Acampamento ibérico

É também em Nisa que se realiza de 3 a 6 de Agosto o acampamento ibérico «Amar o Tejo, Viver a Paz», promovido pela associação do mesmo nome e pelo movimento ZLAN-Zonas Livres de Armas Nucleares.

Este acampamento, que tem o apoio da Câmara Municipal de Nisa, tem o propósito de reunir jovens de Portugal e de Espanha em torno do movimento que visa a declaração da Península como zona livre de armas nucleares.

Para inscrições e informações, pode ser contactada a associação «Amar o Tejo, Viver a Paz», na Rua Rodrigo da Fonseca, 56, 2.º, em Lisboa, com os Telefones 56 33 75/6.

Exposições



Paul Mathieu, pintor belga, em Colares

• LISBOA

Amália Rodrigues — 50 Anos — A carreira de Amália Rodrigues através de fotografias, cartazes, pinturas, vestidos, jóias, discos. Museu Nacional do Teatro, Estrada do Lumiar, 10. De 3.ª a sáb. das 10 às 13 e das 14.30 às 17, dom. até às 18.

Ángela Garcia — Pintura em batik. Gal. Espiral. Praça Ilha do

Faial, 14. De 2.ª a sáb. das 12 às 21.30.

Bonecas do Japão — Fundação Calouste Gulbenkian, Galeria dos Congressos.

Carlos Botelho — Retrospectiva de pintura. Fundação Calouste Gulbenkian, Piso O. 3.ª, 5.ª, 6.ª e dom. das 10 às 17, 4.ª e sáb. das 14 às 19 e 30 (até 3/9).

Carlos Carneiro — «Catedrais», aguare-

las, carvões, águas-tintas. Fundação Gulbenkian. 3.ª, 5.ª, 6.ª e dom. das 10 às 17, 4.ª e sáb. das 14 às 19.30 (até 3/9).

Colectiva de pintura (Alda Nobre, Manuel Vieira, Sofia Areal). Gal. Alda Cortez, Largo de Santos, 1. De 2.ª a sáb. das 15 às 20.

Colectiva de pintura (António Palolo, António Viana, Daniel Nave, Isabel Garcia, João Moreira, José Paulo Ferro, Luís França, Rocha Pinto). Altamira, Rua Filipe Folque, 48-A. De 2.ª a 6.ª das 10 às 19, sáb. até às 13.

Colectiva de pintura (Adão Rodrigues, António Inverno, António Sem, Helena San-Payo, Ribeiro Farinha). Gal. Miron, Rua do Mirante, 14 r/c. De 2.ª a sáb. das 15 às 20 (até 28/7).

Colectiva de pintura e desenho (Manuel Botelho, Pedro Casqueiro, Gil Heitor Cor-



Lisboa é naturalmente vedeta na retrospectiva de pintura de Carlos Botelho que hoje se inaugura na Fundação Gulbenkian

tesão, Pedro Maia, João Jacinto, Pedro Sousa Vieira, Marta Wengorovius). Módulo-Centro Difusor de Arte, Calc. dos Mestres, 34-A. De 2.ª a sáb. das 16 às 20 (até 14/8).

Colectiva de pintura, desenho e escultura. Gal. Ygreco, Av. Ant. Augusto de Aguiar, 13-C. De 2.ª a 6.ª das 9.30 às 20, sáb. só até às 13 (até 31/7).

Colectiva de tapeçaria. Gal. Tapeçarias de Portalegre (Rua Acad. das Ciências, 2-J). De 2.ª a 6.ª, das 10 às 13 e das 15 às 19.30.

«Companhia Rey Colaço/Robles Montelro» — no Museu Nacional do Teatro (Estrada do Lumiar, 10), de 3.ª a dom., das 10 às 13 e das 14.30 às 17 horas.

«As Cores da Revolução» — Colectiva de obras de Jacques Bernar e de artistas portugueses que trabalham ou trabalharam em Paris (Bertholo, Candeias, Cargaleiro, Dacosta, Escada, Costa Pinheiro, Pomar, Vieira da Silva, entre outros). Palácio Nacional da Ajuda-Galeria do Rei D. Luís, Calçada da Aju-

da. De 3.ª a 6.ª das 10 às 19, sáb. e dom. das 10 às 17 (até 10/9).

Curado Matos, fotografia, e Rogério Silva, pintura. Galeria Diferença, Rua S. Filipe Nery, 42. Das 15 às 20, sáb. e dom. das 16 às 19 (até 30/7).

Félix Marques — Pintura. Galeria da Biblioteca Nacional, 1.º piso. De 2.ª a sáb. das 9.45 às 20.00.



Gravuras Italianas do Séc. XVII — Museu Nacional de Arte Antiga, Rua das Janelas Verdes (até 30/7).

Isabel Mendes Ferreira — Pintura. Gal. Barata, Av. Roma, 11-A. De 2.ª a 6.ª das 12 às 23, sáb. das 9 às 12 (até 5/8).

João da Rosa — Pintura. Palácio dos Coruchéus (Alvalade). De 2.ª a 6.ª das 10 às 13 e das 15 às 19,

sáb. das 15 às 19 (até 31/7).

Jorge Ribello — Fotografia. Fotogaleria 12-A. Costa do Castelo, 12-A. De 2.ª a sáb. das 9 e 30 às 13 e 30 e das 15 e 30 às 19 e 30 (até 4/8).

Livros Antigos Portugueses (impressos e manuscritos) sobre a História dos Descobrimentos. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De

2.ª a sáb. das 15 às 20.

Livros Portugueses de Cozinha — Bibliográfica. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a sáb. das 10 às 19 (até Tins de Julho).

Maria Keil — Azulejos. Museu Nacional do Azulejo, Rua da Madre Deus 4. De 3.ª a dom. das 10 às 17.

Paula Rego — Pintura. Galeria 111, Campo Grande, 111. De 2.ª a 6.ª das 10 às 13 e das 15 às 19.30, sáb. das 10 às 13 (até 30/7).

«La Revolution à l'affiche» — Documental, organizada pela Biblioteca Publique d'Information do Centro Pompidou — e «As Cores da Revolução» — cartazes de alunos da ES-BAL. Instituto Franco-Português, Av. Luís Bivar. De 2.ª a sáb. das 10 às 19.

Tapeçarias do Séc. XVI. Galeria do Rei D. Luís, Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda. De 3.ª a dom. das 10 às 17.

Teotónio S. Agostinho — Pintura e desenho. Galeria João Hogan, Rua da Voz do Operário, 13. De 2.ª a 6.ª das 14 às 20, Sáb. das 15 às 19 (até 18/8).

2.ª Mostra de Escultura ao Ar Livre. Até 30/9, Parque Central AMADORA.

3.ª Bienal de Escultura e Desenho das Caldas da Rainha e Retrospectiva de Escultura de Martins Correia. Pavilhões do Parque D. Carlos I. De 2.ª a 6.ª das 15 às 20, sáb. e dom. a partir das 10 (até 15/9) CALDAS DA RAINHA.

III Exposição Nacional «Pequeno Formato». Galeria Viragem, Av. Marechal Carmona, 6-B (até 31/7) CASCAIS.

Paul Mathieu — Pintura. Galeria Atelier EC, Al. Cor. Linhares Lima (até 6/8).

António Sena — Pintura e desenho. Convento dos Capuchos. De 2.ª a sáb. das 16 às 19.30. COSTA DE CAPARICA.

Maria Gabriel — Gravura. Clube Lago MONTE ESTORIL.

Luís Andrade — Pintura. Gal. O Outro Lado do Espelho, R. Dr. Alfredo Costa, 14, SINTRA.

Tecidos de 20 jovens pintores, escultores e designers portugueses, produzidos por uma empresa têxtil. Palácio da Pena. De 3.ª a dom. das 9 às 17 (até 31/7). SINTRA.

Colectiva de pintura: «A nossa feira — a nossa festa». Gal. Neupargama (Rua Mig. Bombarda, 15). De 2.ª a 6.ª das 14 às 20, sáb. das 10 às 13 e das 16 às 19 (até 31/7) TORRES VEDRAS.

1.ª Bienal de Fotografia de V.F. Xira. Sala do Celeiro do Edifício Patriarcal (até 31/8) VILA FRANCA DE XIRA.



Obras recentes de Paula Rego na Galeria 111

Tempo Fim de Semana

Céu pouco nublado ou limpo, temporariamente muito nublado em regiões costeiras. Vento fraco soprando em regime de nortada no litoral a Sul do Cabo Mondego. Neblinas matinais.

16 de Julho a 30 de Setembro

II mostra de escultura de ar livre

Câmara Municipal da Amadora — 1989

• PORTO

Colectiva de pintura luso-espanhola. Inter-Atrium, Av. da Boavista, 1471 (até 19/8).

Tiago Manuel — Desenho. Gal. Quadrado Azul, Rua de Costa Cabral, 777. De 2.ª a sáb. das 10 às 12 e das 15 às 22.

• OUTRAS LOCALIDADES

O Postal Antigo (sobre Almada, Cacilhas e Cova da Piedade). Sala de exposições da Biblioteca Municipal de Almada, R. Visconde Almeida Garret. Das 9.30 às 17.30 (até 28/7) ALMADA.



Síntese semanal da IMPRENSA

Por Lisboa

O acordo de esquerda Por Lisboa para as próximas eleições autárquicas dominou as atenções da generalidade dos órgãos de informação. Não faltaram as análises, a previsão das consequências, as considerações que escondem mal o desagrado de ver os principais partidos de esquerda — PCP e PS — conjugar esforços para pôr cobro à desastrosa gestão da defunta AD na capital.

O foco da unidade

A formalização do acordo PS/PCP, em conjunto com o MDP/CDE e Os Verdes, para a disputa das eleições autárquicas em Lisboa, não sendo já surpresa (as negociações estavam solidamente encaminhadas), teve ainda efeitos como se o fosse: reacção pronta do PSD e do CDS, em termos muito fortes, agravamento da situação de isolamento em que se encontram forças não abrangidas pelas duas coligações agora frente a frente, extrapolação inevitável para outras situações e outras batalhas.

O discurso político redescobre os temas e os termos adequados às grandes clivagens e às opções com sentidos definitivos. A conquista da Câmara de Lisboa vai ser, inegavelmente, discutida em clima de uma bipolarização muito agressiva.

No entanto, bastaria levantar os olhos dos contornos imediatos da situação agora criada e passá-los por aquilo a que (com sentimentos divididos) se costuma chamar «o País real» para reconhecer que as autárquicas são, por excelência, o momento de um grande «mosaico» de comportamentos político. Se há eleições em que nenhum partido está autorizado a dizer «desta água não beberei» são precisamente as autárquicas, e o argumento podia ser lembrado, com propriedade, tanto ao PSD como ao PS, aos comunistas ou aos renovadores democráticos. E nem parece oportuno começar a falar já nos mortos de Tiananmen que, para este efeito (e com todo o respeito que a sua memória deve evocar), pertencem de facto a outro município.

A revisão constitucional recentemente levada a cabo — pela única via possível, a que implicava uma larga margem de acordo entre o PSD e o PS — não estabeleceu qualquer laço sólido entre ambos, ao contrário do que a propaganda da oposição mais à esquerda tentou imputar aos socialistas. De facto regozija-se hoje, naturalmente, o PC, vendo-o com outros olhos o PSD e o CDS, para quem a frente agora constituída pode representar uma ameaça séria.

Cada autarquia é um caso, condicionado pela correlação de forças no local, pelo brilho das personalidades disponíveis a cada partido, pela boa ou má lembrança das anteriores gestões. O argumento da volubilidade, antes de ser lançado em rosto aos partidos (todos os partidos), deve ser endereçado, sem insulto, a

inédito e teve um ensaio geral quando da moção de censura do PRD. Então, um vaguíssimo cheiro do poder varreu tudo de um dia para o outro — estratégias, frases, teorias, convicções —, e se não fosse Mário Soares, teríamos tido no Governo a «unidade de esquerda».

Na raiz de tudo está a incapacidade do PS que, mais do que qualquer outro partido em Portugal, não consegue sobreviver na oposição pelas características de partido feito no Estado, pelo Estado e para o Estado. Depois de um dia de desilusão desatenta, os dirigentes do PS perceberam que as eleições para o Parlamento Europeu não os tinham posto nem um milímetro mais perto do poder. Na tristeza que se seguiu à breve euforia, o PS respondeu como costuma nestas alturas: começou a comer-se a si próprio e tudo o que era «general» preparou a queda do vizinho do lado no estado-maior. Neste contexto, ninguém queria combater na batalha antecipadamente perdida por Lisboa e ninguém deixava a outrem a chance, por remota que fosse, de a travar.

No meio desta selva, Sampaio tem a tentação de Constâncio, mas, enquanto Constâncio foge para trás, Sampaio foge para a frente. Mérito dele, porque às vezes ganha-se assim o que todos dão por perdido. A decisão de Sampaio tinha uma qualidade: revelava, pelo acto de voluntarismo do secretário-geral, o «estado» interior do partido. Se Sampaio tivesse ficado por aí, ou seja, se se preparasse sozinho para levar o partido às eleições mesmo com a derrota inevitável, o seu sacrifício, mais ou menos bíblico, daria sempre um forte «abanão» no PS.

De tudo isto o PS desistiu uma tarde. O acto de Sampaio, que devia ser de força, foi imediatamente submergido pela rendição estratégica do PS ao PCP. Uma velha pulsão esquerdista de que os ex-MES nunca se livraram, porque tem a sua génese não em escolhas políticas mas num complexo geracional de inferioridade com o PCP, vem ao de cima. Sem sensibilidade popular, os intelectuais que dirigem o PS mostram-se assim indiferentes ao que neste acordo há de perda de credibilidade política do PS e de prejuízo para Lisboa e para o País.

Sentados nas ruínas da sua estratégia de bipolarização e de hegemonia da esquerda, esquecidos de moções de congressos, de artigos teóricos, de frases indignadas contra qualquer sugestão de colaboração com o PCP, os dirigentes do PS vão começar com o discurso das desculpas. Que o PS fez a aliança com o PCP «porque Lisboa se está a degradar e tem muitos buracos», porque «o PSD tem que perceber que pode perder», porque «Abecasis destruiu Lisboa» e outras frases dignas de uma antologia da denegação. No entanto, o PCP vai fazer política. Vai afastar os seus críticos sob o silêncio incomodado do PS; vai abrir, com obscuro mas alto patrocínio, a frente de ataque contra a perestroika no movimento comunista internacional; vai continuar como sempre o seu combate nacional contra toda a possibilidade de a vida dos portugueses ser mais rica, mais plural, mais livre e mais moderna.

Aquilo que não conseguiu com o MDP, com a CNARPE, com o PRD e com Salgado Zenha, caiu-lhe agora no prato. Álvaro Cunhal pode agora,

como os eremitas, explicar como alimentado de sapos chegou ao místico Manjar Divino.

(Liberal, 22.5)

A aliança PS/PCP

Ela aí está — por enquanto, confinada apenas a uma câmara, embora a mais importante do País.

A pergunta que, entretanto, ocorre fazer é esta: será a aliança PS-PCP em Lisboa um mero fenómeno da circunstância ou um «ensaio»?

Visará ela conquistar apenas um município — ou terá como objectivo verificar o modo como os eleitores (sobretudo os socialistas) reagem a um acordo com os comunistas, que possa ser o início de um eventual futuro compromisso a nível nacional?

O problema não pode colocar-se simplesmente no plano das «intenções».

Porque a coligação entre o Partido Socialista e o Partido Comunista com vista às eleições em Lisboa pode criar uma dinâmica que se torne, depois, impossível de travar.

Supunhamos que, em 1991, as sondagens indicam que o PS e o PCP juntos podem ter a maioria e ganhar o governo.

Com que argumentos poderá Jorge Sampaio explicar, então, aos militantes que a coligação não interessa e o PS deverá renunciar ao poder e entregá-lo à direita?

Hoje, o secretário-geral socialista justifica a aliança com os comunistas pelo facto de Lisboa estar ao alcance da mão e estas eleições poderem alterar profundamente o xadrez político, invertendo uma conjuntura até aqui muito desfavorável ao PS.

E se amanhã, o que estiver ao alcance da mão for o governo?

Os dados neste momento disponíveis levam a pensar que se verificou na política portuguesa uma alteração decisiva.

O bloco central, defendido por Mário Soares e Mota Pinto, não voltará a repetir-se.

O bipartidarismo, por que lutaram Cavaco Silva e Vítor Constâncio, é um sonho do passado.

O PS e o PCP vão concluir que não têm razões para continuar a andar de costas voltadas, e decidir-se-ão a dar as mãos.

O PSD e o CDS serão, provavelmente, obrigados a fazer o mesmo.

Esquerda e direita vão de-frentar-se, por fim, em campo aberto, sem complexos.

Resta saber como estas alianças irão evoluir.

Será que o PCP, pelo facto de se associar ao PS, irá ganhar ou perder importância?

Será que os comunistas, ao fim de treze anos de luta por uma aliança com os socialistas, vão verificar que tinham razão em desejá-la — ou, pelo contrário, vão começar a sentir que o eleitorado lhes foge ao controlo?

Falando claro: será que o PCP, se contar daqui a uns anos os seus votos, após algum tempo de aliança com o PS, ganhou ou perdeu eleitores?

E o PS? E qual será a evolução da direita?

Perderá Cavaco simpáticos por se aliar ao CDS ou ganhar-los-á em prejuízo dos centristas?

E o CDS, se se aliar ao PSD, vai crescer ou diminuir? (...)

(Expresso, 22.7)

Um facto político

O acordo está feito. Foi assinado em cerimónia pública. Os signatários do acordo representavam o Partido Socialista, o Partido Comunista, o partido «Os Verdes», Movimento Democrático Português (MDP-CDE). O acordo, como declarou António Lopes Cardoso, não tem cláusulas secretas. É um acordo claro, com um objectivo conhecido, concreto, directo. Mas este facto político, que o «criador de factos políticos» e os seus estrategos não previram, tem um alcance que transcende a eleição municipal de Lisboa. Vai mostrar que a cooperação entre socialistas e comunistas é possível. Porque, não tenhamos dúvidas, as negociações entre o Partido Socialista e o Partido Comunista constituíram a base política do acordo que acaba de ser subscrito.

A candidatura de Jorge Sampaio reúne condições de vitória e oferece, o que é importante, condições de defesa de Lisboa. Candidatura: «Por Lisboa». Mas, igualmente, uma decisiva experiência de alternativa democrática. A convergência política pode constituir um paradigma para outras eleições autárquicas, e se, como resulta das declarações produzidas por responsáveis socialistas não é de prever acordo, ou acordos, análogos para as eleições legislativas, é de prever que, ainda que sob outra forma, a convergência se repetirá quando das eleições presidenciais.

Não se trata, por agora, de mudar o País, trata-se de mudar a Cidade. A coligação que adopta a divisa «Por Lisboa», liderada por Jorge Sampaio e José Saramago, propõe-se: «uma política aberta, eficaz e transparente na gestão municipal, descentralizando competências e meios para as frequezas, criando condições de acesso e participação das populações e agentes sociais e económicos, desburocratizando e combatendo a corrupção». Devolver na gestão e na fruição, Lisboa aos lisboetas.

Como era previsível o acordo multipartidário de apoio a uma candidatura de esquerda — a de Jorge Sampaio —, não agradou aos propositores e apoiantes da candidatura de direita — a de Marcelo Rebelo de Sousa. E sem imaginação e sem contensão, foram buscar, ao velho arsenal, os velhos argumentos de um arcaico anticomunismo. O acordo PS-PCP, no fundamental significado e nas consequências que se admitem, põe tudo e todos em questão e em perigo. O acordo anuncia uma catástrofe política e social. No doce discurso do sereníssimo Alberto João Jardim, estamos perante uma «vergonha nacional».

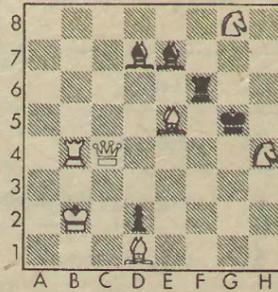
O que aí vai, senhores! Como a Democracia é difícil! Surpreendidos com as consequências do facto político que criaram, os adeptos da coligação de direita não suportam a ideia de que uma coligação de esquerda, negociada e firmada à luz do dia, pode levar Jorge Sampaio, secretário-geral do Partido Socialista, com o apoio dos comunistas e de outros democratas, à presidência da Câmara Municipal de Lisboa.

Não haja pânico, senhores. Não vem aí a Frente Popular. Temos só — e como excepção local — uma frente para salvar Lisboa.

(D. Lisboa, 24.7)

Xadrez

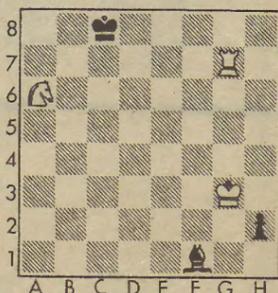
CCXII — 27 de Julho de 1989
Proposição N.º 212/A
Por: Vojko Bartolović
1.º Prémio «Magasinet», 1956/I
Pr.: [5]: Pd2-Bs. d7, é7-Tf6-Rg5
Br.: [7]: Cs. g8, h4-Bs. d1, é5-Tb4-Dc4-Rb2



Mate em dois lances

Proposição N.º 212/B
Por: N. Rossolimo

«Isvestia», 1928
Pr.: [3]: Ph2-Bf1-Rc8
Br.: [3]: Ch6-Tg7-Rg3



Jogam as Brancas e ganham

Solução do N.º CCXII
N.º 212/A (V.B.)

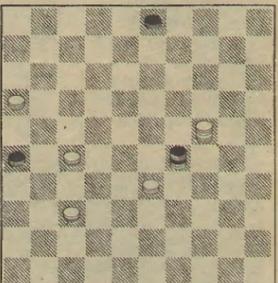
Chave: 1. Dc5!
1. ..., Tf5; 2. Dg1++
1. ..., Bf5; 2. Dc3++
N.º 212/B (N.R.): 1. Tg8+, Rb7; 2. Cc5+, Rb6; 3. Ca4+, Rb5; 4. Cc3+, Rb4; 5. Ca2+, Rb3; 6. Cc1+, Rb2; 7. Rh2, R:c1; 8. Tg1++

A. de M.M.

Damas

CCXII — 27 de Julho de 1989
Proposição N.º 212
Por: Th Van Prooyen
— 1952

Pr.: [3]: 3-26-(29)
Br.: [5]: 16-(24)-27-33-37

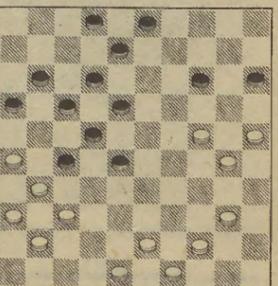


Jogam as Brancas e ganham

Golpe n.º 212
Por: B. Clerc

Campeonato da Europa, Dez. 1987/Moscovo

Pr.: [13]: 2-3-8-11-12-14-15-16-17-18-22-27-28
Br.: [13]: 24-25-26-30-31-36-37-40-41-43-44-48-49



Jogam as Pretas e ganham

Soluções do n.º CCXII
Proposição N.º 212 (Th. van P.): 27-21! (29x31), 24-8

Se: (3x12), 21-17 (12x21), 16x36+
Se: (26x17), 8x48+
Golpe N.º 212 (B.C.): (28-32), 37x28 (22x33), 31x13 (8x19), 24x13 (33-38), 43x32 (12-18), 13x22 (17x46=D)+

A. de M.M.

da festa! / **Avante!**

Director
António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 4
27 de Julho de 1989
Não pode ser vendido separadamente

LOURES • 8, 9 e 10 SETEMBRO

O sorteio das EPs é já no próximo dia 6

EP entrada permanente

correspondente ao valor de

850\$00

O valor desta EP é uma contribuição para a realização da Festa do «Avante!»

1. À entrada da Festa será destacado desta EP (que deve ser apresentada) o talão do dia respectivo.
2. Para sair e voltar a entrar nesse mesmo dia peça quando sair uma **senha de saída** apresentando a EP. À entrada, a senha de saída só é válida mediante a apresentação da EP.
3. As senhas de saída são distribuídas individualmente em todos os dias da Festa.
4. Só a EP é que dá direito à senha de saída.

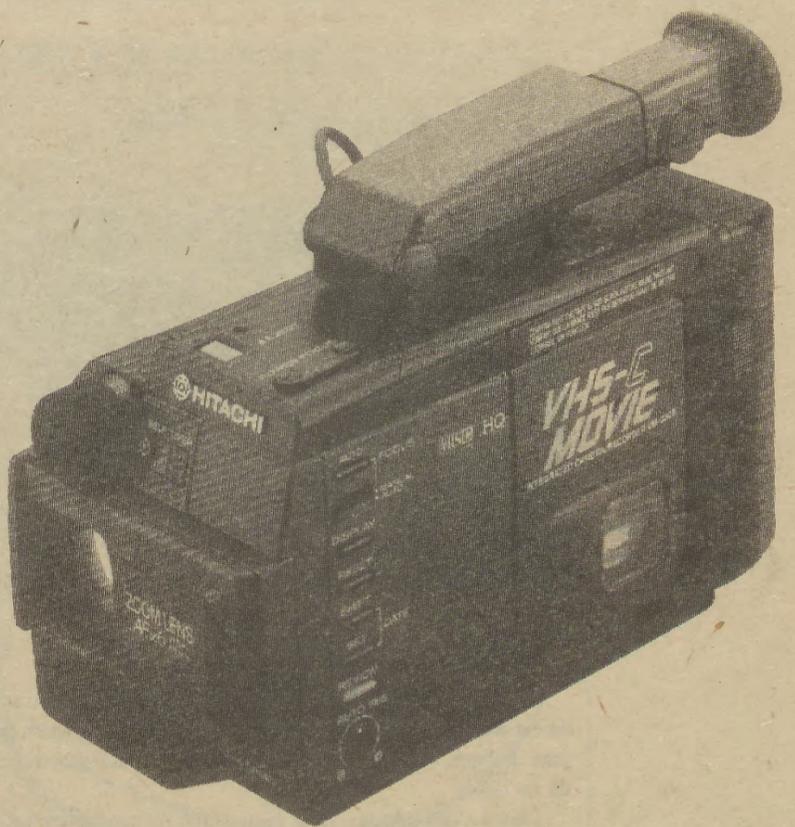
ConsERVE este talão que dá direito a participar na distribuição de brindes no dia 6 de Agosto de 1989.

Amigo leitor, já tem a EP (o ingresso que dá para os três dias da festa do «Avante!»)?

Se a resposta for negativa, deixe perguntar-lhe: não pensa adquiri-la nos próximos dias, o mais tardar até 6 de Agosto? Porquê 6 de Agosto?...

É que nessa data (calha a um domingo), terá lugar o (único) sorteio das Entradas Permanentes, como sempre simplificado ao máximo: não é preciso recortar ou preencher qualquer *coupon*, não é preciso colar ou enviar seja o que for pelo correio. Basta ter EP, estar atento ao sorteio de 6 de Agosto (consultando o «Avante!» seguinte) e fica-se automaticamente habilitado aos aliciantes prémios que passamos a referir:

- 1.º - Uma câmara vídeo (no valor de 255 000\$00).
- 2.º - Uma aparelhagem de alta fidelidade

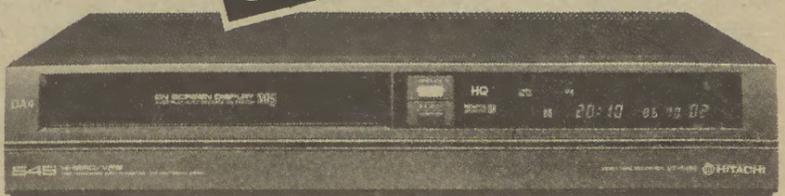


1.º prémio

2.º prémio



3.º prémio



(135 000\$00)

3.º - Um vídeo (120 000\$00).

Por apenas 850 escudos - o direito a participar no maior convívio do Portugal de Abril, a assistir a espectáculos com participação nacional e internacional de vincada qualidade e diversidade, o direito a viver uma vasta programação recreativa,

desportiva, cultural e artística, num fim-de-semana inesquecível.

Tudo isto e ainda um sorteio com valiosos prémios é quanto a EP da Festa do «Avante!» lhe quer oferecer, amigo leitor. Onde estão as EPs?...

Nos Centros de Trabalho do PCP, em qualquer ponto do País.

Transportes, acessos e estacionamento

Assim, tudo será mais



1

1. Venda de bilhetes

A aquisição de módulos pré-comprados para o serviço especial Entrecampos-Festa-Entrecampos pode ser feita em qualquer posto de venda da Rodoviária Nacional. No terminal de Entrecampos a venda dos módulos será substancialmente melhorada em termos de rapidez e comodidade.



3

3. Corredor e terminal RN na Festa

O serviço especial de carreiras Entrecampos-Infantado terá o seu terminal próprio, perto da entrada da Festa. Com efeito, os autocarros da Rodoviária terão um acesso específico à zona da Festa, sendo para o efeito criada uma entrada exclusiva e uma saída antes do fim da via rápida.

Uma das **estratégias** viradas para o êxito do transporte e acesso à Festa nos seus três dias é, entretanto, a criação de um corredor exclusivo para os autocarros da RN na via rápida. Será possível, desde a zona de partida em Entrecampos até ao terminal, próximo da entrada da Festa, que os carros da RN circulem livremente, sem curvas nem obstáculos, assegurando um **carrocel** permanente entre aquele ponto da cidade (servido por vários transportes, incluindo o metropolitano) e a Festa do «Avante!».

Está ainda em estudo com a CP e a Carris um serviço de ligação, a partir de Entrecampos, da cidade de Lisboa com a margem sul do Tejo.



2

2. Passes sociais e módulos pré-comprados

Para além de podermos anunciar desde já um reforço muito significativo das carreiras especiais da Rodoviária Nacional para o Infantado, a partir de Entrecampos, é útil sublinhar que este ano os visitantes da Festa podem utilizar os **passes sociais** nessas carreiras. Estão nessas condições os portadores de L 12 e L 123. Os outros passageiros devem munir-se de módulos pré-comprados da RN, em conjuntos de 5 para cada via-

gem (122\$50), isto para os adultos. As crianças dos 5 aos 12 anos viajam até ao Infantado com apenas 2 módulos (49\$00).

Foram também solicitados à RN serviços especiais para os itinerários Amadora-Infantado e Vila Franca de Xira-Infantado, para os três dias da Festa.

No regresso do Infantado o serviço de carreiras funcionará até às 2 horas da madrugada, estando igualmente garantido o transporte enquanto houver pessoas no terminal.

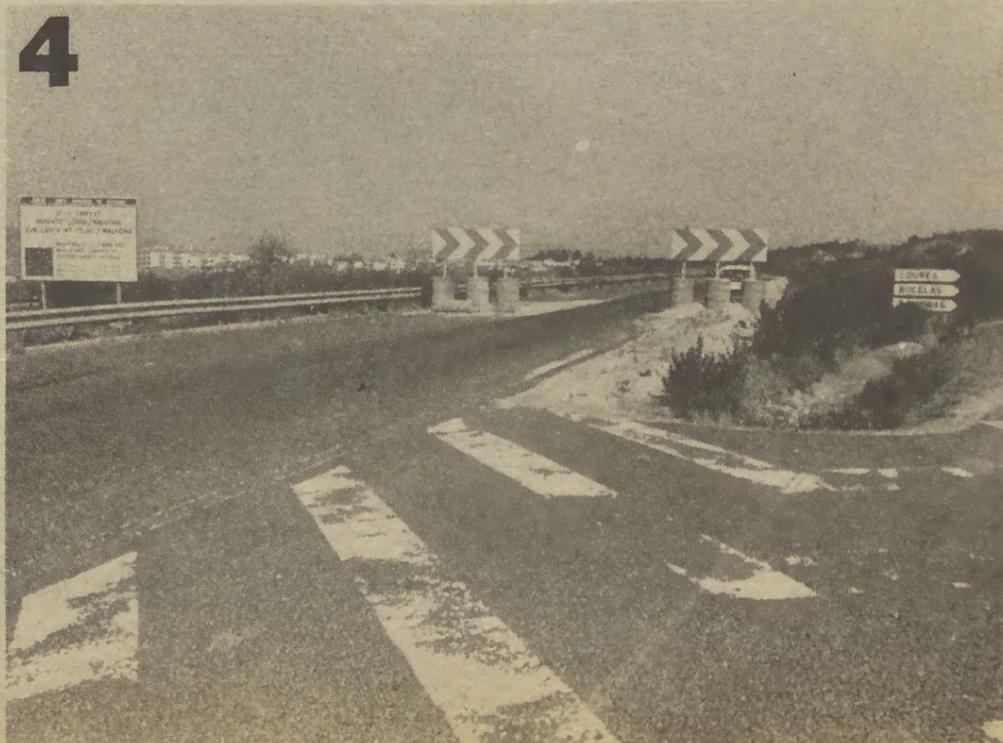
4. Parques de estacionamento

Nesta matéria há também novidades, que o mesmo é dizer contributos pensados e realizados a tempo e horas para responder à grande procura de estacionamento para as viaturas particulares. Algumas medidas serão tomadas, em termos de racionalização, informação e organização dos espaços. Uma primeira novidade. Ao fim da via rápida (foto) haverá um grande parque de estacionamento cujo acesso e saída não terão quaisquer problemas. O condutor pode deixar a viatura exactamente na zona terminal da via rápida (onde decorrem obras de prolongamento até à Malveira) e depois utilizar o «vaivém» gratuito (autocarro da RN) até à entrada da Festa. Para chegar a este «vaivém» não necessita de contornar (a pé) a urbanização. Há atalhos visíveis, que ligam directamente à segunda praça da urbanização e aqui terá ao seu dispor o autocarro (o tal «vaivém») para a entrada na Festa. No regresso o processo é idêntico.

Mas falávamos de estacionamento. Na zona do Infantado haverá alguns parques de estacionamento, que, naturalmente, terão tendência para ficar esgotados com alguma brevidade. Um serviço próprio de ordenamento e arrumação evitará aglomerações e bloqueamentos. Logo que um parque esteja completo, as viaturas serão encaminhadas para outro recinto. Uma equipa exclusiva, com o auxílio de meios de comunicação à distância, estará atenta a estes movimentos e prestará toda a colaboração aos automobilistas.

Todos os parques de estacionamento para a Festa do «Avante!» terão iluminação e apoio. Nos que vão funcionar na zona do Infantado — com entrada pela Urbanização — haverá uma saída especial, para evitar engarrafamentos depois da Festa. Todos os parques serão servidos por vias próprias de acesso, tanto para os veículos provenientes da via rápida como para os que venham de Vila Franca de Xira e de Torres Vedras.

As excursões terão um parque exclusivo. O mesmo sucederá com as viaturas dos serviços (ver mapa).

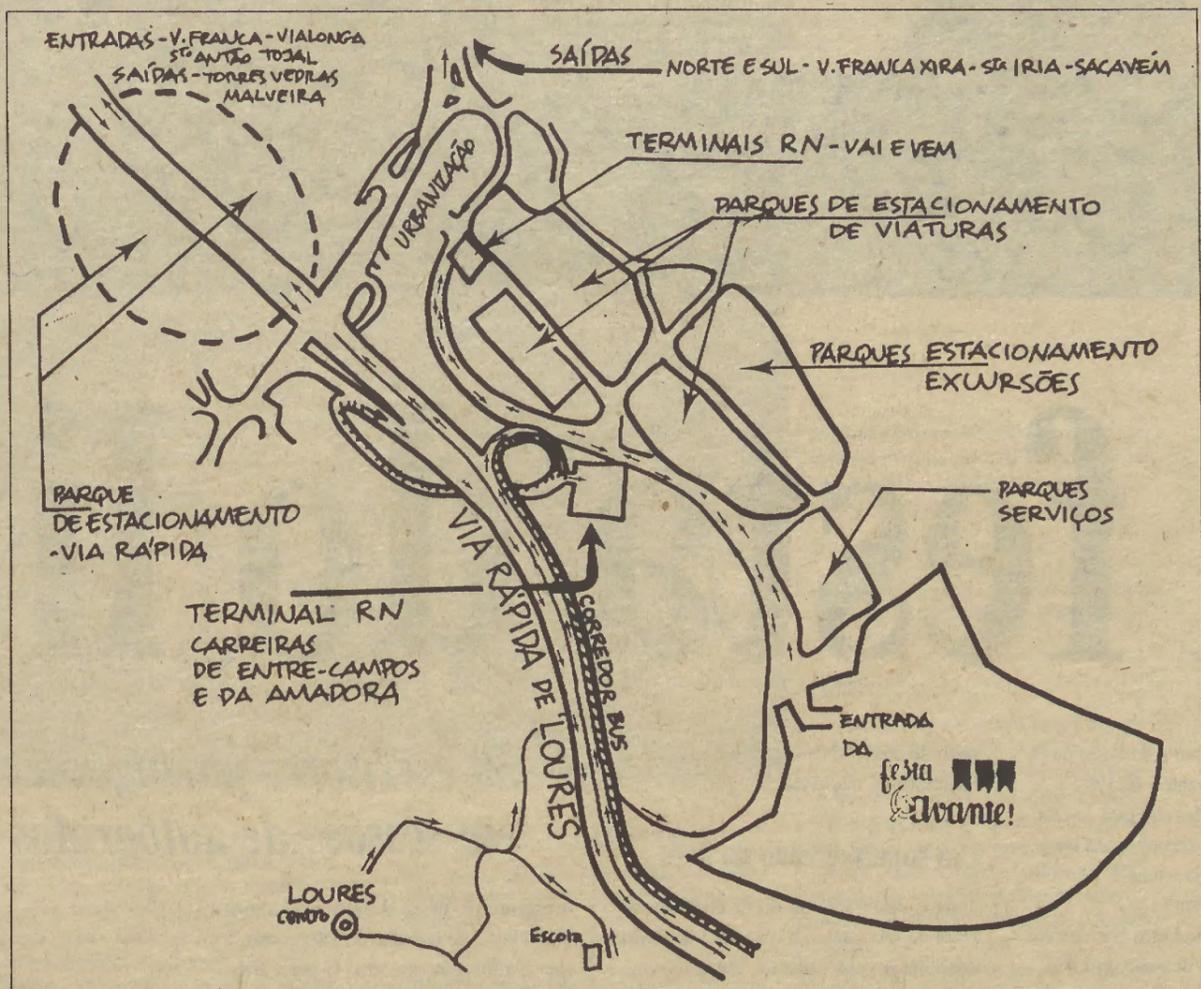


4

fácil!

A experiência do ano passado e a tomada de iniciativas no seu devido tempo, para além duma boa dose de criatividade e de empenhamento, aliada à dinâmica procura de apoios, ideias, propostas e soluções técnicas apropriadas, vão, sem dúvida, garantir em Setembro, no fim-de-semana de 8 a 10, melhores condições de transporte, acessos e estacionamento para a Festa do Avante! em Loures.

Um grupo de camaradas, no âmbito da organização central da Festa, tem trabalhado activamente nesse sentido. Voltamos hoje a este tema, acompanhando as informações sintetizadas com imagens colhidas antontem de alguns dos espaços e locais onde as «cenas» principais se vão desenrolar.



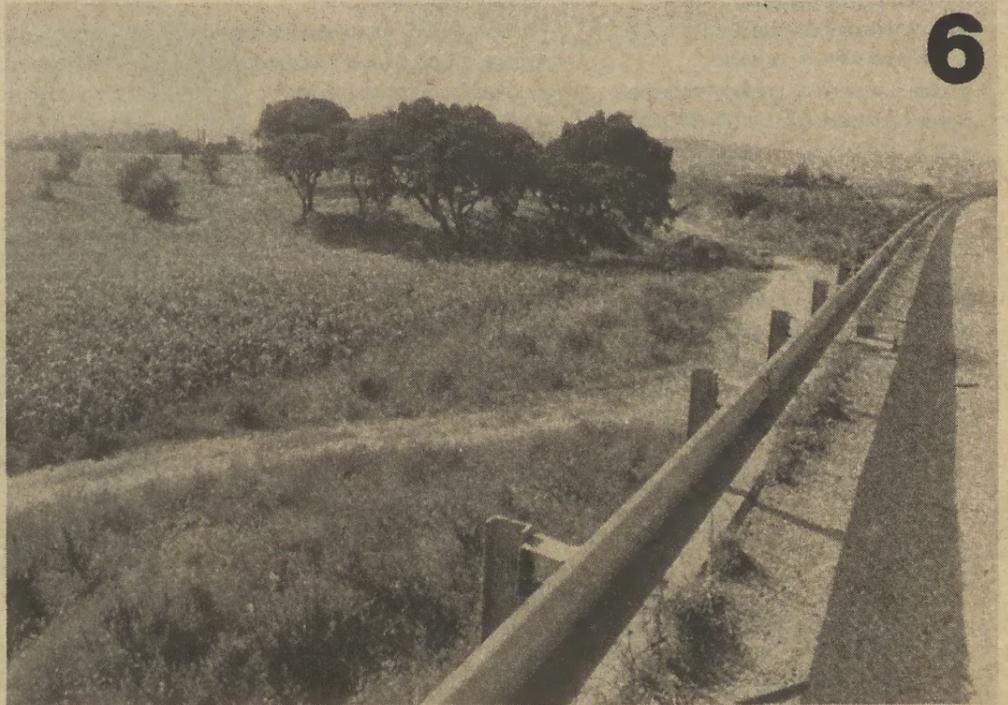
5

5. «Vaivém» gratuito

Com melhores condições de circulação, comparando com o ano passado, vai funcionar de novo o serviço de «vaivém» gratuito a partir da Urbanização do Infantado (foto) para os visitantes que ali chegarem a pé (caso dos residentes na vila de Loures e outras localidades vizinhas), para os que deixam as carreiras normais dos transportes

colectivos e também para os que deixem as suas viaturas no amplo estacionamento que vai funcionar exactamente ao fim da via rápida (ver foto e mapa).

Este «vaivém» gratuito é assegurado por autocarros da Rodoviária Nacional e tem terminal muito próximo da entrada principal da Festa e junto de uma das pracetas daquela urbanização.



6

6. Da Vila de Loures à porta da Festa...

Para os peões que se desloquem directamente da vila de Loures para a Festa do «Avante!» está também garantido este ano o arranjo, iluminação e sinalização dos caminhos de acesso que partem do centro de Loures e da zona da escola secundária, passando por debaixo da via rápida. É sem dúvida, uma boa alternativa (observe o nosso mapa e foto).



Uma extraordinária feira do livro durante os três dias da Festa do Avante!

A festa do livro

O Centro do Livro e do Disco da Festa do «Avante!» de 1989, aberto os 3 dias da Festa, vai ser um ponto de encontro, um local de passagem obrigatória e uma oportunidade de convívio. O Centro do Livro e do Disco bem merece, este ano, a designação de Festa do Livro. «A Festa do Livro» será um espaço destinado fundamentalmente ao livro onde os visitantes encontrarão a preços de feira (20 por cento de desconto mínimo) a maioria da produção nacional e algumas representações estrangeiras num total de 20 000 livros. Promoções especiais e fins de edição a preços reduzidos serão fortes motivos de atracção. Esta «Festa do Livro» não tem só livros. Lá estarão também discos, tanto LPs como CDs, as publicações, a «lojeca» com mais de 25 000 unidades (brinquedos, recordações da Festa, medalhas, etc.) e o

vídeo de qualidade que o bom colecionador não dispensa.

Um supermercado do livro

Toda a organização da «Festa do Livro» na Festa do «Avante!» foi concebida de forma a facilitar os seus visitantes, tendo logo na entrada uma grande planta a indicar todas as suas principais secções.

A principal zona de vendas constitui um grande supermercado onde todos podem ver e consultar os produtos expostos, assegurando-se o pagamento à saída, através de um significativo número de caixas, evitando, deste modo, as bichas. Estão, ainda, previstas áreas de descanso e convívio, onde os visitantes podem presenciar uma exposição sobre a «leitura pública e as autarquias», contactar com os seus autores preferidos, trocar impressões, etc.

• 50 escritores portugueses em sessões de autógrafos

A organização desta feira do livro obriga a 25 000 horas de trabalho de 150 pessoas, que se esforçarão por torná-la numa área dignificante para o livro e atraente para o público.

Em esplanadas próprias decorrerão as tradicionalmente concorridas sessões de autógrafos com os autores. ■



Por diversas vezes falámos nas colunas do «Avante!» da importância de proteger a cabeça nos três dias da Festa, especialmente nos períodos de sol mais intenso. Hoje retomamos o apelo e o conselho, convidando também os nossos leitores e visitantes para irem ao encontro das representações dos Açores e da Madeira no grande convívio de Loures. As tradições dos arquipélagos e das suas gentes vão estar no Infantado, entre 8 e 10 de Setembro

- Promoções e descontos
- 200 000 livros
- 25 000 horas de serviço

OS Kassav' um por um



Hamid Belhocine

Trombonista
Nascido a 29 de Janeiro de 1949 em Argel
Signo: Aquário
Não tem cor preferida

Paris?

Gosta muito de Paris, onde vive há 20 anos.

Gostos musicais:

«Gosto do jazz e das boas variedades. Detesto o amadorismo em música. O trombonista que verdadeiramente me marcou foi Slide Hampton, o critério do som e da técnica. O único que exprime todas as qualidades musicais deste ingrato instrumento».

Paixões:

«Gosto das mulheres, decididamente. E do desporto: durante muito tempo pratiquei remo e aprecio quer o lado físico quer o lado estético deste desporto. Acho lindo».

Kassav':

«Jacob Desvarieux andava à procura de metais e entrei em estúdio desde o primeiro álbum de Kassav'. Sou um dos músicos mais velhos do

Kassav, e fiz mesmo a primeira tournée com eles. Antes, tinha acompanhado em estúdio todas as vedetas francesas. Tinha também tocado muito jazz com Martial Solal, Eddy Louiss, Caratini e Fosset. Segui a história de Kassav desde o início: era uma mudança relativamente a Mireille Mathieu. No entanto, não foi fácil ao princípio, era necessário compreender a concepção que o Jacob tinha dos metais. Isso tomou-me algum tempo, e tenho a certeza que um tipo que começasse agora teria dificuldades em tocar conosco de um dia para o outro.

«Com Kassav', aprendi uma concepção do swing que os músicos brancos não têm, devido à sua dificuldade em aguentar o tempo. Tocar estes ritmos trouxe-me uma outra cultura musical completamente diferente do jazz e hoje sinto-me muito mais à vontade ritmicamente.

«Um problema nos Kassav é justamente a falta de organização, uma concepção tipicamente antilhana à qual tenho por vezes dificuldade em adaptar-me. Mas quando estamos no palco, todos estes pequenos problemas são esquecidos e a música é rainha».

Melhor recordação:

«Nos pequenos lugares, sem nenhum material, quando estávamos em posição de fraqueza. Por exemplo nos Camarões, no início de 1987, no norte do país: pouco antes do concerto, a sonorização ainda não estava instalada e quando finalmente subimos ao palco não havia bateria, não havia percussões, não havia piano, nem amplificadores de baixo e guitarra. Os organizadores foram procurar o back-line dum grupo que estava a actuar numa pequena boite a quinhentos metros de distância, e trouxeram-nos uns pratos que pareciam realmente pratos, e um amplificador sobre o qual nos perguntávamos como é que aquilo poderia funcionar. Um back-line verdadeiramente primário. Mas o grupo tocou como só raramente acontece. Musicalmente falando, foi fantástico porque tínhamos o desejo de fazer algo com os meios de que dispúnhamos».

Recordação desagradável:

«Não sei se tenho alguma. São esquecidas. Será que houve algo assim tão terrível que mereça ser notado?»



Jocelyne Beroard

Vocalista
Nascida a 12 de Setembro de 1954, em Fort-de-France, na Martinica
Signo: Virgem
Cor preferida: amarelo.

Paris?

Chegou a Paris para fazer estudos de desenho nas Belas-Artes. Começou então a cantar profissionalmente. «Gosto muito de Paris, a encruzilhada artística que representa, mas tenho horror ao frio. Gosto demasiado do sol e da pequenez das ilhas. Paris é um pouco como a loucura».

Gostos musicais

«Tenho gostos ecléticos. Desde Édith Piaf a Patti Austin, Ella Fitzgerald, a música brasileira,

antilhana e africana. Mas fico maravilhada com a técnica das Pointer Sisters ou de Phoebe Snow. Mas para mim, a maior dama, o exemplo, continua a ser Mahalia Jackson».

Paixões

«A fotografia, a pintura, a costura e o bricolage, tudo o que é manual. Não vou aborrecer-me quando for velha».

Kassav':

«Travei conhecimento com os Kassav' ouvindo o seu primeiro disco, e desde o segundo fiz parte dos coros. Conhecia Georges Decimus porque ensaiávamos no mesmo local, e Jean-Claude Naimro é um amigo de infância. Encontrei-me com Claude Vamur ao trabalhar com Manu Dibango. Antes dos Kassav' estive com David Martial, Henri Guédon, os Gibson-Brothers, Bernard Lavilliers, Herbert Leonard e Zachary Richard.

«Com os Kassav' constatei que nas Antilhas havia uma certa misoginia face às cantoras. Que o lado lamecha e canalha tinha a primazia, e que os álbuns femininos não tinham muita venda. Como não queríamos um falhanço, deixámos amadurecer o assunto. Comecei por interpretar alguns títulos em álbuns de outros membros do grupo. Deu resultado e acabei por gravar o meu próprio álbum que saiu no fim de 1986.

«Os Kassav' ensinaram-me a ter a paciência, e uma certa sabedoria necessária para aceitar as mudanças de humor dos outros. Somos muitos, e todos muito especiais: e isso nem sempre é evidente. Agora sinto-me muito mais segura da minha força, aprendi a correr riscos.

«O grande problema é a vida familiar: não a temos. Preciso de ter o meu namorado debaixo de olho, ele é muito siwo, e por vezes tenho receio de que ele não espere por mim. Como estamos em viagem trezentos dias por ano, torna-se complicado. Por outro lado tenho também medo da engrenagem dos promotores que nos vêm apenas como um meio de fazer dinheiro. Isso já nos pregou algumas partidas».

Melhor recordação:

«A 25 de Dezembro de 1985 em Abidjan, com as crianças. Todo o grupo tinha bananas e os garotos invadiram o palco. Tinham em média quatro anos de idade e gritavam e saltavam sobre o relvado do hotel onde decorria o concerto».

Recordação desagradável:

«Em Libreville, no Gabão, a 12 de Março de 1986. O presidente Bongo proibira toda a publicidade ao nosso concerto, e actuámos para cinquenta pessoas numa sala de 1500 lugares. O público, empolgado, achou ótimo!».



OS Kassav', um por um



Georges Decimus

Baixista.
Nascido a 26 de Outubro de 1955, em Point-à-Pitre, na Guadalupe.
Signo: Escorpião.
Cores preferidas: preto e vermelho.

Paris?

Passou pela primeira vez em Paris para cumprir o serviço militar, e jurou nunca mais lá voltar a pôr os pés por causa do frio. «Voltei oito meses mais tarde para ter lições de trombone e encontrei-me com Patrick Saint-Eloi e César Durcin que me ligaram ao grupo Venus One. Não gosto de Paris. Sempre que tenho um momento volto à Guadalupe. Quando não tenho que fazer em Paris, fico doente, apanho borbulhas. Mesmo se só tenho três dias, vou a Point-à-Pitre.»

Gostos musicais:

«A música funk (Cameo, Earth, Wind and Fire). Quanto aos baixistas, Stanley Clarke e sobretudo Jaco Pastorius, é o mais sensível.»

Paixões:

«Adoro dormir, ir à praia, andar e fazer marcha ou musculação.»

Kassav':

«Pierre-Édouard, o meu irmão mais velho, explicou-me os seus projectos, e eu segui o grupo desde o primeiro álbum. Para o segundo, comecei a compor e a propor as minhas ideias. De seguida levei os outros a compor também para que não fosse apenas o núcleo original (Jacob, o meu irmão e eu) a investir. Era preciso que todos se sentissem responsáveis.»



«Não encontro nenhum problema nos Kassav', só é preciso que a nossa comitiva seja cada vez mais profissional.»

Melhor recordação:

«A nossa primeira tournée em Dezembro de 82, quando fomos à Reunião. Foi a primeira vez que todo o grupo se juntou. Estávamos sozinhos numa boite, não havia mais ninguém. Estávamos em brasa, é uma magnífica recordação.»

Recordação desagradável:

«No Gabão, quando ficámos quatro dias sem poder deixar o país. Os promotores haviam deixado cheques sem cobertura e as autoridades retiraram-nos os passaportes até que tudo estivesse regularizado. Ficámos dois dias para arranjar dinheiro, e ainda tivemos que pagar facturas do hotel deixadas pelos promotores. Toda a gente nos desaparecia, e o cônsul de França não podia fazer absolutamente nada. Era preciso pagar tudo em dinheiro. Uma verdadeira confusão.»



Pierre-Édouard Decimus

Manager.
Nascido a 6 de Maio de 1947 em Point-à-Pitre na Guadalupe.
Signo: Touro.
Cores preferidas: azul e verde.

Paris?

«Adoro Paris, seria muito difícil para mim ir para Nova Iorque ou para qualquer outra grande

capital. Gosto muito de viver na Guadalupe, é um país de que gosto talvez demasiado. Mas em Paris sinto-me cada vez melhor. Paradoxalmente, não passo mais de trinta dias seguidos em Paris, e desde que estou com os Kassav' nunca estive mais de um mês inteiro em Guadalupe.»

Gostos musicais:

«Tudo o que é música. Sem dúvida porque vivo num mundo de cultura: estou aberto a tudo, e empenho-me a transmitir tudo isso aos Kassav'.»

Kassav':

«Veio pouco a pouco, a ideia teve tempo para amadurecer. Comecei a compor para os Kassav' em 1976. Nessa época eu estava ainda nos Vikings. Era baixista, percussionista e compositor. Entrei com dezassete anos para esse grupo e matvei-me fiel até 1979.»

«Kassav' trouxe-me sobretudo o rigor profissional. Tal alargou os meus contactos e permitiu-me encontrar pessoas com as quais não poderia de outra forma tomar conhecimento. Pouco depois, tornei-me mais *intransigente*: os antilhanos não estão próximos de ter a maturidade necessária, falando em termos de *show-biz*. Aprendi a correr o risco de tentar fazer-me mexer ao mesmo tempo que nós, e constatei que eles não sabiam tomar responsabilidades com um grupo internacional...»

«Hoje, a 8 de Abril de 87 — tudo se altera tão rapidamente que prefiro pôr datas nas coisas —, confrontamo-nos com o problema da promoção de uma música, de um país e de um grupo com as vinte e cinco pessoas que integram os Kassav'. Vamos modificar a nossa forma de agir. Depois dos concertos do *Zénith* em Maio de 87 o grupo vai existir de uma outra forma, ocupando mais o seu tempo.»

Melhores recordações:

«Duas, que eu destacaria da imensidão de boas recordações. Em primeiro lugar o contacto com a Costa do Marfim: as receitas do concerto permitiram construir um centro para os pais dos enfermos do hospital. Depois os concertos do *Zénith*, quer o primeiro em 85, quer os seguintes. Gosto muito dessa sala, que no entanto é uma sala tecnicamente difícil, mas o ambiente do *Zénith* dá-me muito prazer.»

Recordação desagradável:

«Retiro sempre qualquer coisa de positivo dos maus momentos. O pior episódio é a tentativa de trabalhar com uma equipa de organizadores antilhanos. Mas tirei conclusões que serão úteis aos Kassav' à profissão e a todos os grupos que vão actuar qu- r na Guadalupe, quer na Martinica.»



Jacob Desvarieux

Guitarrista.
Nascido a 21 de Novembro de 1955 em Paris.
Signo: Escorpião.
Não tem cor preferida.

Paris?

Não se sente muito bem em Paris porque faz frio: «e quando não está muito frio, está muito calor! Sou obrigado a estar aqui, porque é o sítio onde posso trabalhar: músicos, estúdios, estruturas, tudo está nos seus lugares para se poder fazer música. Mas não é a minha casa.»

Gostos musicais:

«A granel: Vivaldi, Stevie Wonder, Milton Nascimento, a música africana. Há pedaços de que gosto muito em todos os estilos e não posso

dizer que gosto muito particularmente de um artista.»

Paixões:

«As mulheres são a fonte de inspiração de tudo o que faço, e se as retirarem da minha vida não sobrarã grande coisa.»

Kassav':

«Encontrei-me com Pierre-Édouard Decimus e estive de acordo quanto ao objectivo a atingir. Desde que componho, toco guitarra, canto, arranjo trechos, mas todos dão uma mãozinha.»

«Kassav' permitiu-me tocar perante dezenas de milhares de pessoas e sentir o seu efeito. Permitiu-me fazer experiências musicais, câmpor trechos que visam tocar as pessoas, e consegui-lo. É uma grande satisfação ver andar uma coisa que se toma nas mãos. Que as nossas ideias chegam às pessoas.»

«Agora precisamos de resolver problemas de estrutura, porque não há precedentes nas Antilhas, e porque actuamos bastante em países do Terceiro Mundo sem qualquer infra-estrutura. Quando nos deslocamos somos vinte e cinco, e fazemos tournées sem editoras que nos apoiem. Estamos à procura de patrocinadores.»

Melhor recordação:

«A nossa primeira tournée na Costa do Marfim.»

Recordação desagradável:

«A nossa segunda passagem no Gabão, pouco depois do concerto na Guadalupe em que recebemos um disco de ouro. Foi no fim-de-semana seguinte e actuámos perante cinquenta pessoas em Libreville, porque fomos proibidos em todos os órgãos de comunicação.»



César Durcin

Percussionista.
Nascido a 8 de Março de 1957 em Point-à-Pitre.
Signo: Peixes.
Cor preferida: vermelho.

Paris

Passa por Paris quando vai cumprir o serviço militar na Alemanha. No regresso, toca com Patrick Saint-Eloi no grupo J. B. Stone que actua nas *Maisons de la Culture* e dá o seu primeiro concerto em Asnières. Aprende costura com Jean Rémond e regressa à Guadalupe. «Só voltei a Paris depois de entrar para os Kassav', e sinto-me muito bem. Mexo-me bastante, toco com muitos músicos, e isso agrada-me muito.»

Gostos musicais:

«Gosto do rock, da música e do reggae.»

Paixões:

«A marcha. Sou capaz de me levantar às 7 horas da manhã, em plena *tournée*, para praticar.»

Kassav'

«Aprendi percussões com a minha mãe que tinha um grupo de *gros ka*. Eu tocava tambor e dançava. Certo dia, Georges Decimus chamou-me porque os Kassav' tinham necessidade de um percussionista: Pierre-Édouard, que actuava em palco, tinha muito que fazer com a organização do grupo. Todas as noites, eu sonhava tocar com os Kassav', adorava a sua música. A utilização do baixo, do piano, da guitarra e do *ka* não se parecia nada com o habitual, e eu estava

encantado por finalmente entrar para o grupo. «Kassav' trouxe-me a precisão na execução. Aprendi o lugar certo em música. Num grupo antilhano, tu tocas, é tudo o que te é pedido. Nos Kassav' é preciso rigor para que tudo seja limpo e claro. Também mudei mentalmente com a instalação em Paris e com as viagens. A África abriu-me os olhos acerca dos problemas do mundo.»

«O nosso único problema é mantermo-nos em número um. O último disco de Georges e de Jacob, aquele que tem o trecho *Soulajé yo*, fez-nos compreender que temos que estar todos em estúdio, caso contrário já não são os Kassav'. Quando gravamos os dois, estávamos a regressar de uma tournée, e ficamos muito sós a trabalhar. Com aquele disco as coisas não correram muito bem. Para o seguinte, o de Jocelyne, metemo-nos todos e as ideias ficaram desarrumadas. Kassav', são todos os músicos do mundo.»

Melhor recordação:

«O primeiro *Zénith* em Junho de 85. Foi a primeira vez que tudo correu verdadeiramente bem em palco, ao nível do som, do grupo, e do público.»

Recordação desagradável:

«Em Malanje, Angola. Estávamos alojados em instalações militares, e podíamos ouvir tiros e disparos de foguetes. Tive medo. Fizemos o concerto, mas eu não me sentia bem na minha pele. Não sabia nada do que se passava, e interrogava-me sobre a guerra em que caíramos.»



Marie-Josée Gibon

Bailarina.
Nascida a 11 de Junho de 1965 em Montélimar.
Signo: Gémeos.
Cores preferidas: «Antes eram o azul e o vermelho, agora o amarelo e o laranja.»

Paris?

«Paris não me cria nenhum problema. Estudei em França, tenho amigos antilhanos e franceses. Descobri as Antilhas depois de ter vivido em França.»

Gostos musicais:

«Em primeiro lugar o funk e o disco. Com seis anos, eu estava em Capesterre na Guadalupe com a minha mãe e dançava ao som de canções de Claude François. Estava então num grupo, o da irmã Marie-Georges e foi nele que comecei a dançar o *gros ka*.»

Paixões:

«O desporto: patinagem no gelo e patinagem sobre rodas. E a dança. Na escola, nos subúrbios de Paris, organizava pequenos grupos e fazia coreografias com a minha irmã. No fim do ano escolar apresentávamos um espectáculo.»

Kassav'

«Eu estava num grupo de Neuilly-sur-Marne e fizemos uma coreografia de *Wonderful*, um trecho de Kassav' número 3, a qual não prestei grande atenção. Chamaram-me para fazer a primeira tournée de Kassav', e comecei assim, simplesmente, no princípio de 82. Tinha dezassete anos e eram as férias grandes. «No princípio, dançávamos como no Carnaval, mas depois evoluímos com a música. Tentamos assimilar o estilo antilhano, o africano e o moderno nas nossas coreografias.»



«Antes, num grupo antilhano, só muito raramente havia bailarinas, agora todos os grupos procuram bailarinas. Gostaria muito de atrair mais músicos para a dança.»

«Kassav' trouxe-me muito mas eu não consigo dar tudo. O único problema são certos promotores que tentam levar-nos, sobretudo os antilhanos que pararam por falta de profissionalismo.»

Melhor recordação:

«A tournée na Costa do Marfim e no Burkina Faso: um público completamente louco. Também o relvado de Reully perante trezentos mil espectadores, no dia da Festa da música, a 21 de Junho de 1986. Quando assim tanta gente participa do teu espectáculo é formidável.»

Recordação desagradável:

«O Gabão.»



Freddy Hovsepien

Trompetista.
Nascido a 18 de Agosto de 1944 em Marselha.
Signo: Leão.
Cor preferida: dourado.

Paris?

Vive em Paris há quinze anos: «Tenho horror às grandes cidades, adoro a tranquilidade. Paris é um pouco stressante. Sempre que posso vou para a região do Midi.»

Gostos musicais:

«Gosto de tudo, desde que seja vivo. Aprendi trompete graças a Lee Morgan. Miles Davis antes de tudo.»

Paixões:

«O desporto. Tenho necessidade de me mexer e sou um apaixonado do ténis.»

Kassav':

«Jacob contactou-me para gravar e a seguir parti com o grupo para o Carnaval na Guadalupe e na Martinica em 1983. Com Hamid, sou dos velhos do grupo. «Kassav' deu-me muito humanamente. Ao contrário do meio profissional de Paris, eles são mais vivos e espontâneos. Têm o *swing*, o *feeling*, o coração e a alegria. Corri um risco com eles, após treze anos de estúdio, quando tinha uma situação segura no plano profissional. Mas é um risco muito agradável, com fulanos que não deixam nunca de fazer música. Estão sempre à procura de melodias.»



Melhor recordação:

«São tantas. Mas juro que me fartei de rir em Crans Montana, durante o campeonato do Mundo de ski, no dia da competição feminina, no fim da Janeiro de 1987. As bailarinas, Georges, Jean-Philippe e alguns outros puseram-se em cima dos skis pela primeira vez, e os trambolhões davam-se em cadeia. Dir-se-iam mexilhões, esses moluscos que se agarram fortemente à rocha. Espatífaram-se durante toda a tarde mas o ar da montanha fez-nos muito bem; a seguir fizemos um superconcerto.»

Recordação agradável:

«Os aeroportos e os autocarros, quando apanhamos esperas. Mas Kassav' ensinou-nos a forma de continuar na maior. *Vamos embora*, dizem eles, e tudo continua. Não há vedetismos, todos somos responsáveis e eu sinto-me profundamente integrado. As vezes preciso de acelerar, de me antecipar para estar à altura, mas isso motiva-me. Foi uma oportunidade que apareceu na minha vida na altura em que era preciso.»



Catherine Laupa

Bailarina.
Nascida a 29 de Abril de 1963 em Fort-de-France na Martinica.
Signo: Touro.
Cores preferidas: «o vermelho quando era criança, muitas outras agora.»

Paris?

«Vivi até aos 10 anos na Martinica. Desde essa altura que estou em Paris, mas todos os anos volto à Martinica. Tenho família em Paris, sinto-me bem aqui, mas teria preferido parar nas Antilhas.»

Gostos musicais:

«Antes de mais nada, as percussões, africanas e antilhanas. Antes dançava sobretudo com acompanhamento de percussões tradicionais. Dancei com Patakak e os ballets Kodja. Mas também gosto muito do funk.»

Paixões:

«O desporto. Durante quatro anos-pratiquei handball.»

Kassav':

«Travei conhecimento com Pierre-Édouard Decimus através da minha tia, quando tinha sete anos. Aos onze anos, ia dançar nos zouks e ouvia

os Vikings. Quando ouvi os Kassav', no princípio, não fiquei muito impressionada. Propusem-me que dançasse com eles em Julho de 1982 mas eu já tinha compromissos, e só comecei em Dezembro desse ano na Reunião.

«Eu era estudante e sempre havia dançado. Tinha mesmo um grupo de Neuilly-sur-Marne, o ballet teatro *Fanni Folle*, um grupo de crianças com idades a partir dos quatro anos. Dou-lhes aulas sempre que estou em Paris.»

«Os Kassav' são a minha nova família. Eramos um grupo de oito na minha infância, e eu gostava muito disso. Continuei com os Kassav'.»

«Pierre-Édouard Decimus é como um pai de família. Igual a si próprio, calmo, é o moderador, o contemporizador. O pai-galinha que ia acordar-nos aos nossos quartos nas primeiras tournées. Deita-se depois de todos, e é o primeiro a levantar-se. Admiro-o bastante. Pensa sempre no lado humano antes de olhar para as massas, e por vezes até exagera. Mas ele faz-nos sempre sair mesmo das maiores confusões.»

«Pierre-Édouard Decimus é como um pai de família. Igual a si próprio, calmo, é o moderador, o contemporizador. O pai-galinha que ia acordar-nos aos nossos quartos nas primeiras tournées. Deita-se depois de todos, e é o primeiro a levantar-se. Admiro-o bastante. Pensa sempre no lado humano antes de olhar para as massas, e por vezes até exagera. Mas ele faz-nos sempre sair mesmo das maiores confusões.»

Melhor recordação:

«Quando regresso a casa. Habitualmente, está-se longe de ser rei na sua própria casa, mas tenho recordações de concertos fantásticos nas Antilhas. Em Rivière-Pilote, na Martinica, a chuva começou a cair fortemente. Nós tínhamos um toldo a proteger-nos, mas o público não arredou pé e ficou debaixo daquele dilúvio. É magnífico quando comunicamos assim com o nosso próprio povo; é como se estivesse a olhar para mim própria.»

Recordação desagradável:

«O Gabão. Nunca gostei desse país, mesmo quando as coisas corriam bem. Depois de todos os problemas que lá tivemos, não quero voltar nunca mais.»



Jean-Philippe Marthély

Vocalista.
Nascido a 11 de Setembro de 1958 em Robert, na Martinica.
Signo: Virgem.
Cores preferidas: verde, azul e preto.

Paris?

«Eu deslocava-me a Paris uma vez por ano desde 1978, com a orquestra de Simon Jurad. Instalei-

OS Kassav', um por um

-me em 82 quando integrei os Kassav'. Tive medo de dificuldades, mas sinto-me bem em Paris. Tenho mulher e dois filhos, que ficaram na Martinica, mas sabem que trabalho por eles. *Isa la i ké rété*: a minha mulher está, e ficará lá, mas eu estarei sempre com ela».

Gostos musicais:

«A que chegue bem dentro de mim. Gosto muito de Philip Bailey, o vocalista de Earth Wind and Fire, mas Stevie Wonder continua a ser o mestre. Também gosto de Michael Jackson e Djavan».

Paixões:

«O desporto em geral, sobretudo a marcha. Passear, divertir-me, tomar uns copos».

Kassav'

«Quando ouvi o primeiro disco deles, senti qualquer coisa novo. Teria gostado realmente de tocar num grupo assim. E quando Nayaradou, o empresário de Simon Jurad, me propôs cantar nos Kassav' com Jean-Paul Pognon, fiquei encantado. Foi um grande dia para mim, encontrar-me com eles. Depois Pierre-Édouard decidiu constituir o grupo e chamou-me para as tournées. «Kassav' trouxe-me muito, musicalmente, mudou-me. Antes, eu era mais doido. Kassav' ensinou-me a controlar-me: antes eu era um bocado agitado, agora dizem que sou o mais delicado. Penso no público, procuro o contacto, gosto de conversar. Antes, estava-se nas tintas. «Problemas, não os vejo: tudo se arranja. «Para compor, a minha única fonte de inspiração é a Martinica. Para escrever preciso de lá estar. No meu cantinho, em Case-Pilote, sozinho».

Melhor recordação:

«Na Costa do Marfim, quando vi que eramos estrelas, logo no aeroporto, e eu nem sequer sabia que eramos conhecidos em África».

Recordação desagradável:

«No Burkina Faso, quando nos vimos perante 60 000 pessoas, sem termos som. Tínhamos dado uma volta ao estádio antes de subir ao palco, e decepcionámo-los: não tocámos mais do que seis trechos em meia-hora. E o pior foi que as pessoas não disseram nada. Mas em todo o caso a polícia acompanhou-nos. Dois dias depois, felizmente, tocámos com som a sério. Eram de novo 60 000 espectadores e nós tocámos o melhor que nos era possível».



Douglas M'Bida

Pianista
Nascido a 28 de Fevereiro de 1952 em Ekiembie (perto de Yaoundé), nos Camarões.
Signo: Peixes
Cor preferida: azul.

Paris?

«Vim para Paris em 1976 para continuar os meus estudos de electrónica. Deixei de poder pagar a escola e dei por mim no *Ozila*, um grupo de afro-rock, com Jacob, em Marselha em 1977. Um ano mais tarde, comecei a bisbilhotar nos estúdios parisienses na companhia de Jacob, com quem me dou muito bem. Paris é a placa giratória, já não é preciso ir a Nova Iorque ou Londres. Não tenho nada que fazer nos Camarões porque lá não há estruturas, por isso continuo em Paris. Tive aulas e actualizei ao piano as minhas noções de guitarra».

Gostos musicais:

«A minha escola é o funk. Também gosto do rock estilo Beatles, e do jazz: Miles Davis, Herbie Hancock, Lionel Hampton».

Paixões:

«A fotografia e as artes marciais: karaté e judo».

Kassav'

«Entrei para o grupo através de Jacob. Foi a primeira vez que ele contactou com gente da mesma região. Particpei no terceiro álbum e dei por mim a fazer concertos em 1982. Sou o pianista de fundo, faço a cobertura musical. «Kassav' é a ilustração do que sempre desejámos fazer. Quando chegámos a Paris, a música negra era considerado como folclore. A nossa preocupação era torná-la credível, tocar com instrumentos e músicos de hoje. Para mim, Kassav' é uma espécie de sucesso pessoal: corresponde verdadeiramente ao que eu desejava. «O único problema é dosear as viragens musicais e gerir bem o trabalho».

Melhor recordação:

«No Zénith em 1986: quatro noites perante 7000 pessoas é inesquecível».

Recordação desagradável:

«No Gabão em Março de 86. Fomos praticamente sequestrados por causa da história de promotores que tinham passado cheques sem cobertura. Tinha que ser feito o reembolso e a espera foi muito dura».



Jean-Claude Naimro

Pianista

Nascido a 14 de Agosto de 1951, em Saint-Pierre, na Martinica.
Signo: Leão.
Cor preferida: «o amarelo, ainda que seja a cor dos maridos enganados».

Paris?

«Paris é um ponto de passagem mais ou menos obrigatório para todos os Antilhanos porque é a nossa metrópole. Paris, está bem, na medida em que é uma encruzilhada, e eu não estou sempre aqui. Serve-me de trampolim para ir a África ou a qualquer outro lugar».

Gostos musicais:

«São bastante diversificados, já que nas Antilhas ouve-se um pouco de tudo. A malta da minha geração ouviu muito jazz e também a variedade antilhana, por exemplo o *calypso* da Trinidad, que tinha muita saída quando eu era jovem. A seguir, ouvia-se a música africana. Uma grande mistura».

Paixões:

«O desporto. Ténis, *jogging*, cultura física. Pratico pouco porque viajo muito, mas sinto falta».

Kassav':

«Vim para os Kassav' logo depois da gravação do segundo disco de Georges Decimus. Partimos para a Reunião: foi o meu primeiro concerto com eles. Conhecia-os só de vista, e toquei piano em estúdio com Georges. Travámos amizade, e eles mantiveram-me como pianista do grupo».

«Kassav', são acima de tudo as viagens: nunca andei tanto de um lado para o outro, mesmo com os maiores, Manu Dibango com quem estive três anos, ou com Miriam Makeba com quem toquei dois anos. Também vivi um ano em Los Angeles, em 79, e tive ocasião de trabalhar com músicos muito bons, mas voltei porque a vida americana não me agradava muito».

«Kassav', é a amizade. Estamos verdadeiramente ligados uns aos outros, apesar das disputas. Os laços entre nós são muito fortes, nunca tinha sentido tal coisa. Kassav' é acima de tudo este laço que nos liga, um estado de espírito. Mais que uma amizade: uma família. A famosa rivalidade ancestral entre os naturais da Guadalupe e da Martinica foi desmentida pelo grupo. De cada vez que um de nós faz o seu álbum, os outros fazem tudo para que saia o melhor possível. Queremos ser os números um, creio que é uma meta que todos partilhamos. Quanto aos problemas, não os há verdadeiramente».

Melhor recordação:

«O primeiro Zénith, em 85: nunca tínhamos feito nada àquela escala. Mesmo que tenham havido imperfeições, houve emoção».

Recordação desagradável:

«A Argélia. Uma catástrofe. Num grand festival panafricano em Argel em Julho de 86, subimos ao palco e começámos a desafinar. Olhávos uns para os outros, com caras de parvos, um desastre. Até hoje, ainda não conseguimos compreender porquê um tal desastre».



Jean-Pierre Ramirez

Trompetista

Nascido a 23 de Agosto de 1953 em Carcassonne
Signo: Leão
Cores preferidas: azul e cinzento.

Paris?

Vive em Paris desde Setembro de 1982. «Estou aqui porque não pode ser de outra maneira. Sempre que posso, vou para o campo».

Gostos musicais:

Miles Davis, Freddie Hubbard, George Benson, Al Jarreau, Stevie Wonder, McCoy Tyner.

Paixões:

«O golfe. É uma novidade, mas tento treinar-me».

Kassav':

«Ouvi falar deles por alguns músicos. entrei para o grupo para substituir André Laidli que estava em coma. Fiz em sua substituição a tournée ao Gabão, e ele morreu em Abril de 86».

Conhecia-o, tínhamos o mesmo professor de trompete, e sempre que nos víamos falávamos de técnica, de respiração. Ele era um sujeito muito motivado, muito vivo. Era um apaixonado por aquilo que fazia. A sua morte foi um golpe muito duro, e eu teria preferido continuar como substituto».

«Agora sinto-me bem neste grupo. Pela primeira vez estou num grupo onde não há facções. Todos enfrentamos juntos as piores situações. Uma atitude muito rara em grupos».

«Os Kassav' proporcionaram-me também uma outra forma de ver a música. Aprendi muito no plano dos ritmos. Antes eu fazia estúdio e galas, e esta é a primeira vez em que me sinto verdadeiramente bem em termos musicais».

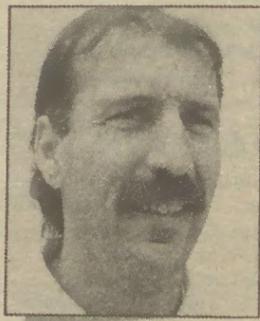
«O único problema é o cansaço. Como viajamos muito o cansaço vai-se acumulando. Temos, pois, um problema de recuperação física».

Melhor recordação:

«Os quatro Zénith de 1986. Cada um mais fabuloso que o outro. O terceiro, esse, foi a noite da explosão. E na Martinica em Julho de 86, numa boite chamada l'Oeil. Um ambiente fortíssimo perante uma mão-cheia de gente. Tocamos, a tensão sobe, e acabamos por tocar sozinhos. É tudo fácil, somos levados».

Recordação desagradável:

«O Gabão. Desembarquei e perguntei-me onde é que vim parar. Continuei porque musicalmente estava entusiasmado, mas não percebia nada daquelas confusões».



Claude Romano

Trombonista
Nascido a 21 de Dezembro de 1949 perto de Bordéus.
Signo: Capricórnio
Cor preferida: Azul.

Paris?

«Vivo em Paris há 15 anos, e gosto muito desta cidade porque tem vida. Tudo se passa em Paris, como evitá-la? Desde que esteja com a minha família, se tiver a minha mulher e a minha filha comigo, em Paris ou qualquer outro lugar, estou bem».

Gostos musicais:

«Toda a música desde que eu entre nela. Mas em todo o caso, o jazz particularmente. Gosto muito do trombonista americano Bill Watrous, e tudo o que tem vida».

Paixões:

«O desporto. O ténis e a marcha: não perco uma partida com o César ou o Jean-Philippe».

Kassav':

«Estava nas Antilhas com a *Mafia*, o grupo de Cabrimol, e encontrei-me com Freddy e Hamid. Vim ao concerto dos Kassav' e achei extraordinário: eles tinham realmente uma estrutura. Substituí o Hamid num concerto, e fiquei. Desde então tínhamos nos metais um trombone a mais. Antes de encontrar os Kassav', assim por acaso, não tinha ouvido falar do grupo. Fazia estúdio e galas, estava na série B. Os do topo, Kako, Alex Perdigon, Guizien, fazem bem o seu trabalho e guardam os seus lugares. Cheguei aos Kassav' em Novembro de 85, e desde que toco com Hamid, existe uma espécie de cumplicidade entre nós».

«Sair dos estúdios, deixar Paris, é evidentemente muito positivo. Nunca tive a impressão de ser o branco da orquestra: já tinha tocado com o Naimro no local de Michel Fugain e nunca tive esse género de problemas. Kassav' é para mim um objectivo, e é a primeira vez que tal me acontece».

«Foi com o André Laidli que comecei a gostar de Kassav', partilhámos sempre o quarto. Era um personagem do grupo, um sujeito de grandes qualidades humanas. A sua morte foi muito dura. Não podemos esquecê-lo. Dava-nos muito

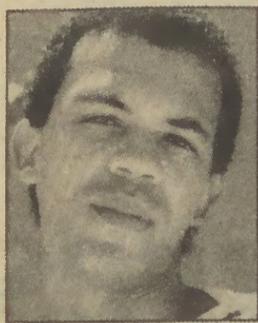
humanamente. Tinha 51 anos, era um homem maduro que compreendia os problemas. Na primeira vez que estive no Japão, com Sylvie Vartan, estivemos juntos. Depois tocámos com muita gente, Sardou, Bécaud, Dassin, Hallyday. «Não lamento esses tempos, mas Kassav' está acima. Já estava saturado dessa vida, e além disso os metais estavam a perder terreno por causa dos sintetizadores. Agora, a minha filha, que tem três anos, é uma fã dos Kassav', e isso dá-me força».

Melhor recordação:

«O meu primeiro concerto no Burkina Faso. Eu não conhecia o grupo, e quando entrei no estádio deparei com 60.000 pessoas. Fiquei emudecido, tive medo. Foi uma loucura».

Recordação desagradável:

«Acho que não tenho más recordações. É nos maus momentos que percebemos a unidade do grupo».



Patrick Saint-Éloi

Vocalista, percussionista
Nascido a 20 de Outubro de 1958 em Poin-à-Pitre, na Guadalupe
Signo: Escorpião
Cor preferida: vermelho

Paris?

«Para dizer a verdade, não gosto muito de Paris, mas acho que é necessário passar por aqui para concretizar projectos. Qualquer dia volto e estabeleço-me na Guadalupe. Sempre que posso, vou lá para recarregar as baterias. Quando se escrevem canções, é um imperativo seguir a evolução das expressões creolas, que estão sempre em renovação. Aparece sempre uma palavra nova, e é preciso estar no sítio para a conhecer».

Gostos musicais:

«Gosto muito de música acústica. Foi a música brasileira que me deu a ideia de trabalhar a cor musical das minhas canções. Djavan, Gilberto Gil, por exemplo».

Paixões:

«Amo a vida, amo os que me rodeiam, amo o meu filho... Amo! E também escrever e ler. Dumas, Stendhal, Kafka um pouco».

Kassav':

«Digamos que já éramos os Kassav' sem o saber, porque todos tínhamos esta ideia na cabeça, mas não tínhamos os meios para a realizar. E o Pierre-Édouard Decimus seguia-nos de longe, porque o seu irmão mais novo tocava no grupo Venus One. «Eu estava em Paris desde os dezassete anos e tive aulas de canto com uma japonesa muito simpática que me disse: *eu mostro-te o essencial e tu desenrascas-te porque vou voltar para o meu país.* «Não toquei no primeiro disco dos Kassav', mas trabalhei para o segundo e sobretudo para o de Jacob, o terceiro Kassav'. A primeira canção que interpretei foi no primeiro álbum de Georges Decimus. O seu título, *Chiré*. «Eu sou o que acalma as coisas nos Kassav', não

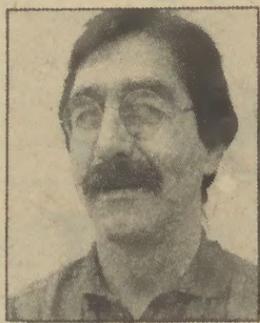
gosto quando fica tudo muito agitado. Nos Kassav' aprendi a viver em comunidade: compreender, aceitar, dar, não são coisas assim tão evidentes, e os Kassav' trouxeram-me tudo isso».

Melhor recordação:

«Se tenho que mencionar uma, então foi no Carbet, na Martinica. Deixei-me agarrar e caí no meio da multidão. Saí sem sapatos nem meias. Tive o maior medo da minha vida. Quando dei a mão, houve alguém que me puxou com força; quando não estamos à espera de nada disso, e nada de mal acontece, então apercebemo-nos da força dos Kassav' nas Antilhas. A minha primeira preocupação é de que a nossa música, acima de tudo agrade nas Antilhas».

Recordação desagradável:

«As más recordações passam. Não me lembro delas».



Claude Thirifays

Saxofone
Nascido a 10 de Setembro em Namur (Bélgica), de nacionalidade francesa
Signo: Virgem
Cor preferida: azul

Paris?

«Adoro Paris. Vivo cá há quinze anos. Sinto-me parisiense e estou bem aqui».

Gostos musicais:

«A grande música, Debussy, Stravinski. O funk, do lado metálico da coisa, e o *zouk* evidentemente. O jazz, é a raiz. Com os grandes do sax: Parker, Coltrane, e na actualidade Mike Braker e David Sanborn. Bastante clássico, não?»

Paixões:

«O ski. E a História. Se não tivesse feito música, teria estudado História. Pode parecer um bocado fora de moda, mas gosto da História em geral, sem uma época em particular».

Kassav':

«Os metais do grupo propuseram-me que fosse com eles porque faltava um sax. Como a música das ilhas me agradava, e mesmo não sabendo bem o que faziam os Kassav' respondi *presente* e comecei no Haiti durante a queda de Duvalier em 86. Como baptismo não estava mal. «Sou do signo da Virgem, os Virgem são muito reservados e nos Kassav' deixo-me ir. É uma música que me permite exteriorizar. Sempre adorei as viagens, mas o lado musical também me apaixonou. Já tinha feito parte de um grupo, quando tinha dezassete anos toquei no trio de André Brasseur. Tocávamos *Rythm'n' Blues* e tínhamos muita saída no Norte da Europa. Depois fiz sessões, cabarets, mesmo o Lido, variedades. Quando conheci os Kassav', eu não estava entre os cabeças de série, mas mesmo assim trabalhava muito. Sou feliz nos Kassav', mas gostaria que os metais se integrassem mais na dança e no canto. «Ao princípio não compreendia muito bem como é que isto funcionava. Quando me diziam uma determinada hora, eu chegava exactamente à hora, como estava habituado, e finalmente fiquei com a impressão de que mesmo que cheguemos atrasados tudo acaba por se arranjar: os aviões



esperam... «Há uma coisa de que gosto muito, é a espontaneidade que redescubro, e creio que possa aprender muito com os antilhanos de Kassav'».

Melhor recordação:

«O Zénith 86: não esperava uma tal coisa em Paris. E o que me dá muito prazer agora é ver na sala várias manchas brancas a desentorpecer as pernas».

Recordação desagradável:

«No Haiti, no Cap-Haitien. Tive a impressão de chegar mesmo ao fundo. Um verdadeiro pesadelo. Foi no mês de Agosto de 86 numa boite ramelosa, muito suja e que cheirava mal. Estávamos dezasseis em palco, numa espécie de prancha cheia de buracos por todo o lado, e as pessoas nem sequer olhavam para nós. Estávamos entregues a nós próprios, e foi duma tristeza... Sentimos vontade de fugir. Assustador!»



Claude Vamur

Bateria
Nascido a 18 de Novembro de 1950 em Saint-Anne na Guadalupe
Signo: Escorpião
Cores preferidas: «o azul-esmalte (a felicidade), e o vermelho (na festa de Saint-Anne, jogava sobre o vermelho e ganhava muita vez)»

Paris?

«Uma necessidade. Gostei durante um tempo, mas sinto vontade de ir embora. Estou cá desde 1969».

Gostos musicais:

«O jazz, o funk, as variedades americanas, Stevie Wonder e George Benson. Quanto a bateristas. Roy Haines, Art Blakey, Peter Erskine, Tony Williams, Max Roach, Steve Gadd, Harvey Mason».

Paixões:

«O desporto. Jogging e karaté. O jogging é o bem-estar do corpo, o equilíbrio».

Kassav':

«Não tinha ouvido falar deles. Encontrei várias vezes em Paris o Pierre-Édouard Decimus, que me dizia: *tenho coisas para fazer, tenho coisas para fazer, chamar-te-ei, vamos trabalhar juntos.* Mas nunca mais me chamava. Eu trabalhava com Manu Dibango e muitos músicos africanos. Foi Jacob que me chamou para participar em alguns concertos. Mas eu nem sequer sabia que havia discos dos Kassav'! Foi durante o episódio de Soukoué Kô em 83, o princípio das tournées. Fizemos o carnaval. Na Martinica vivíamos todos juntos em Sainte-Luce, e era como se nos conhecêssemos desde sempre. Um ambiente que se mantém. «A única coisa que é um bocado assustadora é o

nosso sucesso. Por exemplo, na Costa do Marfim, senti que os Kassav' atraíam todo um povo. Isso já me tinha acontecido como Manu Dibango na época de *Soul Makossa* na Apollo de Harlem, mas sobre os Kassav' eu dizia a mim próprio; somos antilhanos, isto é uma coisa de antilhanos, mas agora que está a crescer será que vamos aguentar-nos! É tudo tão fácil, pensamos sempre que temos tempo, mas às vezes as coisas passam-nos ao lado. Tive receio... E a nossa lentidão causa-nos alguns problemas. Mas o mínimo pode ser previsto: é preciso que nos rodeemos daqueles que nos podem permitir avançar, o que nem sempre foi o caso. O grupo levou demasiado tempo. E será que agora está bem rodeado, eu não sei?...»

Melhor recordação:

«O primeiro Zénith: muito forte».

Recordação desagradável:

«Não tenho nenhuma. De cada vez que subimos ao palco explodimos».

in CONRATH, Philippe.
«KASSAV' - Le Clube des Stars. Seghers: Paris, 1987

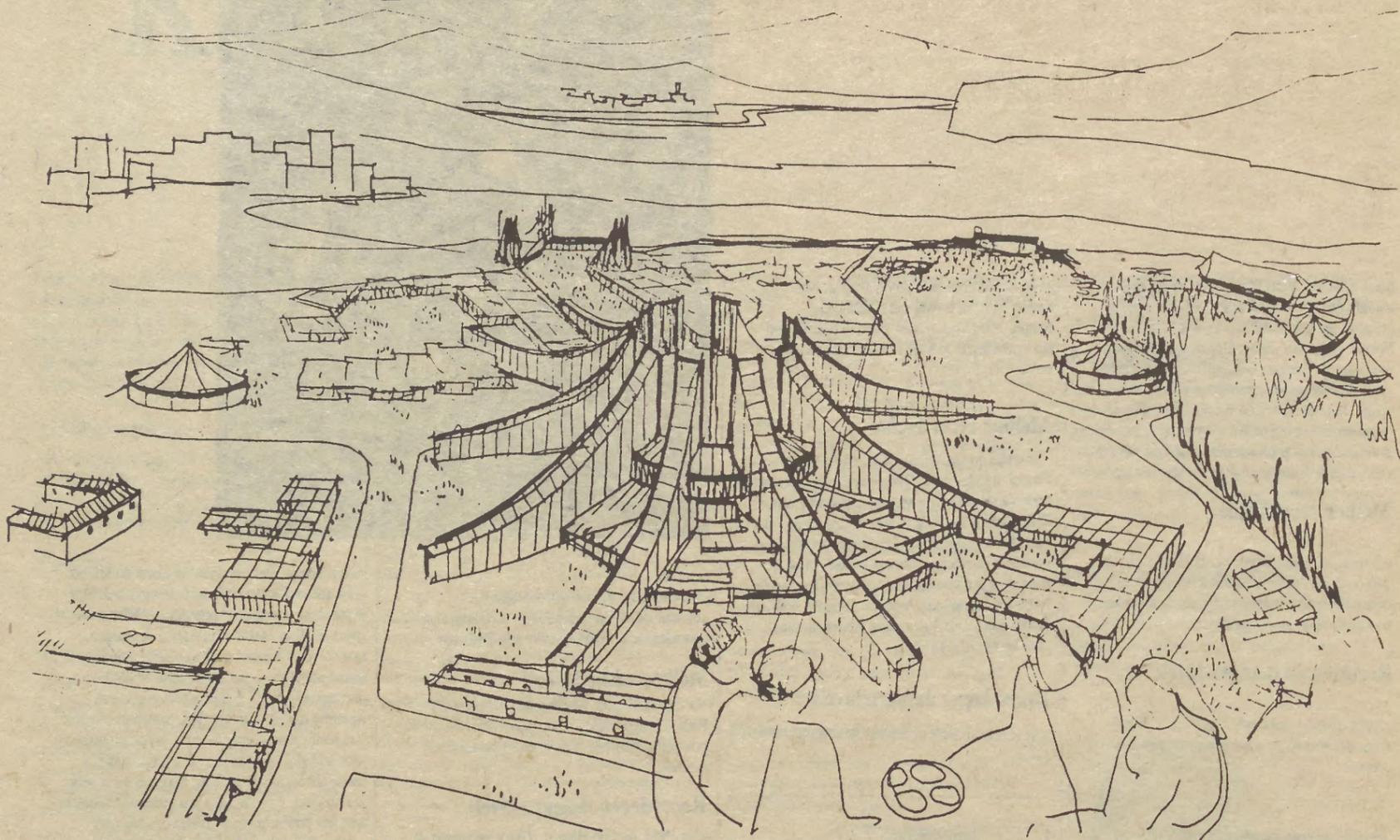
Para a semana:



Otis Grand and The Dance Kings



Setembro aproxima-se



Um pormenor da Festa/89

... por tudo isto vale a pena ir a Loures

Pela sua dimensão, pelo número de iniciativas que acolhe, pelo nível e qualidade do seu programa cultural e político, pelo convívio e confraternização que estimula e pela sua grande assistência, a Festa do «Avante!» é reconhecidamente a maior manifestação política e cultural que se realiza no nosso País. Este ano, — na sua 13.ª edição — a Festa vai realizar-se numa altura particularmente importante da vida nacional. É a primeira grande iniciativa de âmbito nacional a ter lugar depois das eleições para o Parlamento Europeu. É também no pós-férias, o preâmbulo de uma nova batalha eleitoral, pelo Poder Local democrático. E tudo isto quando se regista a continuação de uma larga e intensa luta social, abrangendo camadas muito amplas e diversificadas, à volta de questões económicas, sociais e culturais. E também um

Serviços de apoio aos visitantes

Estarão à disposição dos visitantes diversos serviços de apoio: um «hospital» para prestação de pequenos serviços médicos e de enfermagem, cabines telefónicas, postos de informação, pontos de encontro, restaurantes centrais mais bem equipados e com maior capacidade de lugares sentados, bares de apoio ao palco principal e à zona de entrada, instalações sanitárias, etc.

debate dinâmico entre sectores democráticos. Para além do mais, a Festa do «Avante!», como grande jornada de vivência e convergência, é o local por excelência do convívio e do conhecimento das realidades sociais, culturais e políticas de todo o nosso País e também do Mundo. Os colóquios, os debates, as exposições

serão olhos e ouvidos para o Mundo... colocados na Quinta do Infantado, «aqui» a dois passos de Lisboa.

Pavilhão central, exposições e colóquios

Nas exposições do Pavilhão Central — sobre o PCP e a sua intervenção na sociedade portuguesa e sobre o Poder Local democrático e as realizações da CDU — será apresentado um vasto conjunto de informações sobre a vida política, económica e social portuguesa e sobre as propostas e a actividade do PCP. Um mural-vídeo (vídeo-wall) com 16 imagens simultâneas projectará um programa sobre o PCP e a sociedade portuguesa. Numa área de informação computadorizada poderão ser consultados bancos de dados sobre a actividade do PCP, as suas estruturas orgânicas, os seus Estatutos e o seu Programa. No Fórum, para audiências maiores, ou noutros espaços mais informais, decorrerão colóquios e debates sobre temas actuais.

6.ª Bienal de Artes Plásticas: a festa do olhar!

A Bienal de Artes Plásticas, outra iniciativa sem paralelo na vida cultural portuguesa, reuniu nas suas 5 anteriores edições centenas de artistas plásticos nacionais, dos consagrados aos estreantes, num estimulante convívio da arte com um público, único na sua dimensão e diversidade social e cultural. Nesta sua 6.ª edição contará com presenças estrangeiras, em exposições autónomas de características quase inéditas em Portugal. Todos os artistas nacionais, independentemente de escolas, tendências, estilos ou correntes estéticas poderão participar nesta Bienal, sendo 30 de Julho a data limite

para a entrega das obras. O Regulamento e as fichas de inscrição poderão ser levantados em todas as sedes distritais do PCP e em Lisboa no CT Vitória (Av. da Liberdade, 170) ou na sede da Bienal (Av. António Serpa, 26, 3.º, Dt.º-Ft.º).

Avanteatro — 3 dias de bom teatro!

Companhias portuguesas de primeiro plano e, em estreia no nosso País, o Grupo de Pantomina do Deutsch Theater, de Berlim, prosseguem este ano a magnífica tradição de proporcionar aos visitantes da Festa a fruição de um cuidado programa teatral, em espaço próprio — o «Avanteatro» — no decurso dos 3 dias que a Festa dura. Atenção, pois, ao velho solar rosa do Infantado.

Cidade Internacional — espaço de solidariedade!

A solidariedade com a Namíbia e com os países da África Austral é o tema central do novo espaço onde ficará instalada a Cidade Internacional da Festa. Constituída pelas representações de órgãos da Imprensa congénere de todo o mundo, convidados do «Avante!», será uma oportunidade para se tomar contacto directo com a cultura, a luta e as tradições de povos de todos os continentes, com realidades particularmente em foco: países socialistas, movimento comunista internacional, movimento de libertação nacional. *Stands* com exposições, venda de artesanato e materiais diversos, restaurantes, bares e cafés com gastronomia oriunda dos respectivos países, pequenos palcos para atuações de artistas e conjuntos de música tradicional, tornarão num grande ponto de atracção da Festa este espaço de solidariedade internacional.

Cidade da Juventude — a aposta na criatividade!

Espaço jovem, dinâmico e participativo — é o mote sob o qual se vão promover e desenvolver as iniciativas na Cidade da Juventude. Destacamos os concursos «Tomar a Iniciativa» este ano virado para a BD, ilustração e *cartoon*, e o de «Artesanato», para trabalhos de adereços em metal. Para ambos os concursos, os pedidos dos respectivos regulamentos e fichas de inscrição podem ser feitos na sede central da JCP — Rua Sousa Martins, 8, 1000 Lisboa, de 1 de Agosto a 1 de Setembro. Os premiados terão direito a uma visita a um país socialista. Em local próprio da Cidade da Juventude poder-se-ão apreciar e eventualmente comprar as peças e trabalhos admitidos nestes dois concursos.

Portugal, do Minho aos Açores!

Distribuídos pelo recinto da Quinta do Infantado, haverá espaços próprios para as representações das organizações regionais do PCP de todo o país, onde além de exposições de temática política e social das respectivas regiões se poderão apreciar objectos e colecções, testemunhos do nosso rico património cultural. Desde uma casa rural tradicional do séc. XIX, da Chamusca, até peças de cristal saídas das mãos de gerações de artífices da Marinha Grande. Mas os visitantes da Festa poderão ainda apreciar diversas reconstituições: do barco rabelo, do elevador de St.ª Justa, do castelo do imaginário setubalense, de uma rua de uma aldeia alentejana projectada para o futuro, etc. Outros sectores, como as crianças, as mulheres, os reformados, os deficientes e os emigrantes terão também espaços próprios animados com exposições, vendas de artesanato, bares e locais de diversão. ■

É fácil fazer a inscrição para a **Corrida** de 10 de Setembro

Estão a decorrer as inscrições para a II Corrida da Festa do «Avante!», prova integrada no calendário da Federação Portuguesa de Atletismo, que terá lugar no dia 10 de Setembro, com um novo percurso de 16 800 km: Festa do «Avante!»-Odivelas-Campo Sportivo de Loures. Aberta à participação de todos os atletas com idade mínima de 16 anos, federados ou não, de ambos os sexos, a Corrida está a suscitar vivo interesse, prevendo-se uma boa participação. Às 9.30 horas do dia 10 de Setembro será dada a partida junto à entrada principal da Festa (Quinta do Infantado, em Loures), seguindo o percurso por Loures (R. da República), Estrada Nacional n.º 8, Mealhada, Santo António dos Cavaleiros, Flamenga, Póvoa de Santo Adrião, Olival Basto, Odivelas (R. dos Bombeiros Voluntários, Rua D. Dinis, R. Caldas Xavier), Póvoa de Santo Adrião, Estrada Nacional N.º 8 em direcção a Loures e meta no Campo Sportivo de Loures. Os vencedores absolutos da prova

(feminina e masculino) serão premiados com viagens turísticas à URSS, com a duração de uma semana, no Verão de 1990. Os primeiros classificados receberão «tee-shirts», os primeiros cinco de cada escalão e as 20 melhores equipas terão troféus ou taças, e todos os atletas que terminarem a prova, independentemente da sua classificação, receberão diplomas de participação e uma Entrada

Permanente (EP) na Festa do «Avante!». As inscrições são gratuitas e estão abertas até 4 de Setembro, podendo ser efectuadas pessoalmente, na Av. António Serpa, 26-2.º Esq. - 1000 Lisboa, das 9.30 às 13 e das 14 às 18.30 horas, ou pelo correio - com entrega do dorsal no dia da Corrida - para a mesma morada, em carta endereçada à Corrida da Festa do «Avante!». ■



CORRIDA DA FESTA DO AVANTE 1989

FICHA DE INSCRIÇÃO INDIVIDUAL

Preencher com letras MAIÚSCULAS ou, de preferência, à MÁQUINA

NOME _____

NASC. _____
DIA MÊS ANO

EQUIPA _____

SEXO (assinalar com X) Masc. Fem.

MORADA _____

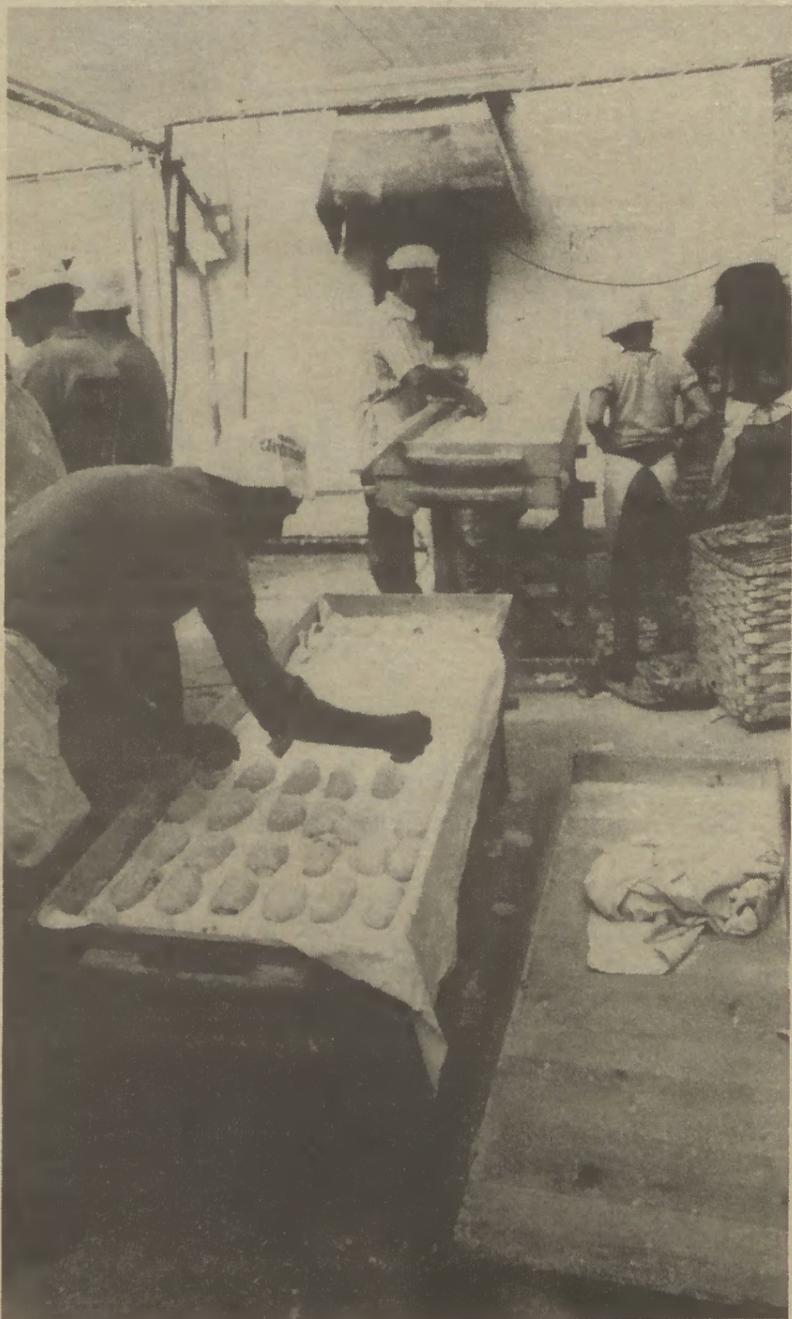
CÓD. POSTAL _____ CONCELHO _____ DISTRITO _____ TEL. _____

_____ DORSAL _____ ESC. _____

NASC. _____

EQ. _____

SEXO _____



A sair do forno...

Na edição do ano passado foi um êxito. E os camaradas da Organização Regional de Leiria (ORLEI) pensaram — e bem — manter este ponto de atracção. É o forno, que vai trabalhar em permanência nos três dias da Festa, fornecendo um saboroso pão quente com chouriço... Se é apreciador, procure a ORLEI... e bom apetite!

Procure lá na Festa...

Desporto

O basquetebol, as damas e a ginástica são as modalidades que este ano terão representação internacional na Festa, expressa na participação de equipas e desportistas vindos da URSS (basquetebol e damas) e RDA (ginástica). Mas outras modalidades estarão presentes na zona do desporto: o futebol de salão, o xadrez e o chinquinho. Entretanto, no Infantado, está praticamente concluído o trabalho de implantação do polidesportivo, que contará com um bar de apoio.

Folclore

Este ano, e num palco adequado, passarão pela Festa ranchos folclóricos de notória qualidade dos distritos de Santarém, Lisboa e Setúbal. Compartilharão este espaço com grupos circenses e bandas filarmónicas, com destaque para a Banda da Associação dos Bombeiros Voluntários de Loures que dará o concerto inaugural.

E porque a Festa apela à participação activa dos visitantes, à noite a dança é para todos, com conjuntos a animar bailaricos populares.

Artesanato e não só...

Filigranas de Gondomar, peles de Grândola, cristais da Marinha Grande, louças de Almansil, cerâmica de Trás-os-Montes, Minho, Estremoz, Redondo, Moura, Aviz, Évora, Coimbra e Caldas da Rainha, são alguns exemplos de produtos regionais que se poderão adquirir, a preços convidativos, na Festa do «Avante!».

Dos Açores virão ainda cigarrilhas, charutos, louça da Lagoa, aguardente, chá gorreana, vinho Cavaco, vinho de verdeho, licor de maracujá e angelina e objectos em osso de baleia. Da Madeira, além dos vimes, haverá ainda aguardente de cana e vinho da Região.

Parque de diversões mecânicas

Pista de automóveis, carrocel, twister, aviões, montanha russa, pista e carrocel infantil formarão uma mini-feira popular dentro da Festa na zona da várzea, que será apoiada por um bar. A «Grande Roda» completará o conjunto destas atracções e permitirá uma visão área da Festa.

Espaços de convívio

Tanto o palco e o «Café da Fraternidade», na zona de Setúbal, ou o pub no barco rabelo do Porto, como os cafés-concerto da Cidade da Juventude, de Lisboa e de Santarém, a discoteca e o Fado de Abril de Lisboa, são nomes diferentes que no fundo têm o mesmo significado — espaços de diversão e de convívio, de contacto mais directo entre o público e os artistas.

Petiscos

Em dezenas e dezenas de bares, restaurantes e esplanadas haverá petiscos e vinhos vindos de todo o País.

Enspado de borrego à alentejana, caldeirada de Sines, caldeirada de enguias fritas do Seixal, arroz de tamboril de Setúbal, arroz de marisco do Algarve, sopa de pedra de Almeirim, arroz de cabidela do Porto, leitão da Bairrada, camarão do Algarve e mariscos de Sesimbra são alguns dos muitos pitús que os visitantes da Festa poderão encontrar no Infantado. Haverá ainda feijoada à transmontana, presuntos e enchidos da Guarda, queijo da Serra, polvo, batata cozida com massa de malagueta, morcela frita e caldo de peixe à moda dos Açores, carne de vinha de alhos com milho frito, da Madeira.

As ricas doçarias da região de Aveiro, Abrantes, Rio Maior, Algarve e Trás-os-Montes também podem ser saboreadas na Festa. Tal como os vinhos da zona do Dão, da região demarcada do Douro, de Coimbra, Alentejo, Ribatejo, Algarve, do Fundão, Covilhã, C. Rodrigo, Pinhel e os vinhos dos Açores e da Madeira.

Estamos quase no mês de Agosto. Em termos de Festa do «Avante!» isso significa que as organizações e os militantes do Partido vão dar novos impulsos às tarefas que o grande convívio de Loures exige. Salientamos aqui duas dessas tarefas: o trabalho de implantação e a venda da EP.

Nos terrenos da antiga Quinta do Infantado as coisas avançam, destacando-se o significado das Jornadas de trabalho voluntário especialmente ao fim-de-semana. Toda a mão-de-obra é necessário, a começar pelos electricistas, carpinteiros e montadores de andaimes e por todos quantos, solidariamente, oriun-



dos das mais variadas profissões, queiram dar uma ajuda na construção da Festa.

Sobre a EP (atenção ao sorteio de 6 de Agosto), duas palavras para sublinhar a importância de que se reveste a sua venda no período anterior à Festa. A venda da EP é o suporte financeiro da Festa do «Avante!». Para responder aos encargos que o convívio de Loures suscita é fundamental o produto da venda das Entradas Permanentes. Estamos perante uma tarefa colectiva, onde desempenha papel de relevo a imaginação, a combatividade e o empenhamento individual dos militantes comunistas e de outros amigos da Festa.

Vamos dar uma ajuda! ■

Militantes e amigos do PCP erguem a Festa e dinamizam a venda das EPs

EP entrada permanente

correspondente ao valor de **850\$00**

O valor desta EP é uma contribuição para a realização da Festa do «Avante!»

1. À entrada da Festa será destacado desta EP (que deve ser apresentada) o talão do dia respectivo.

2. Para sair e voltar a entrar nesse mesmo dia peça quando sair uma **senha de saída** apresentando a EP. À entrada, a senha de saída só é válida mediante a apresentação da EP.

3. As senhas de saída são distribuídas individualmente em todos os dias da Festa.

4. Só a EP é que dá direito à senha de saída.

Conserve este talão que dá direito a participar na distribuição de brindes no dia 6 de Agosto de 1989.

